

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Saúde Sociedade e Ambiente

Polliane Rocha da Cruz Moraes

**CULTURA E SABERES: Cuidados com a saúde em Senador Modestino Gonçalves -
Minas Gerais**

Diamantina

2016

Polliane Rocha da Cruz Moraes

**CULTURA E SABERES: Cuidados com a saúde em Senador Modestino Gonçalves -
Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Saúde Sociedade e Ambiente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: Prof. Dr. Silvia Regina Paes

COORIENTADOR: Prof. Dr. Alan Faber do Nascimento.

Diamantina

2016

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

M827c Moraes, Polliane Rocha da Cruz
 Cultura e saberes: cuidados com a saúde em Senador Modestino
 Gonçalves – Minas Gerais / Polliane Rocha da Cruz Moraes. –
 Diamantina, 2016.
 114 p.

 Orientador: Silva Regina Paes
 Coorientador: Alan Faber do Nascimento

 Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação
 em Saúde, Sociedade e Ambiente) - Universidade Federal dos Vales do
 Jequitinhonha e Mucuri.

 1. Comunidades tradicionais. 2. Saberes. 3. Saúde. I. Título
 II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 362.1

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

POLLIANE ROCHA DA CRUZ MORAES

CULTURA E SABERES: Cuidados com a saúde em Senador Modestino Gonçalves. Minas Gerais

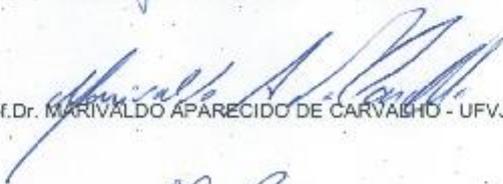
Dissertação apresentada ao
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM SAÚDE, SOCIEDADE E
AMBIENTE, nível de MESTRADO
como parte dos requisitos para
obtenção do título de MESTRE

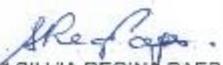
Orientador : Prof.ª Dr.ª Silvia Regina
Paes

Data da aprovação : 25/08/2016


Prof. Dr. WELLINGTON DE OLIVEIRA - UFVJM


Prof.ª Dr.ª RUBIA REGINA GONCALVES SIVIERI - USP


Prof. Dr. MARIVALDO APARECIDO DE CARVALHO - UFVJM


Prof.ª Dr.ª SILVIA REGINA PAES - UFVJM

DIAMANTINA

Dedicatória

Dedico a todos que fizeram parte deste trabalho, em especial a minha mãe e meu pai (*in memoriam*), as minhas seis irmãs, meu irmão, meu marido e meus queridos sobrinhos e sobrinhas.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder oportunidades e me guiar nos caminhos da vida. A minha família pelo incentivo o meu pai (*in memorian*) por me ensinar a ser digna, honesta e corajosa. Aos sábios colaboradores da pesquisa e ao Senhor Gaspar Sales que hoje habita no reino dos céus. Tenho profundos agradecimentos também a equipe do Mestrado Saúde Sociedade e Ambiente, a equipe PRPPG, a UFVJM e por fim aos meus queridos orientadores Professora Doutora Silvia Regina Paes e o Professor Doutor Alan Faber do Nascimento.

“Pra quem tem fé água fria é remédio”

Mercês

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo detalhar as práticas alternativas de saúde na cidade de Senador Modestino Gonçalves em Minas Gerais; a preocupação com a continuidade dos saberes tradicionais, e ainda, identificar quais os fatores que influenciam o uso das práticas e técnicas de benzeção com a utilização de plantas medicinais e orações. Foi feito um levantamento e descrição do tratamento de picada de animais venenosos como cobras, aranha e escorpiões feitos pelos benzedores locais. A metodologia utilizada foi a da História Oral a partir de entrevistas com benzedores, benzedoras, raizeiros e usuários dos tratamentos. Para coleta de dados foram entrevistadas 25 pessoas, moradores de comunidades rurais e urbanas de Senador Modestino Gonçalves. O levantamento detalhado das técnicas de cura realizada pelos benzedores locais levou à compreensão da complexidade dos tratamentos que, além de serem realizados para a cura física, são também, aplicados para tratamento de males espirituais. As reflexões sobre a medicina convencional hegemônica e a advinda das comunidades tradicionais estiveram presente neste trabalho, para diferenciar uma da outra. A medicina acadêmica despreza a esfera espiritual nos tratamentos de cura o que não acontece por parte dos benzedores. A dimensão espiritual faz parte do tratamento e se expressão através das orações.

Palavras chave: Comunidades tradicionais, saberes e saúde.

ABSTRAT

The research aimed to identify alternative health practices in the city of Senador Modestino Gonçalves, Minas Gerais; factors that influence the use of these practices. The methodology used interviews with healers, herb doctors and users of these treatments. For data collection, we interviewed 25 alternative health providers and users living in rural and urban communities of these Senador Modestino Gonçalves. The detailed study of healing techniques performed by local healers led to the understanding of the complexity of treatments, besides being conducted to the physical healing, it is also applied for the treatment of ailments spirit. Reflection on the hegemonic conventional medicine and which come from traditional communities were present in this work to differentiate from each other. Academic medicine neglects the spiritual sphere in healing treatments which does not happen by the healers. The spiritual dimension is part of the treatment and expression. Through prayer

Keywords: traditional people, knowledge and health

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVO GERAL.....	17
2.1 Objetivos específicos.....	17
3 BASE PARA UMA COMPREENSÃO TEÓRICA.....	18
3.1 Medicina popular.....	21
3.2 Benzeção e cura.....	24
3.3 A fé cura.....	29
3.4 Terapias com plantas medicinais.....	31
3.5 O repúdio à medicina popular.....	34
4 METODOLOGIA APLICADA.....	36
4.1 Coleta de dados.....	37
5 APRESENTAÇÃO DISCURSIVA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	38
5.1 A natureza e os saberes tradicionais.....	40
5.2 Plantas medicinais e os saberes tradicionais.....	49
<i>5.2.1 As plantas e as doenças sobrenaturais.....</i>	<i>58</i>
<i>5.2.2 Tratamentos de animais com plantas medicinais.....</i>	<i>60</i>
5.3 Tratamento de picada de animais venenosos.....	62
5.4 Benzeção e saúde.....	72
<i>5.4.1 Tipos de benzeções.....</i>	<i>74</i>
<i>5.4.2 Benzeções e as doenças físicas.....</i>	<i>74</i>
<i>5.4.3 Benzeções e as doenças sobrenaturais.....</i>	<i>79</i>
<i>5.4.4 Usuários da medicina tradicional popular.....</i>	<i>81</i>
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89

8. GLOSSÁRIO.....95

9. APÊNDICE.....96

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado do projeto CULTURA E SABERES: Cuidados com a saúde em Senador Modestino Gonçalves - Minas Gerais que teve como objetivo geral fazer um detalhamento das práticas alternativas de saúde e foi realizado em Senador Modestino Gonçalves – SMG.

Senador Modestino Gonçalves é um povoado situado no Alto Vale do Jequitinhonha a margem direita do rio Araçuaí, foi elevado à categoria de freguesia com o nome de Nossa Senhora das Mercês do Arassuahy pela lei número 1997 em 14 de novembro de 1873. Consta também no livro de tombo criado em 20 de julho de 1912 pelo padre Transfiguração que, a antiga Mêrces do Arassuahy é “bem montanhosa, seus terrenos muitos acidentados rasgados a cada passo pelos afluentes do Arassuahy, seus campos são poucos e pequenos, a maior parte das terras são de cultura [cutivo]. Dizem que em muitos lugares um alqueire de milho dá duzentos.....é fértil e produz quanto se planta são magnífico os produtos espontâneos da natureza” (LIVRO DE TOMBO N°12 p.3). Em 1891 a freguesia foi elevada a categoria de Vila, “Vila de Mercês de Araçuaí” e depois em 1938; a denominação foi alterada para Mercês de Diamantina. Em 1962 tornou-se cidade autônoma, pela lei n°2764 com o nome de Senador Modestino Gonçalves (SMG) (ATLAS CULTURAL DIDÁTICO E PEDAGÓGICO, PRANCHA 18).

Segundo dados do IBGE Senador Modestino Gonçalves atualmente conta com uma população estimada em 4.484 habitantes. A economia da cidade é baseada na agropecuária advinda de pequenos produtores. Parte da produção é vendida em feiras na cidade principalmente aos sábados, com exceção do leite que é vendido para uma cooperativa. Em relação à educação dos habitantes da cidade, às escolas municipais se fazem presente em quase todas as comunidades rurais para o ensino das séries iniciais, já o ensino fundamental e médio é acessível à toda comunidade modestinense através de uma escola estadual com sede na cidade de SMG. No que tange a saúde, a população conta com uma Unidade de Saúde com clínico geral todos os dias da semana e alguns especialistas, algumas vezes na semana ou no mês. Em caso de doenças mais graves, os pacientes são direcionados para a cidade de Diamantina. Além disso, a unidade de saúde possui um laboratório para exames básicos e raios-X, possui também leitos para internações, sala de parto e uma farmácia popular com distribuição gratuita de vários medicamentos.

Apesar da cidade de SMG possuir tal estrutura citada anteriormente para atendimentos à saúde, os moradores da cidade buscam com frequência os tratamentos alternativos como benzeção, raizada e outros meios oferecidos pela medicina popular local para prevenir e curar às doenças. A fim de obter informações sobre o assunto, a pesquisa teve como objetivo detalhar as práticas alternativas de saúde presente na cidade de SMG, bem como investigar se há uma relação entre a permanência dessas práticas populares de cura com os problemas sociais e se há preocupação com a continuidade dos saberes. Identificar quais os fatores que influenciam o uso de tais práticas. E por fim detalhar o tratamento de picada de animais venenosos (cobras, escorpiões, aranhas), através da cura por curandeiros locais.

Alguns desses cuidados alternativos em saúde se fazem presente por toda parte do Vale do Jequitinhonha. Para investigação e registro destes saberes a metodologia da História Oral se destaca por recuperar aspectos culturais presentes em sujeitos sem voz ou inviabilizados perante a sociedade dominante. Para registrar os hábitos dos modestinenses, a pesquisa baseou na metodologia da História Oral utilizando a entrevista gravada como técnica. A pesquisa de campo contou com a participação de 25 moradores da zona rural e urbana de SMG. Foram entrevistadas tanto pessoas que praticam os tratamentos quanto os usuários da medicina popular local. Assim, foi possível perceber que os moradores de SMG mesmo com o avanço da medicina hegemônica eles não abandonaram às práticas alternativas de saúde.

Apesar de estarmos em meio a esse ciclo de condutas centradas na cura efetuada pela medicina ocidental, a pesquisa realizada instigou a pensar que não há somente um paradigma de curar às doenças e afastar os males, mas que há outros e, na medicina popular, a prevenção e tratamentos de saúde, seja a doença física ou espiritual, são feitos por meio de práticas seculares, de conhecimento empírico que a medicina moderna não conseguiu sufocar. Como por exemplo, benzimento, raizadas, curandeirismo, regras alimentares, repousos e outros. De acordo com Siqueira *et al* (2006), as terapias caseiras são realizadas para manter o estado de saúde próximo ao ideal (capacidade para trabalho, para lazer e etc), menciona ainda que estas práticas não convencionais de saúde, apesar de muitas vezes rejeitadas pela biomedicina, continuam sendo adotadas pela população. Esses métodos trazem resposta às enfermidades que vai além do que a biomedicina pode oferecer ao paciente.

Nesse contexto é importante problematizar que alguns autores consideram que essas formas tradicionais de tratamento são mais comuns nas áreas rurais, em localidades de difícil acesso à medicina moderna ou por questões socioeconômicas ou até mesmo devido ao

processo histórico de exclusão. Nestes lugares os conhecimentos tradicionais se encontram mais preservados.

Pensando na resistência destas práticas seculares de cura, o trabalho visou investigar quais os fatores que influenciam a continuação desses tratamentos, uma vez que a medicina científica moderna avançou muito nos últimos 200 anos e tem trazido acessibilidade a toda parte. Neste caso levantou-se a hipótese que tais tratamentos alternativos acontecem por serem tratamentos mais complexos, envolvendo o paciente como um todo, e até mesmo por trazer benefício e/ou a cura que a biomedicina não consegue alcançar, e não somente por questões socioeconômicas ou de acessibilidade.

Considerando tais fatores acima, esta pesquisa é de fundamental importância social e cultural, uma vez que foi feita em função da necessidade de registro dos conhecimentos culturais tradicionais existentes no Vale do Jequitinhonha. Estes saberes estão ligados à gastronomia, ao trabalho, à religiosidade e aos modos de vida em geral, que são específicos e passados de geração para geração. Assim como Carvalho (1999), considera-se a cultura importante para a constituição da ordem social, um processo constitutivo que cria diversos e específicos modos de vida. Assim a cultura passa a ser um campo que a sociedade inteira participa elaborando e expondo seus valores e signos através de ações sociais e costumes. As relações dos conhecimentos sobre saúde e doença das comunidades tradicionais estão relacionadas com a alimentação, a religiosidade e com as plantas medicinais. A saúde também tem haver com o território das comunidades e seu pertencimento a ele e pode levar à compreensão dos elementos que compõe a representação dos espaços culturais de cura. Além da relação entre cultura e natureza ser de fundamental importância para o conhecimento sobre saúde e cura.

Quanto à relevância científica do trabalho, é pertinente dizer que, a ciência moderna apesar de eficaz em resolver inúmeros problemas relacionados á doenças no dia a dia, ainda é uma ciência que não nos oferece todas as respostas quando o assunto se refere ao cuidado, prevenção e a manutenção da saúde. Fazenda (2008) nos relata que o avanço tecnológico e científico nos proporcionam impactos negativos como a carência de sabedoria que nos arrasta para um futuro terrível, diz ainda que esta ciência se mostra povoada de dúvida e incertezas, e que vivemos em uma época onde nós precisamos rever antigos conceitos com um conhecimento mais amplo e complexo da realidade.

Mas na busca contínua para combater os males do corpo e da alma, surgem os mais

diversos tipos de medicinas, crenças, simpatias e saberes, como a medicina preventiva oriental (chinesa e indiana), homeopatia e outros tratamentos herdados dos indígenas e africanos.

No Vale do Jequitinhonha é muito comum os tratamentos e prevenções feitas por membros de uma comunidade tradicional. Little (2010) considera os conhecimentos tradicionais como todos aqueles vindos dos povos indígenas, agroextrativistas, quilombolas, ribeirinhos e grupos sociais específicos. Tais povos possuem conhecimentos específicos no combate aos males que podem ser físicos ou espirituais e cada um recebe um tratamento específico. As mazelas que não têm explicação física como o quebranto, mau olhado, feitiços, inveja e outros, se usam plantas medicinais, orações e outros saberes que, em muitos casos, é necessário haver um cruzamento de várias técnicas de cura. Estas práticas de cura tradicionais do Vale do Jequitinhonha têm características em comum com os tratamentos orientais, como por exemplo, tratar o paciente e não a doença, ou seja, são medicinas que visam mais a prevenção que a cura. Além do mais, os tratamentos com a medicina popular, segundo os benzedores, vão muito além do efeito físico da cura, estes mestres afirmam existir um componente importante para que a cura seja efetuada, neste caso os mestres estão se referindo a fé.

No que se referem ao trabalho aqui apresentado, no segundo capítulo abordar-se-á sobre os objetivos propostos, enquanto o próximo capítulo faz-se uma revisão teórica com autores consagrados pela literatura brasileira. Em seguida explica-se-a o método e técnica pela qual a pesquisa foi realizada. Quanto aos resultados desta pesquisa, os mesmos serão apresentados em subtemas intitulados: A natureza e os saberes tradicionais; Plantas medicinais e os saberes tradicionais; Tratamentos de picada de animais venenosos; Benzeção e saúde. No primeiro subcapítulo dos resultados faz-se uma discussão entorno dos saberes tradicionais sobre saúde e sobre a natureza, onde é mostrado a interação da comunidade modestinense com a natureza e a saúde. Estas interações foram citadas por alguns entrevistados e estão relacionadas com o clima, com o comportamento dos animais, com o comportamento das plantas e com as fases da lua que estão relacionados com a melhora no plantio, na colheita e principalmente na saúde. O segundo subcapítulo intitulado “Plantas medicinais e os saberes tradicionais” mostra o conhecimento que os habitantes de SMG têm em relação às plantas medicinais. Tais conhecimentos sobre as plantas abrangem tanto a prevenção quanto a cura de doenças físicas e espirituais. As técnicas para coletas das plantas e o modo de preparo dos remédios, seja para humanos ou para os animais. O terceiro subcapítulo dá enfoque ao tratamento de picada de animais venenosos. Neste caso será apresentado as técnicas de

tratamentos como: a alimentação adequada, as crenças, as plantas medicinais utilizadas, além de como deve proceder ao tratamento. O quarto e último subcapítulo trata da intervenção popular para a cura do “espiritual”, ou seja, para como curar os males físicos e espirituais, que por sua vez, acometem as plantas, os animais e as pessoas. Estas intervenções são baseadas em gestos, orações, manuseios de plantas, objetos sagrados como terços, campainhas, imagens de santos e outros.

Através desta pesquisa, foi possível compreender, ações e saberes importantes da comunidade Modestinense, por meio das práticas em saúde realizadas pelos seus médicos benzedeiros e benzedeiros, raizeiros e raizeiras e outros que representam a garantia da sobrevivência da própria comunidade frente ao tratamento, muitas vezes, mal sucedidos, pela medicina hegemônica ou dominante. Os saberes de um determinado grupo social se dá a partir do que é considerado válido para aqueles indivíduos, muitas vezes pelo seu grau de eficácia. Assim estes povos vão constituindo sua própria identidade através de seus saberes e fazeres na sociedade. A identidade de pertencimento que favorece a integração e convivência dos membros da comunidade.

O trabalho aqui apresentado não tem a intenção de desvalorizar nenhuma das medicinas, seja ela de característica ocidental ou a de característica oriental. No entanto a pesquisa chama atenção para os métodos de tratamentos de saúde não capitalistas utilizados pelas comunidades tradicionais do Vale do Jequitinhonha. A medicina popular tradicional é um conhecimento específico, desenvolvido e compartilhado por tais povos. A crítica aqui apresentada à medicina ocidental refere-se também a uma estrutura que foi e ainda está sendo construída pela sociedade egoísta e consumista, como considera Illich (1975 p.6) “Uma estrutura social e política destruidora apresenta como álibi o poder de encher suas vítimas com terapias que elas foram ensinadas a desejar”.

Segundo o **Jornal Estadão uma pesquisa realizada** pela Consultoria IMS Health mostrou que alguns remédios como os analgésicos, por exemplo, estão em constantes disputas pelos fabricantes pelo seu elevado lucro. Esta linha de medicamento consumido mundialmente para controle de dores e febres é responsável por movimentar no mercado aproximadamente três bilhões de dólares anualmente. A população é a todo momento influenciada pelos seus fabricantes, através da mídia, a usar um medicamento que possui um custo relativamente baixo e de fácil acesso, sem ao menos expor os problemas de saúde que esta medicação pode trazer ao paciente. Embora a medicina seja um reflexo do capitalismo, é inegável dizer que a mesma é responsável pela salvação de vidas e um aumento bastante

considerável de longevidade da vida humana nos últimos tempos, assim como a qualidade de vida trazida aos seus dependentes. Como exemplo do que foi dito anteriormente, podemos considerar a redução de mortalidade infantil através de métodos desenvolvidos pela medicina, controle do vírus HIV através dos “coquetéis”, assim como o domínio de epidemias através de vacinação e outros cuidados produzidos e considerados pela medicina. Portanto a pesquisa não tem a pretensão de colocar ás medicinas (tradicional e científica) em posição de vantagem ou desvantagem, e sim, chamar atenção para a obstrução dos saberes tradicionais e os impactos negativos causados pela influencia do capitalismo.

2 OBJETIVOS

A pesquisa teve por objetivo fazer o detalhamento das práticas alternativas de saúde na cidade de Senador Modestino Gonçalves. Essas práticas alternativas podem ser configuradas como a benzeção, o conhecimento sobre plantas medicinais, e o clima. Além do registro da história local, futuramente será construído um material didático para serem disponibilizado aos participantes desta pesquisa para que saibam que as pesquisas científicas estão reconhecendo seus saberes e valores. Ainda pretende-se disponibilizar o resultado desta pesquisa nas bibliotecas estaduais e municipais, no sentido de chamar atenção dos estudantes para a importância de pesquisas em comunidades tradicionais e da continuidade dos saberes que faz parte da identidade local.

2.1 Objetivos Específicos

- Investigar se há uma relação entre a permanência dessas práticas populares de cura com os problemas sociais e se há preocupação com a continuidade dos saberes.
- Identificar quais os fatores que influenciam o uso de tais práticas.
- Detalhar o tratamento de picada de animais venenosos (cobras, escorpiões, aranhas) através da cura por curandeiros locais.

3. BASE PARA UMA COMPREENSÃO TEÓRICA

Desde os tempos mais remotos o ser humano luta por encontrar tratamentos eficazes para combater suas doenças e amenizar seus sofrimentos, os meios utilizados para alcançar uma boa saúde ou próxima ao ideal são os mais diversos, e podem variar de cultura para cultura. A busca da saúde perfeita sempre faz parte da cultura, seja ela ocidental ou oriental. A medicina oriental faz um procedimento mais completo, tanto para prevenir doenças quanto para tratar pessoas que estejam doentes. Os orientais, na maioria das vezes utilizam práticas naturais como: massagens, relaxamentos, uso de minerais, banhos, ervas medicinais como técnica de cura. Enquanto o ocidente, apesar de ter aumentado a expectativa de vida com o desenvolvimento tecnológico, ainda oferece limites, privilegiando mais o diagnóstico que a prevenção, com maior enfoque na cura, valorizando mais o corpo físico em detrimento das emoções e do afetivo dos pacientes (FOUREZ 1995).

Little (2010) apresentou características dos dois sistemas de conhecimento: o popular e o científico. Para Paul Little, os sistemas de conhecimento popular são construídos e controlados socialmente, baseados em uma junção de valores, normas específica do grupo, além de serem altamente sustentáveis. Para esse autor citado anteriormente, esse modo específico de fazer ciência mostra-se bastante diferente da ciência oficial, pois esta última, mesmo produzindo um conhecimento em grupo, é vendida como mercadoria na sociedade capitalista, o que não acontece na disseminação do conhecimento popular.

Luz (2005) considera inegável a importância de analisar práticas que não estejam relacionadas diretamente ao paradigma saúde-doença, e sim à prática que se relacionam com a vitalidade, bem estar e outros valores.

Uma viagem no tempo nos permite lembrar que até mais ou menos 500 anos atrás não sabíamos que o nosso entorno é composto por vírus e bactérias, que são vidas invisíveis a “olho nú”. Com novas tecnologias foi permitido saber e descobrir ainda mais sobre estes seres minúsculos, além dos benefícios e malefícios que estes seres trazem à nossa vida, o que pode ser desde as doenças até a autoimunidade. De acordo com Morin (2007) o pensamento ocidental assumiu o controle da ciência desde o século XVII, permitindo progressos ao conhecimento científico, mas as consequências começaram a aparecer no século XX. Segundo o mesmo autor, isso se deu em função do distanciamento da ciência com a filosofia, o que resultou na fragmentação da própria ciência. Na visão desse mesmo autor o que devia permanecer é o pensamento “complexo” por ser contrário ao que é fragmentado, repartido,

reduzido. Morin (2007) ressalta ainda que está cada vez mais frequente o uso do método de verificação empírico e racional da ciência ocidental, mas este conhecimento traz o progresso do conhecimento e também o erro, a ignorância e cegueira que mutilam a organização do conhecimento, impedindo o aprendizado da complexidade do real. Morin (2007 p.12) considera ainda que “a inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente...”

Quanto ao desenvolvimento da biomedicina, Almeida (2013) afirma que a terapêutica com a medicina sintética desestabilizam as relações “simbiônicas¹” presentes em nosso organismo. Nogueira (2013) expõe que o pensamento do médico grego conceituou *vis medicatrix natura*, como o poder de reconstrução e de se manter íntegro de cada ser, através de uma relação harmoniosa com outros seres. Ainda reforça que a própria natureza organiza seus meios de cura, sendo considerada uma formadora, mantenedora da saúde dos seres. Neste sentido Canguilhem (2005), estabelece uma diferença entre a medicina grega e medicina ocidental moderna, sendo a primeira totalizante e a segunda localizante.

O conhecimento através da medicina popular alternativa não é bem vista pela medicina hegemônica, principalmente quando influenciada pelo capitalismo. Santos (2007) diz que o pensamento ocidental é um pensamento abissal. O mesmo autor relata os termos “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”, sabendo-se que, a forma de fazer ciência “do outro lado da linha” é inútil e excluída pelo “lado de cá da linha”, o que a torna inexistente. Para Meneses a

“Constituição mútua do Norte e do Sul e a natureza hierárquica das relações Norte Sul permanecem cativas da persistência das relações capitalistas e imperiais. No Norte global, os ‘outros’ saberes, para além da ciência e da técnica, têm sido produzidos como não existentes e, por isso, radicalmente excluídos da racionalidade moderna. A relação colonial de exploração e dominação persiste nos dias de hoje, sendo talvez o eixo da colonização epistémica o mais difícil de criticar abertamente. A relação global etno-racial do projecto imperial do Norte Global vis à vis o Sul Global – metáfora da exploração e exclusão social – é parte da relação global capitalista. Esta hierarquização de saberes, juntamente com a hierarquia de sistemas económicos e políticos, assim como com a predominância de culturas de raiz eurocêntrica, tem sido apelidada por vários investigadores de ‘colonialidade do poder’. Uma das expressões mais claras da colonialidade das relações de poder acontece com a persistência da colonização epistémica, da reprodução de estereótipos e formas de discriminação”. (MENESES, 2008).

¹ Termo usado pelo autor para dizer que nosso organismo é composto por uma simbiose de bactérias e não invasores.

Neste sentido Illich (1975) apresenta críticas á medicina capitalista, que muitas vezes transforma o ser humano em um produto para o “mercado saúde” a ser explorado, defende ainda a necessidade da existência de ação política e jurídica para conter a medicina capitalista e sua falta de ética. Illich crítica ainda o poder que os profissionais da biomedicina têm em nos causar dependência de tais tratamentos, e com certo poder ainda de nos tirar a autoconfiança de enfrentar a doença sem uma medicina moderna. Esta dependência tende a empobrecer o meio social, diminuindo as possibilidades orgânicas e psicológicas de luta e adaptação que as pessoas possuem. E como não bastasse ainda coloca os indivíduos como culpados das doenças e das mazelas devido ao modo de vida não saudável, sem colocar culpa nas transformações da era industrial capitalista como, por exemplo, a poluição da indústria química, alimentícia e com o progresso da ciência dietética.

Illich (1975), afirma sobre a farsa que a medicina representa e o que ela vem formando na cabeça das pessoas em relação ao seu desenvolvimento e sua eficácia. Este mesmo autor diz que “o silêncio sobre a probabilidade desse perigo, mantido pelas oficinas de lanternagem humana, é nova manifestação pública da incapacidade da profissão médica de fazer uma profunda autocrítica, o que só pode trazer consequências sinistras para a sociedade” (ILLICH 1975, p.23). Alves (1981) também reflete sobre a imposição sobre a nossa capacidade de pensar imposta pelas ciências.

“O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam. Quando o médico lhe dá uma receita você faz perguntas? Sabe como os medicamentos funcionam? Será que você se pergunta se o médico sabe como os medicamentos funcionam? Ele manda, a gente compra e toma. Não pensamos. Obedecemos. Não precisamos pensar, porque acreditamos que há indivíduos especializados e competentes em pensar. Pagamos para que ele pense por nós. E depois, ainda dizem por aí que vivemos em uma civilização científica”. (ALVES, 1981, p.7).

Diante disso podemos dizer que são vários os fatores que influenciam a perda dos valores advindos das culturas tradicionais, sendo que as maiorias destes fatores estão ligados ao desenvolvimento industrial capitalista e a revolução científica. Embora tenhamos conquistas positivas com novas tecnologias que prometem a cura, elas são inacessíveis à maioria das pessoas que não tem recursos financeiros. A tecnologia médica também expõe sua face negativa por trazer outros transtornos causados pelo excesso de medicalização e seus efeitos colaterais.

3.1 Medicina popular

Segundo Souza (2013), a doutrina médica clássica chinesa considera que o adoecimento do ser humano é gerado por três fatores: os patogênicos externos, os internos e os que não são nem internos nem externos. Os externos são o vento, calor, clima, fogo, frio, muita ou pouca umidade do ar. Assim, a falta de adaptação faz com que o corpo sofra com o excesso de forças vindo da natureza. Os internos por sua vez, seria nada mais nada menos que as emoções, explicadas pelo medo, alegria, preocupação, tristeza, melancolia, etc. Considerando que cada uma destas emoções são geradas por algum órgão do corpo e tem capacidade de gerar problemas fisiológicos. O terceiro fator citado refere-se á a hábitos ligados à alimentação, ao sono e a sexualidade. Estes três fatores são essenciais para manter o ser humano saudável segundo a medicina clássica chinesa. As práticas terapêuticas que trabalham em cima desses três fatores são as terapias baseadas em vegetais, animais e minerais; acupuntura, massagens e outros exercícios. O autor ressalta ainda que a adaptação do homem depende da integração do mesmo com os ciclos da natureza. Considera que, o que interrompeu o ciclo desta medicina faz relação com a instauração da república da China em 1912, causando um aceleração da industrialização e modernização do Estado. Este processo político fez com que a medicina chinesa fosse avaliada como um retrocesso para a modernidade e, neste momento, a medicina chinesa não passava de um conjunto de crenças, o que ajudou a fortalecer ainda mais a ciência racional e medicina ocidental que várias vezes foi reafirmada como científica e, portanto, válida e verdadeira.

Fritjof Capra destaca a diferença dos métodos de análises entre a ciência racional e as práticas místicas.

O paralelo entre as experiências científicas e as práticas místicas pode parecer surpreendente face à natureza muito diferente destes modos de observação. Os físicos realizam experiências envolvendo um elaborado trabalho de equipe e uma tecnologia altamente sofisticada, ao passo que os místicos obtêm o seu conhecimento unicamente pela introspecção, sem quaisquer máquinas, na privacidade da meditação. As experiências científicas, além do mais, parecem ser produzíveis em qualquer momento e por qualquer pessoa, ao passo que as práticas místicas parecem estar reservadas a alguns indivíduos em ocasiões especiais. Um exame mais atento revela, não obstante, que as diferenças entre os dois tipos de observação se encontram apenas na sua aproximação, e não na sua íntima idiossincrasia ou complexidade. (CAPRA, 1989, p. 36).

Little (2010) ressalta que os sistemas de conhecimentos tradicionais estão incluso dentro da categoria ciência, pois existem várias maneiras de produzir conhecimento, porém cada um com seus métodos próprios. No entanto, as possibilidades de tais conhecimentos

serem isolados pela medicina moderna são enormes, considerando o financiamento capitalista para com a medicina moderna.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a “medicina tradicional” é um termo abrangente usado para referir-se as várias medicinas “complementares”, alternativa ou não convencional, como a medicina tradicional chinesa, a indiana ayurvédica e a medicina Unani árabe. E também, para as mais variadas formas de medicina indígena que foram desenvolvidas ao longo da história cultural asiática, africana, árabe e americana. A medicina tradicional inclui: terapias com ou sem o uso de medicamentos fitoterápicos, partes de animais e/ou minerais. Como exemplo, a acupuntura, terapias manuais e terapias espirituais (místicos e mágicos), mentais e corpo/mente. Ressalta ainda que estas medicinas tradicionais tiveram como fatores influenciadores, a história, as atitudes pessoais e a filosofia, sendo que, as práticas podem variar de região para região (WHO, 2002).

Além da OMS, alguns autores defendem que a medicina tradicional está cada vez mais presente na sociedade e nos últimos tempos têm sido muito requisitada pela classe média e alta. De acordo com Luz (2005) a medicina alternativa está bem frequente em países de primeiro mundo e nos países latino-americanos. O desenvolvimento de algumas medicinas alternativas se deu a partir da segunda metade da década de 1970 alcançando seu auge nos anos de 1980. A autora relata ainda que, a ampliação das medicinas alternativas está ligada a crise da medicina. Esta crise deve ser analisada sobre vários ângulos, tais como: problemas socioeconômicos e culturais e também a perda de valores humanos no campo da ética e da política. Essa autora explica que a explosão das várias medicinas alternativas faz relação também com a medicina racional, que proporciona um atendimento muitas vezes desqualificado ao paciente, o que faz com que o paciente vá em busca de terapias que priorizem o sujeito em seu todo, isto é, como um ser de corpo, mas também de alma.

Para a OMS, em muitos países desenvolvidos, o uso popular da medicina alternativa se dá por preocupação com os efeitos colaterais das drogas químicas, pois estas trouxeram maiores possibilidades de desenvolvimento de doenças crônicas e debilitantes, tais como: as cardíacas, o câncer, o diabetes e os problemas mentais. Além dos tratamentos e tecnologias não terem sido eficazes para muitos praticantes da medicina tradicional. No entanto, em alguns países o uso das mais variadas medicinas tradicionais, se dão por questões econômicas ou acessibilidades. Já em outras regiões a procura pelo tratamento alternativo não pode ser explicado por tais fatores descritos anteriormente, pois mesmo com a disponibilidade da medicina convencional, há grupos em vários países que gastam mais com a medicina

tradicional do que com a convencional. Se tratando de porcentagem, os dados disponibilizados pela OMS mostram que na África 80%, em média, as pessoas usam a Medicina tradicional e, em alguns países deste continente como Quênia, Mali e Gana, a população em geral não recorrem aos tratamentos com a medicina convencional, porque são de elevados custos. Outros continentes como, Ásia e América latina, a OMS garante que os praticantes da medicina tradicional popular destas regiões adotam tais métodos da medicina específica regional por circunstâncias históricas e crenças culturais. No Canadá o uso da medicina tradicional representa 70%, já na china 40% de todos os tratamentos são com a medicina tradicional. A OMS admite ainda que, em países europeus os cuidados de saúde com a medicina alternativa vêm crescendo cada dia mais, e pode representar até 75% de todos aos tratamentos solicitados, mesmo com disponibilidade e acesso facilmente a medicina convencional (WHO, 2002). De acordo com Figueiredo (2002), o crescimento por tratamentos alternativos como a acupuntura, massagens de shiatsu, florais, chás e tinturas de plantas medicinais pode fazer relação com a desconfiança dos tratamentos oferecidos pela biomedicina. Essa mesma autora ressalta ainda que, algumas práticas seculares estão sendo inovadas com a tecnologia médica atual.

Para Nascimento (2013), foram nas décadas de 1970 e 1980 que houve maior importação da medicina oriental, como a ayurvédica e tradicional chinesa e isso possibilitou que fossem observadas também as terapias tradicionais como as xamânticas e as ligadas a religião afro-indígenas, conhecidas também como práticas populares.

As medicinas tradicionais são na maioria das vezes consideradas como complementares, mas nem todas são complementares, pois em alguns casos o paciente alcança a cura somente através de práticas alternativas e não em conjunto com a da biomedicina, principalmente quando falamos da medicina popular (benzeção, banhos e descarregos), que estão relacionados ao espiritual, as moléstias em adulto e infantil. Os problemas espirituais que refletem na saúde não são levados em consideração pela doutrina médica clássica como um problema à saúde. Para os que praticam os tratamentos espirituais com os benzedores, relatam que os fatores espirituais interferem no sistema fisiológico. Para Barbosa *et al* (2014)

Além da medicina popular, modalidades não convencionais de assistência à saúde também recebem credibilidade e comprovam sua eficácia entre os usuários, sendo inclusive recomendadas pela OMS e reconhecidas oficialmente dentro do serviço público de saúde no Brasil (BARBOSA *et al* 2004, p. 38).

3.2 Benzeções e cura

A medicina popular brasileira é derivada de crenças herdadas dos portugueses medievais, africano, indígena e as práticas medicinais de povos antigos como os babilônicos, egípcios e islâmicos, Campos (1955) *apud* Souza (1988).

Os especialistas em medicina popular tradicional seja o benzedor, curandeiro ou raizeiros têm uma forte ligação com a natureza e a religiosidade. Neste sentido, só é possível obter sucesso em tratamentos de determinadas mazelas se houver um cruzamento ou conexão entre as práticas da benzeção com os remédios caseiros, os emplastos, os banhos, as orações e outros. Os tratamentos utilizam juntos ou separados as plantas medicinais, a água, os minerais acrescidos de orações que se relacionam com o poder da fé.

Vamos classificar terapias populares como sendo as benzeções, curandeirismo, raizeiros e outras práticas que fazem relação com estas linhas de tratamentos. As linhas que fazem conexão da saúde com o meio ambiente, com o presente e o ausente, o que é visível e invisível, material e imaterial, relaciona-se também com o que nos oferece força e o que nos tira força, sendo que tal força vem do espiritual, o que mais tarde influenciará em nossa força física, na habilidade, no emocional e na força psicológica como se observou ao longo da pesquisa.

Conceituo a benzeção como o resultado de uma combinação entre palavras sagradas, gestos e fé representada pela cultura popular brasileira que é passada de geração para geração. O ato “benzer” é manifestado na prevenção ou curas de doenças, isso tanto em animais quanto em seres humanos e plantas. Assim como todas as medicinas alternativas, a benzeção é complexa, considerando esta complexidade não com algo difícil e sim como a junção de vários fatores como explica Morin (2007), tais como o biológico, social, o cultural e o espiritual.

Para Carvalho (1999) o benzedor é aquele que faz tratamentos considerados mais simples, utilizando somente em benzeções ritualizadas mais curtas, isto é, benzeção para mau olhado, quebranto, inveja, dor de cabeça, sangramentos e outros. O curandeiro é um mestre que necessita de uma visão mais ampla, pois, em alguns de seus tratamentos é necessário a ingestão de plantas medicinais e para isso é necessário certa exigência de conhecimento sobre estes medicamentos.

Com relação aos raizeiros, eles possuem uma forte proximidade com a natureza, utilizando um conhecimento empírico e técnicas estratégicas para identificar plantas, raízes e

frutos que poderão curar certa enfermidade. Geralmente este tipo de tratador trabalha com a “garrafada”, onde o principal ingrediente é a cachaça ou o vinho branco.

As garrafadas são bebidas medicamentosas que tem como solventes bebidas alcoólicas, onde se adiciona vários tipos de plantas medicinais. Essas medicamentosas caseira tendo como Solvente vinho ou cachaça, água, mel ou “água Rabelo”, e partes de vegetais, cascas, frutos, folhas, raízes ou flores, secas ou verdes, os quais ficam em maceração de três a vários dias. Os raizeiros têm por prática enterrar a mistura. (DANTAS et AL, 2008, p.8).

Algumas técnicas são usadas nos tratamentos realizados através da benzeções, como: os banhos, simpatias, dietas alimentares e remédios, dias e horário da semana para realização das práticas e cura. No caso dos dois últimos, o método só pode acontecer fora do dia e horário comuns à prática, ou seja, somente podem ser realizadas em caso de emergência. No entanto, o benzedor é tido como um intermediador entre o homem e o ser superior, esta intermediação feita pelo benzedor não pode ser configurada como atividade de trabalho remunerado. O dom de benzer é divino e permitido por Deus, e considerado uma missão para se cumprir e, portanto não pode ser cobrada. O intermediador deve entender o ato como caridade e não como algo lucrativo. Borges *et al* (2009 p.262) estabelece que “as representações da benzeção como forma de cuidado estão ancoradas no sagrado, na fé e na necessidade de conexão do ser humano com o divino, numa teia em que se articulam as dimensões individual e social”.

As mazelas tratadas com benzeção podem ser tanto física quanto espiritual. As doenças causadas por influência sobrenatural são: o mau olhado ou olho gordo, inveja, vento virado e as bruxarias segundo os curandeiros. Já os males influenciados por causas físicas naturais que são tratados também com benzeção são: “Sol e sereno na cabeça²”, espinhela caída³, cobreiro⁴, engasgo, picada de animais venenosos, sangramento por cortes, bicheiras⁵, carne quebrada⁶, e “espin de bicho mau⁷”. Os problemas que mais acometem em plantas é o mau olhado ou olho gordo, já em animais geralmente é mais recorrente o engasgo, picada de

² Para os benzedores é um mal que as pessoas sofrem devido à exposição no sol e sereno, seria uma constipação, os sintomas são fortes dores na cabeça.

³ Mal que provoca desconfortos abdominais como: vômito, dores, mal estar e desânimo. Isso devido a pegar peso em excesso.

⁴ Mau que causa coceira e feridas leves, estas coceiras podem ser geradas de alergias de lagartos, cobras, aranhas e sapos.

⁵ Nome dado a feridas com larvas geradas dos ovos de moscas.

⁶ Torsões.

⁷ Ossos de lagartixas e cobras, porém como faz mal a saúde dos homens e animais ficou conhecido popularmente como espinhos de bicho mau.

animais venenosos e “espim de bicho mau”, sangramentos e “bicheiras” segundo o levantamento feito durante a pesquisa.

A pesquisa de campo e leituras realizadas revelaram que quebranto⁸ acontece sem a devida intenção e é muito comum em crianças, animais e plantas. Este mau, muitas vezes pode ser lançado até pelos próprios pais, parentes ou amigos que admiram demais os afazeres da criança, animais ou a beleza das plantas vistosas. O mau olhado e a inveja acometem também as plantas, aos animais e as pessoas. Esta energia é lançada quando alguém tem algo que é muito cobiçado pelo outro. Lembrando que nem todos que desejam algo que o outro possui conseguem transmitir esta energia ruim e sim boas energias. Uma diferença entre inveja e olho gordo é que, a primeira basta o invejoso saber que alguém possui algo desejoso por ele, e no segundo caso, para que o mal seja acometido é necessário enxergar o que é admirado.

Diversas técnicas de tratamentos são usadas por várias pessoas, tanto da zona rural quanto urbanas, para distanciar ou se livrar dos males sobrenaturais e naturais. Estes saberes aparentemente misteriosos e complexos estão relacionados com a religiosidade, com o meio ambiente que por sua vez são utilizados acessórios como: amuletos, palavras sagradas (oração), água, gestos, posição solar, calendário.

A relação da religiosidade e a cura se situam, não somente na autossugestão em que vai se curar, mas também na fé ou crença que será curado pelo seu superior (Deus), através dos instrumentos usados pelo intermediador que é o benzedor e outros. Mas uma pergunta se faz necessária: como os bebês são curados de algumas mazelas, já que eles não têm consciência de quem é o seu superior (Deus) e muito menos que está doente e vai ser curada por ele? Mas, algumas conversas com praticantes de benzeções trouxeram algumas respostas. Segundo eles, o espírito de uma criança, apesar de muito frágil, tem proteção angelical. Além disso, eles (bebês) não têm fé que será curado, mas seu espírito está aberto para receber a fé e boas energias emitidas por pessoas do bem, inclusive a do intermediário e de quem o acompanha no ritual. A religiosidade está inteiramente ligada à fé, que é emitida através de gestos e palavras sagradas que fazem relação tanto com a prevenção quanto a cura de males naturais e espirituais.

De acordo com alguns benzedores, para o alcance da cura é necessário existir a fé de ambas as partes, tanto do benzedor quanto de quem é benzido para o objetivo ser alcançado. Em relação a força tanto positiva quanto negativa que são emitidas através de fazeres e/ou

⁸

Mau advindo de energias emitida por outras pessoas.

palavras, pode-se perceber que nem sempre há necessidade das duas partes concordarem com a ação para que uma das pessoas padeça com o malefício ou usufrua do benefício. Como exemplo podemos citar as feitiçarias, que os benzedores alegam existir e que o paciente pode chegar a óbito, caso não realize um tratamento espiritual. Então deduz que, no caso da cura, duas energias positivas fazem com que a saúde seja reestabelecida com mais precisão, mas caso o paciente não tenha fé, ainda é possível restabelecer sua saúde através da fé do intermediador ou emissor de energia. Podemos basear este exemplo nos tratamentos feitos em animais, que mesmo sem sua fé a sua saúde é reestabelecida através da energia emitida pelas orações. Para um melhor entendimento exemplificaremos com as doenças advindas de energia ruim emitida por alguém através de energias ruins, considerando que o mal advindo de tal energia independe da vontade do “hospedeiro” e sim do emissor.

Em relação aos gestos podemos exemplificar com o modo de rezar o “credo ou creio em Deus pai⁹” com a mão esquerda na testa é um preventivo contra más energias como a inveja. Já em relação à doença física como a cura de bicheiras em animais, o tratamento é feito com oração e simpatias sobre rasto do animal, sendo eficiente até mesmo a distância. O estancamento de sangue também pode ser alcançado através de oração. As plantas, por sua vez, têm efeito curativo e preventivo. Para um incômodo chamado “sol e sereno na cabeça” é usado um copo com água e um galho de arruda¹⁰. É muito comum, quando o paciente está afetado por este mal o galho de arruda fique murcho no momento da oração. As plantas, como espada de são Jorge¹¹, guiné¹² devem ser usadas como preventivo de más energias e em banhos de descarrego¹³. Para o tratamento de “cobreiro” se usa talos de uma planta conhecida popularmente como mamona¹⁴ no momento da benzeção e oração. Para complementar o ciclo esses talos são picados e colocados em forma de corrente em um cordão e levado para secar de preferencia na fumaça. Assim, a medida que a corrente de talos verdes vão secando, o “cobreiro” também seca, inclusive este mal é considerado pelos tratadores como aqueles que a biomedicina não consegue curar, as vezes empaliar¹⁵ até que o próprio corpo se encarregue da cura.

Os amuletos feitos de plantas, chifre, dente de alho, crucifixo, contas de terço¹⁶, são

⁹ Oração cristã.

¹⁰ *Ruta graveolens*.

¹¹ *Sansevieria trifasciata*.

¹² *Petiveria alliacea*.

¹³ Banhos específicos para descarregar energia ruim.

¹⁴ *Ricinus communis*.

¹⁵ Aliviar somente e não curar.

¹⁶ Objeto específico para o uso de orações.

utilizados para atrair boas energias, proteção de entidades ou espíritos, evitar azares e trazer paz interior. A água além de indispensável para a sobrevivência, ela tem a função purificadora, e em alguns casos é usada para lavar e levar impurezas ditas espirituais. Os gestos têm grande significados para os benzedores e também para aqueles que requerem proteção espiritual, um dos gestos mais comuns considerados abençoados pelo superior é o sinal da cruz¹⁷ feito em determinadas partes do corpo. Os nomes populares destes sinais são “Nome do Pai¹⁸”, “Pelo Sinal¹⁹” e “cinco salamão²⁰”. Foram levantados alguns procedimentos de benzeções para cortar o mal, como exemplo, foi citado por um entrevistado a oração que possui efeito sobre “armas de fogo²¹”, a intervenção neste caso pode ser tanto para fazer a “arma de fogo” falhar quanto para fazer funcionar. Em muitos casos é preciso uma junção de métodos para atingir o objetivo tais como: rezar o “credo²²” com a mão esquerda na testa representa o fechamento do seu corpo e espírito contra energias ruins. Para curar o mal de olho gordo é indicado passar uma vassoura feita de plantas por três vezes em cima do que está afetado e em seguida desfazer do objeto²³. A posição solar indica quando se deve fazer certos tratamentos. Não é aconselhado fazer benzimento depois que o sol se põe, exceto em caso de emergências. O calendário de benzeção apresenta os dias pós e contras, depende da intenção. É aconselhado fazer certos tipos de benzimento e simpatias nas segundas, quartas e sextas feiras, sendo os dois últimos os dias mais indicados para tais tratamentos. As quartas e sextas feiras em especial também são os dias mais utilizados para fazer práticas de bruxarias e simpatias malignas.

Diante desta complexidade é evidente a dificuldade em compreender tais fatos, assim como entender por que nossa saúde depende de um ciclo de atividades inexplicáveis a ciência e muitas vezes até sem sentido aos olhos dos leigos. No entanto, os praticantes de tais medicinas atestam que as técnicas são realmente eficientes no combate as mazelas e, muitas delas não apresentam explicações à compreensão da racionalidade científica convencional até então, o que faz ser consideradas milagres. Carvalho (1999) Araújo (1977) e Andrade (1972), que contrariaram as publicações do século XX ao afirmarem que os motivos pelos quais a população procurava por curandeiros eram por ignorância, por ingenuidade e pela falta de

17 Gestos realizados geralmente para o início e o final de rituais.

18 Sinal da cruz feito da cabeça (testa) até o abdômen e os ombros.

19 Três sinais de cruces, um feito na região da testa, outro na região da boca e outro na região do abdômen, feito apenas com o dedo polegar. Nestes gestos pedimos o bem para os nossos inimigos.

20 Gesto em forma de estrela.

21 Revólveres, espingardas, cartucheira, etc.

22 Mesma oração que o “creio em Deus pai”.

23 Refere-se ao abandono da vassoura, tornar inutilizável.

cultura. Mas para esses autores citado por Carvalho (1999), a procura da medicina popular se dava em função de ser eficiente na resolução dos incômodos²⁴ apresentados pela população que os procuravam por estes tratamentos. A medicina popular não era misticismo nem ao menos ignorância e nem má intenção dos curandeiros, era apenas “um tipo de conhecimento fundamentado na lógica popular e que contava com a adesão da população porque apresentava resultados concretos e respostas eficientes para a solução dos problemas de saúde das pessoas” (CARVALHO 1999, p.45).

Para Campos (1955) *apud* Souza (1988), a medicina popular desapareceria com a chegada do progresso, mas podemos perceber com o presente trabalho que, mesmo com todo o desenvolvimento e acessibilidade oferecida atualmente, ainda há procura pelas benzedadeiras tanto no meio rural quanto no urbano. Há todo o momento, principalmente nas zonas rurais e cidades do interior, um representante dos serviços de saúde (agentes de saúde), que vai às casas para acompanhar os pacientes e verificar as condições em que se encontram, e mesmo com todo este acompanhamento, fica perceptível a procura por benzeção e remédios naturais. Os profissionais da saúde (médicos, enfermeiros) também procuram a cura por meio da benzeção. Se as práticas da medicina alternativa são só credices, o que motiva as pessoas a procurarem tais tratamentos em tempos de tanta tecnologia? Os praticantes da medicina popular reconhecem que eles não conseguem curar todos os males, mas alertam que há doenças que os médicos não conseguem curar por estar relacionado com o espiritual. Segundo Koenig (2004), a medicina oficial está rompendo com algumas questões paradigmáticas e se direcionando para análises mais amplas do conhecimento o que está levando alguns cientistas a dar mais atenção a questão da espiritualidade e sua influência sobre o indivíduo.

3.3 A fé cura

Manifestações relacionadas à fé sempre fizeram parte da vida das comunidades tradicionais, seja ela através da religião, da crença em geral de modo individual ou coletivo. No contexto popular tais manifestações, acontecem por vários motivos, podemos dividi-los em duas categorias, a primeira como forma de agradecimentos e a segunda como forma de algum pedido.

Podemos considerar as manifestações na categoria de “agradecimentos” quando se recebe a graça pedida. A segunda categoria “solicitação de algo” entra em ação quando

²⁴ Doenças.

necessitamos alguma coisa. Ambas as categorias, estão ligadas à saúde, ao trabalho, ao relacionamento, etc. Para os dois casos é muito comum expressar a fé tanto nos momentos de agradecimentos, quanto a pedido de algo através de cerimônias religiosas. Portanto, nas comunidades tradicionais a fé é representada das mais variadas forma, seja através dos terços comunitários, gestos, fogueiras, promessas, orações, romarias, folia de reis e rituais como: passar em brasas de fogueiras, penitência, batizados em fogueiras.

A fé está inteiramente ligada à saúde, e vem sendo alvo de muitas pesquisas em várias partes do mundo. Atualmente existem vários centros de tratamento de doenças, como por exemplo, os hospitais espíritas que tratam o câncer com atendimento gratuito a toda população que sofre com tal doença devastadora. Segundo Almeida e Stroppa (2012), vários estudos indicam que uma boa parte dos pacientes gostariam que a religião fosse abordada pelos seus médicos, mas apesar dos desejos dos pacientes, os clínicos não tiveram sua formação para tratar seus pacientes em um contexto amplo em que a espiritualidade seja levada em consideração.

De acordo com Souza (1988), um estudo realizado por antropólogos mostrou que os tratamentos baseados na “cura mágica²⁵” foram classificados como fatores não combatíveis pelos médicos. Apenas as doenças causadas por fatores psicológicos e empíricos são tratadas e podem ter o quadro revertido com a medicina oficial. Dr. Roque Savioli Cardiologista do Instituto do Coração (InCor) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo -USP retrata em seu livro “Milagres que a medicina não contou²⁶” que os agnósticos não acreditam no poder da ação divina sob a cura, mas nos aconselha que “devemos considerar que não é a sugestão que cura, mas sim o senhor [Deus], usando a sugestão como meio” (SAVIOLI 2003,P.28). Este autor afirma ainda que Deus nos cura através de remédios e seus receitadores. Assim os médicos recebem a função de intermediar com a obrigação de ter fé e agir em nome de Deus.

Em relação à espiritualidade, saúde e a condução médica Peres *et al* (2007) cita Okon (2005) e Marr *et al.*,(2007) e mostra que o autor primeiro relata que o paciente deveria ser tratado como pessoa e não como doença, e para isso o profissional da saúde deveria analisar os aspectos físicos, emocional, social e espiritual do paciente. A não consideração de um desses aspectos tonaria a avaliação médica incompleta. Segundo Peres (idem), Marr *et al*

²⁵ Tratamentos baseados em rituais.

²⁶ De acordo com o autor o livro “Milagres que a Medicina não contou” não tem a pretensão de ser um livro científico, apenas procura demonstrar o quanto a fé e Deus produzem graças na vida dos pacientes recuperando a integridade física e a saúde espiritual.

(2007), relataram que alguns clínicos se dizem sentir desconfortáveis e sem tempo para tratar de assuntos religiosos, outros não consideram os trabalhos religiosos como parte dos seus, e não imaginam meios de introduzi-lo como sendo parte do tratamento e muito menos o efeito que causará á saúde do paciente. Tais considerações acima contrariam a ideia de Savioli (2003), que alega que o médico tem a missão de também agir em nome Deus em suas práticas médicas.

A educação ocidental valoriza mais o ver e o sentir para poder acreditar, mas no caso da cura espiritual isso não é possível, simplesmente é possível enxergarmos o resultado. Segundo Figueiredo (2002, p.33) “existe todo um espaço de ação onde o a gente não é identificado e possivelmente, em alguns casos, não existe fisicamente. São os apelos ao mundo da fé, ao santo protetor de determinada parte do corpo ou doença, são os ditados populares recitados e seguidos com fé, são as águas e pães bentos, as promessas, procissões e rezas”. A autora citada acima ainda menciona que as mais diversificadas técnicas de tratamentos sejam a benzeção, os chás, os banhos, os remédios caseiros como os elaborados em laboratórios profissionais, a partir de pesquisas, todas elas estão apoiadas em um determinado conhecimento do corpo, da doença, da saúde, da relação do paciente com o cuidador. Leite e Vasconcelos (2006) mencionam que os tratamentos das enfermidades são construções individuais e sociais, algo construído no dia a dia, na vida cotidiana de uma sociedade.

Colantonio *et al.* (1992), realizou um estudo com a participação de quase 3000 idosos, avaliando fatores que levavam ao AVC em tais pacientes. Os pesquisadores obtiveram resultados importantes sobre a fé e a saúde dos mesmos. Segundo os autores alguns casos de acidente vascular cerebral está associado à depressão. Porém aqueles que praticam com frequência algum ato religioso foram constatados uma menor incidência do caso. Os benefícios da espiritualidade para a saúde são relevantes, com o intuito de mostrar o grau de relevância, Neumann e Peeples, (2001) apud Peres *et al* (2007 p.82) “o impacto do benefício da atividade religiosa na saúde chega a ser comparado com o abandono do tabagismo e até mesmo com o acréscimo de 7 a 14 anos na expectativa de vida”.

3.4 Terapias com plantas medicinais

As terapias com plantas medicinais são tão antigas quanto à existência da humanidade,

assim como os minerais que fazem parte do cotidiano da humanidade desde tempos imemoriais. Estes acervos conservados na memória de determinados indivíduos de uma comunidade são aprendizados ou saberes passados de geração para geração. Viegas Jr. *et al* (2006) relata que o consumo de plantas medicinais podem ter sido uma das primeiras armas no combate às doenças. Considerando que o desenvolvimento das civilizações Oriental e Ocidental tinham como base para os tratamentos de doenças, os produtos naturais usados no controle de pragas e em mecanismos de defesa.

Vale (2002), destacou a sabedoria Chinesa por ter desenvolvido uma medicina eficiente e com relevância até os dias atuais em preparos de remédios com plantas medicinais. Para esse mesmo autor, foi registrado um herbário em 2838-2698 a.c com aproximadamente 365 ervas medicinais. Por volta de 1500 a.C. a medicina Hindu já constava em livros sagrados, o Veda (Aprendizado) e o Ayurveda (Aprendizado de Longa Vida), e o médico hindu Susruta já tinha nesta época (1500 a.C.), um aprendizado sobre 760 plantas medicinais. No ocidente os registros são de (1553-1550 a.C.), os mesmos foram encontrados por Georg Ebers em 1873 na região egípcia de Luxor, estavam registradas e descritas mais de 700 plantas medicinais utilizados pelos sacerdotes da época.

Tanto a Organização Mundial da Saúde quanto alguns autores reconhecem os benefícios oferecidos pelas plantas medicinais, seja como base para a fitoterapia e a farmacologia ou para o uso popular. Para França *et al* (2008), os tratamentos fitoterápicos fazem com que o corpo se reconecte com o ambiente, ajudando o organismo a normalizar funções fisiológicas, além disso a fitoterapias restaura a imunidades, promove desintoxicação e rejuvenesce.

O Ministério da Saúde disponibilizou em 2006 o manual “Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos”, contendo a importância das plantas medicinais na saúde da população e na economia, considerou ainda que 80% da população de países em desenvolvimento faz uso de práticas tradicionais em saúde, e destas 85% utilizam plantas medicinais. Afirma ainda que a assembleia mundial da saúde realizada em 1987 recomendou a iniciação de programas amplos relacionados à identificação, modo de preparo, cultivo e conservação das plantas medicinais usadas tradicionalmente em suas comunidades. Em 1991 foi a vez de a OMS reforçar o pedido, comentando sobre importância da contribuição da medicina tradicional à assistência social, principalmente às populações que têm pouco acesso aos sistemas de saúde. Ainda fez uma alerta sobre a importância da utilização de plantas medicinais, principalmente as que têm eficácia comprovada por métodos técnicos

laboratoriais, com o intuito de diminuir o consumo de medicamentos industrializados. Rates (2001, p. 59), diz que “entre os 252 fármacos base ou essenciais selecionados pela Organização Mundial da Saúde – (OMS), 11% são de origem exclusivamente vegetal e uma parcela significativa é preenchida por medicamentos sintéticos obtidos a partir de precursores naturais”. Exemplos de medicamentos comuns e importantes obtidos a partir de plantas são digoxina, morfina e a codeína.

Apesar do disparado uso de medicação sintética, algumas ações estão sendo feita em prol do uso dos recursos naturais medicinais para combater as doenças ou preveni-las. De acordo com a OMS os governos de alguns países da Ásia promovem o incentivo à medicina tradicional como, por exemplo, a distribuição de plantas medicinais de jardins. Já a Tailândia trabalha com a conscientização da população a fim de difundir o uso de plantas medicinais para os cuidados primários de saúde. Neste trabalho está incluso a publicação de manuais e livros de plantas medicinais usadas no combate às doenças.

Podemos perceber que no Brasil as pesquisas relacionadas às plantas medicinais andam a passos lentos. Fenner *et al* (2006), relata que os tratamentos antifúngicos disponíveis, além de serem tóxicos, em muitos casos não combatem as doenças deixando os fungos mais resistentes, isso faz com que os fármacos insistem em desenvolver medicamentos cada vez mais fortes. Estes mesmos autores ressaltam que, em uma pesquisa de revisão bibliográfica, foram levantadas pela literatura etnobotânica, 409 espécies de plantas utilizadas pela população para tratamentos de doenças relacionadas a infecções fúngicas, no entanto, apenas uma espécie das dez mais citadas foi investigada.

No contexto popular as plantas medicinais são eficientes tanto em doenças físicas quanto espirituais. Se tratando de doenças as comunidades tradicionais conhecem os mais variados tipos de plantas eficientes para os mais diversos tipos de doenças, as mesmas funcionam como curativas e preventivas.

Fatima Branquinho, professora de antropologia e educação da UERJ, publicou em 2007 o livro “O poder das ervas na sabedoria popular e no saber científico” que relata sobre os valores contidos na sabedoria popular e nas plantas medicinais.

O conhecimento das regras e critérios especiais para o plantio, colheita, preparo e utilização das ervas, identificadas para cada tipo de problema de saúde, implica a existência de um modo específico de pensar não apenas a saúde, mas de viver e de estabelecer relação com a natureza a magia, deus e a sociedade. Esses conjuntos de relações, característicos da cultura das ervas, revelam as condições de existência e valores compartilhados pelos moradores. (BRANQUINHO, 2007, p.37).

A cura através das plantas medicinais é regida por diversos aprendizados passados de geração para geração ao longo dos séculos. Tais saberes estão relacionados ao modo de coleta e preparo, interferência lunar, posicionamento da erva²⁷ (em caso de males espirituais), característica (forte, fraca, fria, quente) e outros.

3.5 O repúdio à medicina popular

O século XIX e XX foi marcado por muitas lutas por parte dos praticantes da medicina popular e da biomedicina, Figueiredo (2002) afirma que o séc. XIX foi o século que o pensamento científico se sobrepôs aos demais conhecimentos classificados como supersticiosos. Neste período que consolidou uma concepção de doença, as possíveis intervenções técnicas no corpo doentio. O sec. XIX foi marcado pelo avanço tecnológico abrangendo as áreas de química, biológica, física e de comunicações. A autora ressalta que de um lado, o desenvolvimento racional tomava conta da sociedade, e de outro a medicina popular movida pelos chás, banhos, espaço de fé, crenças, plantas medicinais, purgantes, repousos, movimentos e solidariedade não se preocupava em registrar suas ações e procedimentos. Com isso, o saber médico toma conta da sociedade e a medicina popular começa a ser esquecida, menosprezada e desqualificada.

No sec. XIX foi criada a fisicatura²⁸, que tinha por objetivo conceder licenças para os médicos trabalharem e assim receber impostos pagos pela prestação de serviços e um melhor controle destes profissionais. A fiscalização perseguia os que trabalhavam sem a licença e com isso a demanda era bem maior que a oferta, uma vez que os praticantes da medicina popular não podiam atuar. Mas, mesmo com esta intervenção, ainda havia a atuação das parteiras, do benzedor e de tratamentos com plantas medicinais (FIGUEIREDO, 2002). Carvalho (1999), discute em seu livro “Curandeirismo e medicina” que no início do sec. XX surgiu uma maior preocupação por parte dos médicos diplomados com os curandeiros, considerando que havia uma disputa por pacientes entre as duas partes. O autor relata ainda que os médicos fizeram publicações na época citando como a primeira e principal explicação para a procura dos tratamentos alternativos era a ignorância da população por fazer o tratamento com curandeiro e não perceber os efeitos da medicina científica. A segunda

²⁷ O posicionamento neste caso está relacionado com o manuseio da planta no momento do tratamento, além do posicionamento em determinados lugares da casa.

²⁸ Instituição, órgão responsável por emitir licenças.

explicação dada pelos médicos diz a respeito ao fator econômico da população. Segundo o pensamento da medicina hegemônica e de alguns estudos que apontavam a ignorância e baixa renda da população, que fazia com que esta procurasse pelos tratamentos tradicionais de benzeção e curandeirismo.

Em 1940 foi criado o decreto 2.848, no qual o estado brasileiro repreendia as ações exercidas por curandeiros. O artigo 283 diz ser proibido inculcar²⁹, anunciar, a cura por meio secreto e misterioso. A não obediência acarretava em uma pena de reclusão de três meses a um ano com multa de um a cinco contos de reis³⁰. Mais adiante está explícito no artigo 284 que, os curandeiros que prescreviam, ministravam ou aplicavam habitualmente qualquer substância estariam cometendo crimes. O decreto deixa claro também que os mesmos estavam proibidos de fazerem os tratamentos em que se usavam gestos, palavras ou qualquer outro meio. A pena para tais práticas seria de seis a dois anos de detenção, além disso, se o crime fosse praticado com fins remunerativos, o curandeiro estava sujeito a multa, e a pena poderia dobrar caso o enfermo fosse a óbito.

²⁹

Sugerir, recomendar, propor.

³⁰

Nome da moeda que prevalecia na época.

4 METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa qualitativa, a metodologia adotada foi a da História Oral, que teve como técnica de coleta de dados a entrevista. De acordo com Santos e Araújo (2007) a oralidade é indicada para estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades que não possuem registros escritos. Para Minayo (2001, p.22) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas”.

A metodologia da História Oral, lida com os relatos orais em que diferentes sujeitos falam dos seus conhecimentos e suas experiências vividas junto a sua comunidade. Por meio dessas narrativas é que se pode observar as mudanças positivas e negativas ocorridas dentro de uma comunidade tradicional. Essa metodologia para o tipo de trabalho aqui desenvolvido permite observar melhor a percepção dos membros de uma determinada comunidade sobre a saúde, a doença e como o sujeito interpreta o mundo e os aspectos nele contido. "Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças que passam em suas próprias vidas" (THOMPSON, 1992, p.21);

Queiroz (1988, p.18) afirma que a “História Oral é ampla e recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação ou cuja documentação se quer completar”. Ela registra de diversas formas experiência de um único ou de diversos indivíduos, possibilitando a compreensão da constituição da tradição geracional contada a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas e vivências.

A entrevista é uma técnica eficiente quanto às outras, com ela podemos colher informações seguras quanto aos fatos não registrados em livros.

A natureza da entrevista implica uma ruptura da fronteira entre a instituição educacional e o mundo, e entre o profissional e o público comum. Pois o historiador vem para a entrevista para aprender: sentar-se ao pé de outros que, por provirem de uma classe social diferente, ou por serem menos instruídos, ou mais velhos, sabem mais a respeito de alguma coisa. (THOMPSON, 1992, p.32).

Algumas frases de Paul Thompson soam como conselho para os pesquisadores que utilizam a História Oral como meio investigativo, ele constata que o historiador deve ser sempre um bom ouvinte enquanto o informante seja o auxiliar ativo, isso para possibilitar a capacidade de expressão do sujeito principal da pesquisa, independente de sua posição social.

Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém há muitos estilos

diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlador de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade de método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade. Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidades nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resistir a tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas. (THOMPSON, 1992, p.254).

4.1 Coleta de dados

Para a coleta de dados foram entrevistadas 25 pessoas moradoras da cidade de Senador Modestino Gonçalves. Do total de participantes, 8 são moradores da zona urbana e 19 são moradores da zona rural, dentre eles estão benzedores, raizeiros e usuários da medicina local. As entrevistas foram feitas individualmente no horário e local escolhido pelos entrevistados para que se sentissem mais à vontade e a duração máxima foi de 40 minutos. A entrevista contou com apoio de um questionário semiestruturado, para que o pesquisador tivesse um apoio no momento das entrevistas. O questionário oferece ao pesquisador noção de ordem em relação às perguntas que serão feitas no decorrer da entrevista. Marconi e Lakatos (2005)

A princípio foi transcrito todo material coletado, de modo idêntico à fala dos entrevistados e, posteriormente, separados e classificados de acordo com a categoria de cada aspecto para então apurarmos as informações. Alves e Silva (1992), nos esclarece que é nas análises dos dados qualitativos é que se dá voz ao do sujeito em determinado espaço, mantendo sempre o foco na fidelidade dos dados.

5 APRESENTAÇÃO DISCURSIVA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apesar de ser uma cidade pequena, Senador Modestino Gonçalves tem seus saberes próprios, seja na culinária, nos modos de trabalho, nas práticas em saúde e outros. Na pesquisa intitulada como “CULTURA E SABERES: Cuidados com a saúde em Senador Modestino Gonçalves - Minas Gerais” foram observados vários meios preventivos e curativos através de práticas populares adquiridas por várias gerações, pelos habitantes de SMG. Esta pesquisa procura entender sobre as benzeções, às plantas medicinais, o tratamento de picada de animais venenosos (cobras, escorpiões e aranhas).

Durante a pesquisa foram entrevistados moradores da Zona rural e urbana do município, como lavradores, aposentados, costureira, pedagoga, professora, mecânico e enfermeiras com idade variando entre 27 a 76 anos. No grupo de 25 entrevistados estava inclusos praticantes e usuários da medicina alternativa para prevenção e cura de males físicos e espirituais. As pessoas desse grupo foram questionadas sobre o que as leva a procurar tais tratamentos locais e se voltariam a fazer os tratamentos. Os sujeitos da pesquisa serão identificados aqui por números para preservar sua identidade.

Em relação ao modo de aprendizado os mesmos relataram ter aprendido com parentes e amigos. No caso da benzeção, foi relatado o aprendizado até com o Divino Espírito Santo. O entrevistado nº2 teve seu conhecimento adquirido de seus familiares, que inclusive relata ter muita preocupação com a continuidade desses saberes. “Eu aprendi com minha mãe e ela aprendeu com o avô dela, agora meus filhos eu fico preocupado por que já briquitei [tentativa de ensinar] com eles pra eu ensinar eles, ensinei várias vezes e não teve jeito nunca aprendeu”.

A entrevistada nº 5 relata a maneira que a tornou uma das benzedadeiras mais procurada da cidade. Para ela o que aconteceu em sua vida tinha um propósito. Com seus 25 anos foi mãe do primeiro filho que nasceu com uma moléstia não diagnosticada pelos médicos de Diamantina, após cinco dias de sofrimento e com uma dor, seu filho foi internado em estado grave na cidade de Itamarandiba e o médico disse a ela que não daria esperança de vida a seu filho para o próximo dia. A mãe ao sair do leito encontrou uma senhora na porta do hospital que a perguntou por que chorava e ao responder a senhora pediu licença para curar seu filho, após a permissão a senhora começou a fazer o tratamento. Um dia após a benzeção a criança recebeu alta e a partir desse momento a mãe clamava a “Maria Santíssima” para enviar poderes para curar às crianças e aliviar o sofrimento das mães assim como os seus foram

aliviados por aquela senhora. Segundo esta entrevistada um certo dia a resposta veio em sonhos.

Eu direto deitava na cama e sonhava com as criança doente e eu cuidano dela, no sonho as vizinha chegava com as criança chorano e eu pegava o terço e benzia aquela criança, eu dava conta de cuidar, no outro dia quando acordava eu sabia direitinho como eu benzi no sonho, no sonho que via tanto raio de luz caindo em cima de mim eu benzeno aquela criança, era o espírito santo me ensinano, ocê quer acreditar? Ninguém nunca me ensinou uma palavra a não ser desse modo que eu aprendi, e aí passou um tempo eu benzeno só criança, quando fui ficando mais velha mais emancipada comecei a sonhar outra vez com pessoas mais velhas chegano com qualquer uma dor e que ia benzeno e elas melhorano, foi indo até que completou eu benzeno pra tudo de qualquer dor. (ENTREVISTADA N° 5).

Sobre o motivo da procura por tratamentos com a medicina popular a maioria das respostas estão relacionadas com a necessidade do tipo de cura para tal doença. Isso se refere à necessidade do tratamento espiritual. Tanto os usuários quanto os entrevistados afirmaram que algumas doenças são para os médicos tratarem, outras não. As que não são curadas pela medicina oficial podem ser tratadas e curadas pela medicina popular. A entrevistada n°19 é enfermeira e nos diz: “quando você tem uma dor de cabeça, é olho gordo, mau olhado, às vezes, você toma um remédio e enquanto você não benze não resolve. Entendeu? Nesse caso o efeito do remédio é passageiro”. Assim percebe-se que a procura por tais tratamentos se dão por serem eficientes e não por motivos econômicos ou acessibilidade ou mesmo por ignorância.

No caso das plantas medicinais também é possível perceber a importância que os entrevistados dão as mesmas. Além de eles esclarecerem que nem sempre a procura por tratamentos com plantas medicinais é por motivos socioeconômicos e por serem de difícil acesso. O entrevistado n° 7 nos conta sobre uma importante decisão tomada sobre sua saúde.

Quando eu tava com pressão alta eu tomava muito remédio de médico que eu pegava lá no posto, aí chegô um ponto que eu vi que aquilo não tava certo e fiz meus remédio, aí hoje eu tomo é remédio do mato mesmos e minha pressão tá normal agora. (ENTREVISTADO N°7).

Questionados se voltariam a fazer o tratamento com a medicina popular caso precisassem, a resposta de ambos os usuários foi “sim”. A entrevistada n° 21 fez um questionamento sobre a gravidade da doença com a experiência de quem vai realizar o tratamento. “eu faço sim, mas só se for uma pessoa experiente sim, se não eu prefiro ir pro

médico, também depende né do tratamento que é, eu digo assim, no caso, eu já fui picada de cobra muito venenosa né, se não fosse com Sr. Gaspar eu ia pro médico”.

Mesmo sendo desvalorizada pelo sistema ocidental científico, a aprendizagem dos povos tradicionais faz parte de um conjunto de observações e experiências realizadas durante anos e passadas de geração em geração. No caso da saúde essas observações não acontecem de forma diferente, para adquirir algum conhecimento sobre o assunto são levados em considerações os sentidos: o olhar, o ver, o ouvir, o sentir, o tocar e o ingerir, o que muitas vezes dificulta o entendimento e a compreensão das técnicas utilizadas pelos conhecedores locais. Para Santos (2010), estes conhecimentos (tradicionais) estão posicionados do “outro lado da linha” e são as epistemologias do sul como conceitua este autor. Onde o modo de produzir conhecimento é diferente do lado ocidental capitalista. Essa falta de reconhecimento da ciência popular justifica e fortifica ainda mais a ciência oficial e fortalecem o preconceito. Meneses (2008) explica que essa

Subalternização de outros saberes e interpretações do mundo significa, de facto, que estes saberes e experiências não são considerados formas compreensíveis ou relevantes de ser e estar no mundo; sendo estas epistemologias “outras” declaradas não existentes, ou descritas como reminiscências do passado, condenadas a um esquecimento inevitável. Como Boaventura de Sousa Santos tem vindo a argumentar, no campo do conhecimento esta divisão radical entre saberes atribuiu à ciência moderna o monopólio universal de distinção entre o verdadeiro e o falso, gerando as profundas contradições que hoje persistem no centro dos debates epistemológicos. (MENESES 2008, p.6).

Podemos perceber nos pensamentos de Santos (2010) e Meneses (2008) a justificativa para a desvalorização do conhecimento popular tradicional, mesmo sendo para tais povos (tradicionais) um conhecimento baseado em dados reais e confiáveis.

5.1 A natureza e os saberes tradicionais

Através do conhecimento empírico adquirido ao longo dos séculos, os povos tradicionais acompanham os ciclos da natureza e destes constroem o seu conhecimento ou saberes. Seja para segurança, subsistência, ganho de capital ou motivados por inúmeras crenças e mistérios ainda não desvendados pela ciência. Embora a ciência não nos traga resposta para determinadas perguntas relacionadas aos saberes advindos das comunidades tradicionais.

Durante a pesquisa em Senador Modestino Gonçalves alguns dos entrevistados mencionaram algumas observações feitas sobre a natureza, entre elas está a influência da lua nos seres humanos, animais e as plantas durante todo o seu ciclo de vida. Salientaram também sobre conclusões obtidas em relação saúde dos animais, manifestações dos animais e das plantas sobre o clima.

O agrônomo Jairo Restrepo Rivera em 2005, publicou um livro resgatando o conhecimento popular adquirido ao longo dos anos sobre a influência da fase lunar em plantações na América latina, inclusive no Brasil. O autor faz uma descrição sobre as fases da lua e sua interferência sobre o fluxo da seiva das plantas. Para um melhor entendimento Rivera (2005) esclarece que a lua tem rotação anti-horário, e em seu perigeu está mais perto da Terra, espaço que corresponde a uma distância de aproximadamente 356.410 km, já em seu apogeu está mais distante da Terra com uma distância média de 406.700 km do nosso planeta. Em relação a velocidade orbital (percurso em torno da Terra), a lua percorre cerca de 1.02km/seg. e para completar o ciclo lunar (todas as fases da lua) dura aproximadamente 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 2,8 segundos. Rivera (Idem) mencionou ainda que a lua exerce um determinado poder sobre os líquidos presentes em nosso meio, de maneira que a força da lua faz com que a água do oceano alcance sua altura máxima através das ondas. As plantas também têm em sua seiva influência da força lunar para seu crescimento. Algumas plantas têm sua floração de acordo com o ritmo do fluxo das marés. Silveira (2013), questiona que tanto a lua quanto o sol são responsáveis pelos efeitos nas marés dos oceanos. Apesar da força gravitacional do sol na Terra ser aproximadamente 200 vezes maior do que a da lua, os efeitos solares na maré são aproximadamente duas vezes menores do que os lunares. Em relação aos animais, Cajochen *et al* (2013), cita que as fases da lua são responsáveis por coordenar o comportamento e reprodução de alguns animais.

Na concepção dos observadores da cidade de Senador Modestino Gonçalves as luas mais influentes são: a cheia, minguante e crescente, essa influência emitida por elas podem ser favorável ou desfavorável, seja para as plantas em período de semeadura, poda, colheita de plantas medicinais, a retirada da madeira para construção. Nos seres humanos a lua influencia em tratamentos como benzeção, parto, problemas psicológicos, tratamento de picada de animais venenosos, tratamentos caseiros como purgante, e possivelmente cirurgias. Já os animais recebem influência no parto, comportamento, envenenamento e cirurgia (castração) em qualquer fase da lua. Segundo Darroz *et al* (2013), uma pesquisa feita no Rio Grande do Sul revelou alguns fenômenos relacionados com a interferência lunar, como o apetite dos

cães e momento certo para tratar de crianças com lombrigueiro³¹ a base de purgantes. O entrevistado n° 7 faz tratamentos com plantas medicinais há 33 anos e o que Darroz et al (2013) afirma: "tem lua que a gente não pode dar puigante pra ninguém, é muito perigoso, e tamém no mês de fevereiro não pode dar puigante porque os verme tão desovano e qualquer bicho na reprodução é mais agitado né".

Os tratamentos espirituais por sua vez também são influenciados, o entrevistado número 2, um senhor bem experiente com seus 76 anos, relata que faz benzeção há 36 anos e que o resultado final deste tratamento pode sofrer alteração devido à força lunar, "a nova pra fazer uma benzeção é boa, na cheia já não é bão".

Ao ser questionado sobre as fases da lua e o efeito para a saúde, o entrevistado número 11 relatou que quem sofre de problemas psíquicos e epiléticos, na passagem da lua forte (principalmente a cheia) o problema é um pouco mais agravante, neste caso, a pessoa diagnosticada com tais enfermidades apresenta características, como alteração no humor, agressividade, inquietação, mas os casos de epilepsia, os desmaios acontecem com maior frequência do que como de costume.

Ahh bão, tem alguns problemas que as pessoa reclama que na força da lua a pessoa sente muito, quem tem problema de cabeça e desmaia, fica um pôco pior na lua forte, as vezes tem até que procurar o médico nesses dia né, porque a pessoa sai andano, num queta sabe? Fica com raiva e as vezes da até de bater na gente. A lua quando tá fazeno passage ela tem muita força, então se ela tiver passano da cheia, a passage da cheia é perigoso.(ENTREVISTADO N°11).

Um estudo realizado por Cajochein *et al* (2013) com 30 participantes normais, no hospital psiquiátrico da Universidade de Basileia na Suíça, mostrou que o sono pode sofrer interferência de acordo com a fase lunar. O estudo provou que na noite de lua cheia os participantes da pesquisa diminuíram em até 30 % o sono profundo. O tempo de descanso também teve queda de 20 minutos e uma demora de 5 minutos para adormecer. Outro fator observado na pesquisa foi a melatonina (hormônio que controla o sono) que por sua vez fechou em queda. Para os pesquisadores, as fases lunares e o sono humano estão realmente conectados. Os autores afirmam ainda que este foi um estudo realizado com muito rigor, o que leva a ser absolutamente confiável, mas ressalta que os ritmos lunares não são simples de

³¹ Remédio específico para combater vermes e lombrigas.

documentar, porém eles estão presentes, e os seres humanos estão expostos as suas influências.

Outro ponto citado pelo entrevistado número 11 foram as cirurgias em animais. Segundo ele o processo de castração que é feito em animais deve ser realizado na lua minguante, e mesmo sendo em lua fraca [nova e minguante] o procedimento deve acontecer dois dias antes ou dois dias depois da passagem lunar. Ao ser questionado sobre a cirurgia em humanos nas passagens da lua, logo defendeu que nós somos também animais, a diferença é que falamos, e muitas vezes, somos até um pouco mais frágil que os animais.

Eu já cheguei a capá³² até 23 porcas no dia, só que no dia da virada da lua, na passagem da lua, a lua sempre tá forte, aí pra eu capá algum bicho eu sempre faço ou dois dia antes ou dois dia depois da passage da lua mingante, se fizer na passage da lua, aí incha, infecciona, e se a gente errar qualquer coisinha pode contar que qualquer um probleminha tem, morre mesmo.(...)Uai o ser humano é um animal que fala né, a lua governa a mesma coisa, com certeza que é a mesma coisa, ou pra nós pode ser até pior, os bicho é mais forte que a gente.(ENTREVISTADO N°11).

Neste sentido, Paugger e Poppe (2003) destaca uma frase de Sócrates como sendo de fundamental importância à observação da fase lunar ao sucesso dos procedimentos cirúrgicos, “não toque com ferros aquela parte do corpo regida pelo signo que a lua está atravessando”. Para um bom entendimento, cada signo influencia uma parte do corpo. Aries, por exemplo, influencia a cabeça, cérebro e olhos, portanto, quem sofre de enxaqueca sente mais dor nos dois ou três de aries no mês lunar. Para o entrevistado n° 11 o raciocínio de Sócrates faz sentido se analisarmos a sua experiência em castração de animais. Os autores também esclarecem sobre a importância do momento favorável para a execução de cirurgias, que ainda não é levado em conta pelos profissionais da biomedicina, mas devemos refletir sobre algumas ações básicas exercidas hoje pela medicina oficial, levaram décadas para serem descobertas.

Uma das regras mais importantes, porém, é – se possível – *planejar intervenções cirúrgicas para a lua minguante*, ainda que esse conhecimento quase nunca seja aplicado e os médicos o ignorem. É que ele não cabe facilmente na “gaveta científica”. Entretanto, o conhecimento simples de que era necessário lavar as mãos antes de qualquer cirurgia levou décadas para ser aceito e considerado “certo”. (PAUNGER e POPPE, 2003, p. 2).

³²

Cirurgia de castração.

Tanto os conhecedores da medicina popular quanto alguns pesquisadores da ciência hegemônica fazem a relação da fase da lua com o estado emocional do ser humano. Para Rivera (2005) a fase lunar tem sido associada a alterações no comportamento humano e dos animais. Um estudo feito na Dinamarca mostrou, recentemente, que os ataques agressivos por pessoas antissociais e acidentes automobilísticos acontecem com menos frequência quando a lua está passando pela fase minguante (período extensivo de água abaixo Novilúnio) e aumenta quando está passando no Plenilúnio (período extensivo água acima). As áreas da medicina hegemônica também provaram que há uma piora nos casos de problemas psíquicos, principalmente os que sofrem com epilepsia.

Assim como os humanos, os animais também tem sido alvo de pesquisas que os relaciona com a fase lunar. Lobreiro (2003) *apud* Jovchelevich (2006), explica em uma pesquisa realizada a fim de saber a relação de nascimentos de macho e fêmea de gado de leite por sete anos. Na análise dos registros foi observado que no apogeu (momento que a lua está mais distante da Terra) tem um maior número de nascimentos de macho e no perigeu (momento em que a lua está mais próxima da Terra) um maior nascimento de fêmeas. Os dados foram mais exatos quando a inseminação ocorreu exatamente num dia de perigeu e apogeu lunar. Marinho *et al* (2015), esclarece que, em um estudo realizado sobre a influência lunar na reprodução de éguas em haras na região de Belo Horizonte, mostrou que, a incidência de nascimento de filhotes machos são maiores na lua minguante em comparação a crescente e nova. Godefroid *et al* (2003), liderou uma pesquisa no Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná, e provou que algumas fases lunares são mais propícias a pesca, sendo que o resultado pode ter um valor significativamente maior na lua cheia de até 50% em relação as outras fases.

A entrevistada n° 23, moradora da zona rural, destaca que para a pesca o melhor momento é na cheia, pois os peixes ficam mais agitados. "Pra gente pescá a cheia é que é boa, os peixes fica mais avoriçado³³, passeia mais". Em relação ao parto de animais o entrevistado n° 11, também morador da zona rural e criador de cavalos, deu uma informação bem parecida com o estudo feito por Marinho *et al* (2015). Esse entrevistado informou que as éguas de seu plantel "párem" machos quando a lua está passando pela fase minguante, e principalmente quando sua gravidez aconteceu em tal fase da lua "as égua cria pôdo [potro] macho quando a

³³

Agitado.

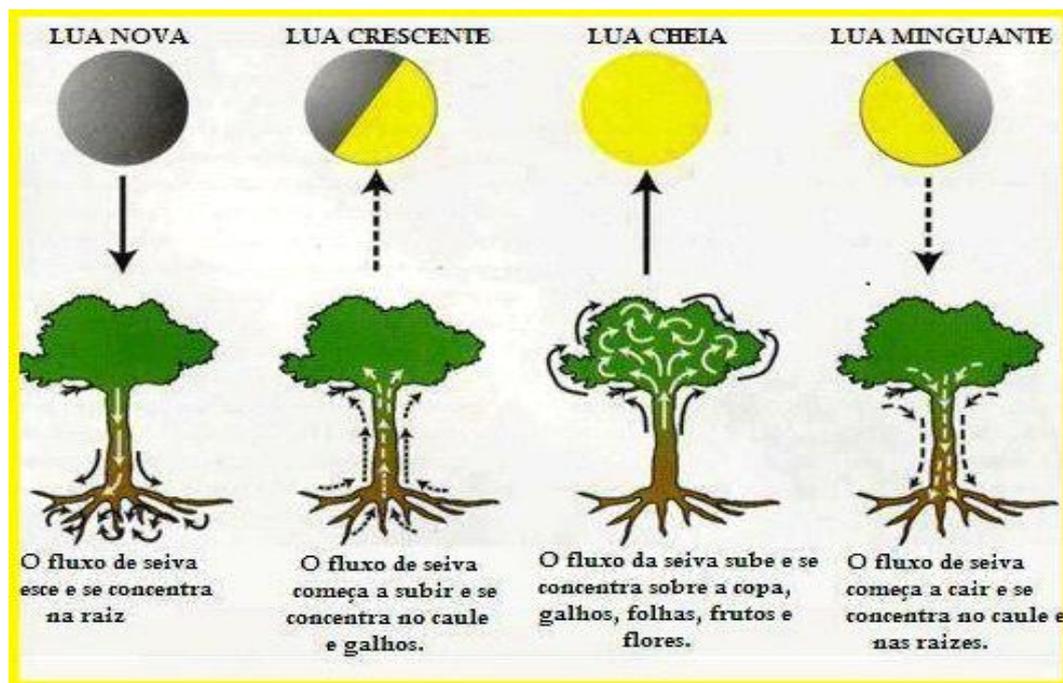
lua tá na minguante, ali uns dois dia antes ou dois dia depois da passage ocê pode esperar que chega, e dá mais certo ainda quando elas enxerta [engravidar] na minguante".

As plantas também são investigadas por pesquisadores com o intuito de descobrir sobre os poderes da lua, seja na semeadura, seja na colheita dos frutos, seja no corte de madeira para construção e remédios. Para Rivera (2005), muitos estudos consideram que a luz lunar é essencial para a vida e desenvolvimento das plantas, uma vez que, para acontecer seu crescimento é necessário estimular os efeitos nutritivos naturais das plantas que são absorvidos também através da luz lunar. Portanto, a fotossíntese da planta é intensificada quando a lua está na crescente (plenilúnio), onde os raios lunares penetram profundamente nas plantas.

Para vários modestinenses, a lua é um indicativo do que podemos ou não fazer. Os segredos são milenares e passados de geração em geração. O entrevistado n° 7 relatou que o que define a durabilidade da madeira retirada para construção é a coleta no período certo.

A madeira ou cipó tirado na minguante não caruncha [dar bicho], mais tem que ser três dias antes ou três dias depois, no dia da passagem não pode, deve esperar passar os três dias da passagem e na outra lua você pode tirar que daí uns vinte dias já tem caruncho nela. (ENTREVISTADO N° 7).

Uma pesquisa coordenada por Sanches (1997) *apud* Jovchlevich (2007) sobre o conhecimento dos povos caiçaras em São Paulo, foi observado que a retirada da madeira e cipós era de acordo com a fase da lua, considerando que a época mais indicada era a fase da lua minguante, sendo exatamente três dias antes ou depois da passagem desta. Como vemos na figura abaixo de Rivera (2005) que nos explica o que acontece com as plantas nas fases da lua. A madeira quando cortada na fase da lua crescente para a cheia, dura pouco tempo, porque suas fibras estão carregadas de muito líquido que ao secar ficam com a madeira macia aberta e cheia de ar. Se cortar a madeira na minguante elas duram mais porque está com uma quantidade de água menor em relação às outras fases da lua, e ao secar suas fibras ficam serradas e permitem a entrada de insetos que a deterioram. No entanto, para consumo no fogão a lenha deve ser retirada na crescente ou cheia.



Fonte: Adaptado de Rivera (2005).

Outras regras para retirada da madeira relacionada aos meses do ano, também foram destacada por Rivera (2005), segundo este autor a sua convivência por mais de seis anos com agricultores de origem europeia (franceses, alemães e italianos) no Sul do Brasil, ofereceu-lhe oportunidades de observar, respeitar e aprender sobre a relação da influência lunar e o crescimento e desenvolvimento de suas plantações. Rivera (2005), destaca que foi fundamental para seu aprendizado no que diz respeito a diferenciação das épocas específicas do ano e da fase lunar para seus trabalhos como poda, semeadura e colheita. Ele destacou que as madeiras devem ser cortadas em meses que não possuem a letra R (maio, agosto, junho, julho), no caso das plantas frutíferas a produção era pouca e os frutos ruins, mas a madeira para construção estava vulnerável a pragas e carunchos. Rivera (idem) destacou ainda que, os botânicos, japoneses, filipinos, malaios e ingleses estudaram detalhadamente os fenômenos que influenciam o crescimento em certos tipos de bambus e comprovaram que algumas espécies do sudeste asiático chegam a crescer de 50 a 60 cm por dia, isso devido a ação das marés que proporciona um crescimento muito rápido da planta durante o fluxo e um atraso no crescimento durante o refluxo devido a força lunar que pressiona a seiva das plantas.

O plantio de algumas lavouras também foi mencionado no decorrer das entrevistas com moradores de Senador Modestino Gonçalves, os alimentos que tiveram destaque foram: a cana de açúcar, o arroz e a mandioca. A entrevistada n° 23 segue atenciosamente os ensinamentos de seus pais desde a adolescência, quando começou a lidar com as plantas,

agora com quase oito décadas de vida ela nos explica porque a fartura na "dispensa" depende de cada agricultor.

Na minguante e nova a gente pranta arroz porque ele enche mais os cachos, se ocê pranta na cheia ou crescente ele vossa muito, profia (aumenta as mudas), dá pouco cacho e costuma queimá as foia, a lua cheia ela faz a pranta sortar muito gaio, foia e cresce dimais é bõ pra prantar calipe (eucalipto), e ainda as pranta igual feijão, andu, essas coisa assim caruncha muito. A mandioca rancada na minguante é boa pra dá goma né, agora se rancar na cheia dá muita massa, aí a fartura é de farinha e não nas quitandas. (ENTREVISTADA N° 23).

Jovchelevich (2007) cita dois autores que desenvolveram pesquisas que relacionam as plantas com a fase da lua. Spiess (1994) e Godstein (2000) pesquisaram e encontraram resultados semelhantes ao da cultura popular. O primeiro realizou durante seis anos uma pesquisa com algumas hortaliças. Nesse estudo foi observado que as cenouras plantadas antes da lua cheia tiveram uma quantidade maior de produto durante a colheita. Já o centeio, os pesquisadores observaram que as fases da lua maior (cheia e crescente) favorecem a germinação da planta; o rabanete depende do ritmo anomalístico, ou seja, do movimento de aproximação e afastamento da lua em relação a Terra; a batata teve um aumento significativo no período de perigeu lunar. O segundo autor, encontrou resultados em estudos feitos nos EUA também sobre a influência lunar sobre as plantas e afirmou que a cenoura quando plantada um dia antes da lua cheia obtém efeito positivo em sua produção, o que resultou em uma margem 15% a mais na produtividade, já o plantio na lua nova teve uma redução de 12% e na lua crescente a produção foi reduzida a 17%.

Em relação à cana de açúcar, a entrevistada n° 23 afirma que a cana de açúcar quando colhida na minguante é mais açucarada. "Se corta a cana na minguante ela dá mais rapadura, o doce apura muito mais digestivo [rápido]". Rivera (2005), afirma que algumas investigações estimam que pelo menos 50% da luz lunar tem influência sobre a maturação e formação dos frutos. Ao mesmo tempo, este mesmo autor relaciona a formação de açúcares nos vegetais com tendência de serem doces. Assim como Beeson (1946) apud Simão (1958), se pode afirmar que não é somente a crença, como se esta fosse desprovida de conhecimento de que a fase lunar influencia na vida, no trabalho e na economia, mas faz parte do calendário de saberes e fazeres dos povos rurais e está inteiramente ligada ao calendário lunar.

Por último, foi citado na entrevista a relação da lua com as plantas medicinais. O entrevistado nº4, diz que não é somente ir ao cerrado e coletar uma raiz e ingerir, mas existem formas corretas para preparação do remédio pretendido no tratamento e cura de uma enfermidade. A não obediência aos rituais de coletas e preparos das ervas podem trazer problemas ou não atingir os objetivos desejados para o tratamento. Paungger e Poppeo (2003), dizem que os resultados de nossas ações vão muito além da capacidade básica de realizá-la e depende também do momento em que estas ações são realizadas. Neste mesmo sentido, o entrevistado nº 4 relata que “pra rancar uma pranta no campo tem segredo, é importante escolher a lua, é sempre bom rancar na mingunte, se rancar noutra lua, além dele não aturar se for guardar, ele fica muito bravo se for na lua forte, o remédio fica melhor nesta lua”. Santos *et al* (2012) afirma que o saber popular deveria está conectado aos saberes científicos e ainda, reiteram que a junção dos dois saberes poderiam trazer melhores resultados.

Durante a conversa com os entrevistados, ficou claro que a curiosidade, a necessidade e a capacidade de raciocínio andam juntas e facilitam as investigações executadas pelos povos tradicionais. Em meio às palavras típicas, eles (benzedores, benzedeadas, raizeiros e observadores da natureza) vão explicando como observar as leis da natureza para se tirar as próprias conclusões e para constituir seus saberes. Mas deve-se reconhecer que não é possível jamais fazer tais observações da "noite pro dia" e sim, através de muito treinamento e experiências vividas ao longo de décadas, ou até mesmo séculos, no qual estas experiências são passadas para os próximos integrantes da comunidade através do convívio de gerações.

Em relação a necessidade, o entrevistado nº11 conta o que o motivou a observar a natureza. E como um bom observador, hoje ele consegue diferenciar a previsão do tempo apresentada em rádio e televisão e diz se é confiável ou não, tais previsões.

Quando não tinha rádio e nem televisão a gente olhava a previsão do tempo era na natureza mesmo, até hoje a televisão fala que vai chover e não chove, a gente não pode confiar, agora a natureza é a natureza né, se a gente entende o que ela quer dizer, ela não mente, tem o jeito certo da gente saber se vai chover ou não. (ENTREVISTADO Nº11).

Através da sua “intelectualidade” adquirida com informações adequadas a partir da observação e experimentação da natureza, ele tenta explicar pontos para que se possa aprender a observar a natureza também. Em relação a chuva, ele chama atenção da relação desta com as plantas, e as ações e costumes dos animais.

Tem aqueles pau que dá flor e a flor dele só cai com chuva, mais aí ela pode adiantá ou atrasar de maneira que é chuva, e era assim que a gente preparava as terras pra prantar. Tem os bicho tamém que informa a gente. Na época de prosperidade, quando vai botar ou fazer nim [ninho], aí eles fica mais alerta canta mais, o pássaro preto canta muito na véspera da chuva, o papa arroz tamém faz muita festa. O João de barro já mostra coisa diferente, cada ano a chuva brava de um lado e ele sente qual lado vai vim a chuva forte, então ele faz a porta da casa sempre o contrário do lado da chuva, por isso que as veze a gente vê uma casa dele pertim da outra só que uma pro lado e outra pro outro”. (ENTREVISTADO N°11).

Também foi relatado pelo entrevistado uma observação que ele faz há anos, em relação a chuva e a formação de névoa em determinados pontos geográficos próximo a sua casa. Segundo o entrevistado n°11, próximo a sua casa tem uma serra que está posicionada a onde o sol se põe, em suas observações ele percebeu que, quando há formação de névoa nesta serra, a chuva pode cair a qualquer momento. Ainda ressalta que as nuvens formadas em outros pontos não são confiáveis.

Mediante o cuidado que deve ter com as plantações e colheitas, o entrevistado n° 11 consegue ainda perceber o tempo de estiagem e de chuva que está por vir. Esta necessidade de percepção apurada é devido aos anos de trabalho com a agricultura e com pequenos espaços para armazenamento dos alimentos. Principalmente na época da colheita, para aqueles agricultores que não possuem galpão para armazenamento, é importante saber o momento ideal para colheita da safra para a conservação dos alimentos.

Quando os cupim sai, se eles sai da casinha miudim é porque tem muita chuva ainda pela frente aí fica chovendo até eles crescer, aí quando eles sai da casinha dele já grande aí tamém é o final da chuva. as formiga tamém fica disiqueta³⁴, o fomigueiro fica movimentado quando tá pra chover, aí quando começa a chuva fica tudo dentro de suas casinha, aí quando sai já é tanajura e trás uma aragezinha³⁵ dus três dia a uma semana. Aí é assim, a natureza mostra um pouco, mais não marca dia, a gente é que tem que prestar atenção. (ENTREVISTADO N°11)

5.2 Plantas medicinais e saberes tradicionais

As plantas medicinais são utilizadas pelos povos tradicionais com a finalidade de combater doença física em humanos e animais, além de combater e afastar males espirituais que neles apossam. Um estudo realizado em uma comunidade tradicional observou que as plantas medicinais têm uma grande representação na saúde e subsistência dos povos

³⁴ Em movimento.

³⁵ Estiagem.

indígenas. As pesquisadoras Leite e Marinho (2014), relatam que as plantas são fortes aliadas de tais povos por apresentarem praticidade e economia, e por terem eficácia na cura de determinadas doenças.

Com a revolução da ciência e do surgimento de remédios que aliviam as dores facilmente, o uso de plantas medicinais foram perdendo sua utilidade para alguns grupos. Contudo, atualmente tem se observado o uso de plantas medicinais ou de seus derivados pela classe média e pelos vegetarianos. Branquinho (2007, p.25) diz que “o uso das ervas não se restringe a aqueles que não podem ter acesso à medicina científica sendo adotada por todas as pessoas de classes sociais”. A pesquisa em Senador Modestino Gonçalves possibilitou observar que alguns membros da comunidade preferem os tratamentos derivados de plantas medicinais mesmo com o fácil acesso a biomedicina por serem tratamentos naturais e eficientes no combate às doenças.

Estes medicamentos naturais são preparados por um conjunto de saberes seculares que vão desde a coleta da matéria prima até o modo de preparo. Todo esse conjunto de regras interfere no produto final e no efeito que causa ao paciente. No entanto, tais saberes são na maioria das vezes desconsiderados pela ciência, devido não terem sido passados por experimento feito por cientistas academicamente certificados.

O conhecimento sobre a saúde deriva de experiências seculares, assim como o conhecimento da ciência oficial sobre as plantas medicinais. Branquinho (2007), alerta que alguns dos medicamentos que geram lucro à indústria farmacêutica teve como conhecimento básico a sabedoria popular, adquirida durante séculos de experiências. O entrevistado nº7 aprendeu a curar as pessoas e a si próprio com um senhor da sua comunidade que faleceu aos 96 anos que fazia tratamentos com plantas medicinais e benzeções desde os 20 anos. É evidente que tais tratamentos são eficientes, ao menos, não resistiam até os dias atuais. Assim, “com base no conhecimento empírico acumulado desenvolvido por meio de uma dinâmica própria, as práticas médicas populares vão seguindo o curso de sua própria história, adequando-se às realidades” (CAMARGO 2014, p.27).

Durante a preparação do remédio as recomendações para o tratamento de uma enfermidade são as mais diversas, incluindo regras físicas e não físicas. Alguns destes saberes foram descritos pelos raizeiros modestinenses. O entrevistado nº7, recomendou que no ato da coleta de uma planta se deve ter o cuidado de devolver a terra para o lugar onde se retirou a raiz, “ocê tirou a raiz ocê devolve a terra no mesmo lugar né, três vezes ali, é uma simpatia

pra dá certo, é o que os mais velhos me passô né, sempre ocê faz isso pra o remédio valer”. Este cuidado em devolver a terra, vai além da crença popular no efeito do medicamento, este ato também pode está relacionado com a formação de brotos das raízes que ficaram para a geração de uma nova planta substituindo a que foi tirada, para que futuramente se possa ter mais desta planta para o uso em tratamentos. Para Branquinho (2007), o conjunto de regras e conhecimentos especiais que regem o preparo dos medicamentos desde sua colheita até o consumo, implica em um modo específico de pensar não somente na saúde, mas de também em estabelecer relações com a natureza.

Esse trecho dito pelo entrevistado n^o7 possibilita associar com o que diz Marivaldo de Carvalho em seu livro “Introdução a práxis indígena: Gente humana ou gente natureza” de 2002. Para o autor:

A natureza, ao ser concebida como um elemento que pensa e trabalha, realiza para esses povos indígenas um trabalho; e o homem, ao se utilizar desse trabalho, deve manter relações de equilíbrio com seu meio ambiente, equilíbrio que seria de certa forma um “pagamento” para com o trabalho que a natureza produz por si mesma. A natureza “trabalharia” para os seres humanos, mas não de forma submissa, e por isso há uma grande preocupação para manter uma atitude de equilíbrio e preservação do meio ambiente envolvente, preocupação esta que está que está expressa principalmente pelo complexo xamanístico. (CARVALHO, 2002 p. 66)

No caso dos raizeiros de Senador Modestino Gonçalves a pesquisa permite observar que estes saberes não consideram a natureza submissa a eles, e sim o contrário, eles seguem o “percurso” ou atos da natureza em suas atividades de cura. Assim, em suas colheitas eles observam o “quanto”, o “quando” e “como” podem ser realizadas as tarefas. Dentre vários outros conhecimentos, a colheita de plantas medicinais e a força da lua, foram também apresentados pelos sábios sertanejos moradores da região de Senador Modestino Gonçalves. O entrevistado n^o4 nos recomenda que:

É importante escolher a lua pra panhar o remédio, é bão é na minguante, porque além dele nao aturar pro ocê guardar, ele ainda fica muito brabo³⁶ se panhar na lua forte, é bão panhar na lua mansa e colocar pra secar na sombra, tem gente que fala que remédio verde não é bão né. (ENTREVISTADO N^o4).

A secagem, se não realizada de maneira correta, pode possibilitar a deterioração de elementos importantes que conseqüentemente irá comprometer os princípios ativos da planta,

³⁶ Bravo, forte, perigoso.

além de favorecer o crescimento de micro-organismos nas mesmas (MARTINAZO, 2006 *apud* CARVALHO *et al* 2010).

Assim como a quantidade de remédios, foram relatadas também as características das plantas para realização de uma boa garrafada. O entrevistado n°3 disse que tanto para preparar conta³⁷ para o tratamento de picada de serpentes, quanto para fazer remédio para outros usos, é sempre bom evitar colocar números pares e sim ímpares, além de observar a suas características, “não pode colocar número de remédio par, tem que ser só ímpar ou 1 ou 3 ou 5 ou 7 ou 9 e ainda tem que ver se a pranta é fria ou quente, porque se for quente não pode facilitar, se não constipa”. O termo “facilitar” quer dizer tomar cuidados. No caso da planta ser de características quentes, quando ingerida, não se deve “tomar friagens” (saí no sereno³⁸, andar no orvalho, tomar banho em água fria) por um tempo determinado, caso contrário o tratamento pode surtir efeito contrário ao esperado. Branquinho, (2007) relata que, o conhecimento popular apresenta as plantas com várias características. Classificam-nas mediante aos males e benefícios das mesmas sobre os pacientes. Possivelmente a contagem de números ímpares para tais tratamentos pode está relacionado com as invocações à santíssima trindade, que para os religiosos o nome refere ao pai, ao filho e o espírito santo.

Após a colheita e secagem das ervas, vem o modo de preparo. Os remédios são preparados em forma de chás, purgantes, xaropes, garrafadas ou queimada na pinga. Os chás utilizam as folhas verdes ou secas, as verdes geralmente são maceradas e colocadas em água fria, se forem folhas secas, são fervidas em água. As raízes, na maioria das vezes, são fervidas ou viram componentes da garrafada. Esta é preparada a base de folhas, sementes, raízes e cascas imersas na cachaça, que podem ficar durante anos vinhando³⁹. Já o preparado “queimado na pinga⁴⁰”, é usado principalmente com plantas de quintais como o boldo⁴¹, o chico ramo⁴², o santo que trepa no pau⁴³ e outros. As propriedades adquiridas com tais procedimentos aliviam dor de cabeça, mal estar, ressaca, e problemas no fígado. O entrevistado n°3 nos relata como deve proceder o tratamento com raizada. “A pessoa que toma pinga, prepara na pinga, quem não toma prepara no vim [vinho] e depois de oito dias

³⁷ Remédio específico para tratamento de picada de animais venenosos.

³⁸ Orvalho que cai em período noturno.

³⁹ Curtindo, extraíndo as propriedades.

⁴⁰ A planta é mergulhada na pinga, com uma colher retira um pouco da pinga e leva ao fogo, ainda aceso, a colher é colocada na vasilha onde está a planta e a pinga, mexer por aproximadamente 10 minutos e, por fim, apagar o fogo.

⁴¹ *Peumus boldus*.

⁴² *Artemisia vulgaris*.

⁴³ *Mormodica charantia* L.

pode começa a tomar, aí quando acabar pode reformar e esperar mais oito dias, aí dura até uns 10 anos, depende do tanto que ocê gasta dela” (ENTREVISTADO N°3). Mas, em caso mais grave, a quantidade de ingredientes (raiz) deve ser aumentada para fazer o efeito preciso, alerta o benzedor.

Quanto ao modo de preparo da garrafada, os procedimentos são parecidos com o modo de fabricação da tintura. De acordo com a ANVISA, em sua publicação “Formulário de Fitoterapias da Farmacopeia Brasileira”,

A tintura é a preparação alcoólica ou hidroalcoólica resultante da extração de drogas vegetais ou animais ou da diluição dos respectivos extratos. É classificada em simples e composta, conforme preparada com uma ou mais matérias-primas. A menos que indicado de maneira diferente na monografia individual, 10 mL de tintura simples correspondem a 1 g de droga seca. (ANVISA, 2011).

Considerando os modos de extrair os princípios ativos das plantas através de bebidas alcoólicas, tanto os raizeiros quanto a ANVISA denominam métodos bem parecidos, porém a ANVISA denomina um padrão a ser seguido, o que se torna diferente do raizeiro, que elabora a medicação de acordo com a necessidade de cada paciente. No que tange as propriedades das plantas, Koseki *et al* (2002) relata que as plantas possuem substâncias como beta caroteno, óleos essenciais, fenóis, taninos, flavóides, além de vitaminas essenciais para manutenção da saúde.

Nos saberes dos povos tradicionais em relação às plantas, é importante citar os depurativos do sangue. Estes são considerados um dos principais preventivos de enfermidades, embora muitos deles funcionam também como remédio curativo para vários tipos de doenças. A medicina popular considera que várias enfermidades acontecem em decorrência de impureza no sangue, que podem ser uma intoxicação sanguínea. São impurezas que se acumulam no sangue ao longo dos anos através da alimentação “gordurosa”, alimentos com agrotóxicos, consumo de animais alimentados com ração melhorada e remédios laboratoriais, além dos alimentos produzidos de modo industrial. O entrevistado n°9 afirma que:

Os alimentos químicos faz a pessoa desenvolver mais né, as criança cresce mais digero [rápido] mais aquilo não é saúde, a saúde dessa criança diminui por causa das coisas químico né, por isso ocê ver menino pequeno já tem pressão alta, tá com açúcar no sangue, colesterol, doença ruim [câncer], na cidade ainda é pior que na roça. (ENTREVISTADO N°9).

No geral, os povos tradicionais acreditam que a acumulação destes “ingredientes” ao longo prazo podem trazer os mais diversos transtornos e prejuízos à saúde das pessoas. Para eles, as doenças vêm em decorrência de “sangue sujo” causado por má alimentação, e a doença mais frequente é o acidente vascular cerebral, ou “derrame” e infarto. Mendonça e Anjos (2004) enfatizam que as dietas características do estilo de vida ocidental são prejudiciais à saúde, provocando sobrepeso, diabetes e doenças cardiovasculares. O entrevistado nº3 relata que sua saúde depende dos tratamentos caseiros a base de plantas, o tratamento é elaborado por ele mesmo, que já é a 3º geração de tratadores com a medicina popular. Ele lembra que “se o sangue tá limpo oce num fica doente”. Ainda sim, com um modo bem típico da localidade de dizer que é saudável, ele nos diz: “Não é qualquer coisa que me arreia não”, e nos explica um pouco sobre a sustentação de sua saúde.

eu fui no médico ele pediu os exames e deu tudo alto, meu colesterol tava lá na gaia do pau, aí o doutor me passou um tanto de remédio, eu cheguei em casa e falei com minha dona, o doutor lá da rua diz que eu tô com o colesterol alto, mais vou no mato rancar uns remedim e não vô tomar comprimido de receita agora não, eu fiz minha raizada daí três mês depois fiz os exames e tava tudo normal, o médico ficou bobo, quando falei pra ele que não tinha tomado remédio de farmácia e só tomei minha raizada, aí não parei de tomar minha garrafada e faço cheque de seis em seis mês e tá tudo normal, pressão num passa de 14, colesterol bão, e de diabete tamém não tem nada, vô dizer pro ocê, o segredo da nossa saúde tá no mato, temo que cuidar do nosso sangue, tem que limpar ele, pra num complicar. (ENTREVISTADO N°3)

O entrevistado nº10 recomenda evitar os produtos químicos, mas nos dias atuais fica difícil não consumir, pois quase todos os alimentos passam por tal processo. Ele nos dá dicas de como amenizar a situação e evitar os problemas de saúde citado anteriormente através de uma garrafada ideal para o caso.

Garrafada para depurativo do sangue é quina de peru, raiz de mangaba, pé de perdiz, barbatimão, semente de pau d’óleo, quina de vara, coloca na pinga ou no vim, e toma de acordo com a idade, para o adulto pode ser uma colher três vezes ao dia, durante 15 dias, e falha 60 dias e toma de novo. (ENTREVISTADO N° 10).

Esta garrafada tem a mesma função das dietas detox, descarregar o corpo de impurezas. Duas plantas dessa receita foram citadas pelo entrevistado nº7, por ter funções cicatrizantes, “o barbatimão⁴⁴ é cicatrizante né, quina de vara⁴⁵ é ótima tamém, a ponta

⁴⁴ *Stryphnodendron*.

⁴⁵ *Chinchona officinalis*.

daquela folha sai um melzinho, aí se ocê tiver ferida na boca, na mão, no pé onde ocê tiver ferida ocê é só colocar dai três dia vai tá tudo “são”, e sara mesmo fica perfeito”.

Ferreira *et al* (2013), em sua pesquisa de revisão bibliográfica nos expõe que vários pesquisadores comprovaram princípios ativos do barbatimão, como antibacteriano contra *Staphylococcus aureus*⁴⁶, antifúngico contra a *Candida albicans*⁴⁷ e anticancerígeno, além de combater as toxinas de serpentes, micro-organismos da cárie dental, possuir ação cicatrizante e efeitos sobre o *Trypanosoma cruzi*⁴⁸ e *Leishmania amazonensis*⁴⁹, úlceras e outras enfermidades.

Considerando o modo de produção de conhecimento, no caso das comunidades tradicionais, é bem provável que os experimentos e as conclusões partem de testes com os próprios raizeiros. Em seus “laboratórios⁵⁰”, eles observam a reação do seu corpo diante dos medicamentos elaborados por eles próprios, e é a partir destas descobertas, que o entrevistado n° 7 relata sobre a eficiência de tais garrafadas para problemas que acometem uma boa parte da sociedade atual.

Tem umas raizinhas na roça que a gente sempre toma pra tá evitano a diabete, colesterol, pressão alta né, eu mesmo tomo umas raízes aí, eu tomo de mês em mês, quando eu tava com pressão alta eu tomava muito remédio de médico, só que hoje eu tomo mais é remédio do mato mesmos e minha pressão tá normal agora. (ENTREVISTADO, N°7).

Anteriormente foram citados alguns males que poderiam ser evitados com o uso frequente de plantas medicinais, inclusive o “derrame” e infarto. Mas, uma vez que o acidente vascular cerebral ou infarto já aconteceu, várias pessoas das comunidades tradicionais, experientes na condução do caso, solicita o uso de uma planta conhecida popularmente como “artimijo”⁵¹ e um purgante para uma limpeza rápida do sangue. Existem vários tipos de purgantes para diversos problemas. Cada um destes purgantes tem sua função: para vermes, para pós-parto e outros. Porém, todos eles são produzidos a partir de plantas medicinais. No caso do derrame, ele deve ser preparado com a raiz de uma planta conhecida como

⁴⁶ Bactéria encontrada na pele e podem causar erupção cutânea e feridas que não curam .

⁴⁷ Bactéria causadora de candidíase.

⁴⁸ Protozoário que causa a doença de chagas.

⁴⁹ Protozoário que causa a leishmaniose.

⁵⁰ Laboratório aqui significa um espaço, onde são feitos os procedimentos de cura que pode ser a própria casa da pessoa doente ou do benzedor. E também o local da coleta de plantas e ervas, tais como: o quintal, o cerrado e a mata.

⁵¹ *Tanacetum parthenium* L.

Gelapinha⁵² e óleo de mamona (azeite), que são produtos 100% naturais produzidos a partir de técnicas antigas da comunidade modestinense. Esta mesma planta (Gelapinha) é indicada também para combater furúnculos, que é um problema que aflige muito as crianças, conhecido também como “nascidas” “brotos”. Estes são pontos de feridas que saem em toda parte do corpo, devido a uma alimentação “remosa”, inclusive o coco de macaúba, muito comum na região de Senador Modestino Gonçalves. No entanto, a planta (Gelapinha) é considerada forte e deve ser colhida na lua minguante, de preferência fora da passagem desta mesma lua (três dias antes ou três dias depois). Além do mais, o paciente deve se resguardar de friagem para evitar constipação. O purgante para vermes deve ser ministrado com cautela, pois depende da situação de saúde de cada paciente. Caso o enfermo esteja com muito verme e/ou “fraco”, deve ingerir pequenas porções, caso contrário o medicamento pode levar à morte. Além disso, a quantidade do remédio deve ser observada e também o período para a dieta alimentar, pois logo quando o purgante começa a fazer efeito o paciente é alimentado com caldo de frango magro. No caso do tratamento para vermes, se não fizer a dieta como recomendado, o paciente pode morrer sufocado devido a quantidade de vermes. A entrevistada nº23 contou detalhes de uma experiência com purgantes, “eu vi meu afilhado morrer. A mãe dele deu ele um purgante preparado na lua forte, e ele tinha muito verme e ela demorou dar ele o caldo e ele começou sufocar com as lombrigas, num deu tempo nem de dar ele um leite com doce pra elas acalmar”. Assim, fica claro a necessidade do aprendizado para realizar tais tratamentos, o que explica a preocupação de alguns membros das comunidades em relação a compartilhamento do conhecimento adquirido com os moradores da região.

Durante a pesquisa de campo, foram indicadas duas pessoas para serem entrevistadas, uma com diagnóstico de câncer de mama e ossos e a outra já curada de câncer de colo de útero. A primeira relatou que passou por duas cirurgias e seis meses de quimioterapia e depois mais vinte e uma seções de radioterapia. Segundo ela durante as seções de quimioterapia era imprescindível o uso de uma planta chamada aveloz⁵³, que é usado uma gota duas vezes ao dia, um dia antes do exame.

eu fazia a quimioterapia e quando as plaquetas tava baixa, aí eu não podia fazer, até que me ensinou tomar leite de aveloz na água, aí eu tomava o chá no domingo pra fazer o exame na segunda, aí já dava normal as plaquetas, aí eu podia fazer a quimioterapia, eu fiz isso até terminar as seções, eu fazia de

⁵² *Exogonium purga*.

⁵³ *Euphorbia tirucalli*.

sete em sete dias até terminar as seção, por isso que abaixava muito, aí eu tomava o chá e ela dava alta e eu podia fazer a quimio”.

Vários estudos apontam efeitos positivos do aveloz no tratamento contra o câncer, entre eles, está um estudo realizado no Centro Universitário de Patos de Minas, Alves e Nepomuceno (2012) afirmaram que diante dos resultados obtidos em sua pesquisa o aveloz mostrou-se capaz de reduzir tumores malignos.

A entrevistada n°18 que também foi vítima de um câncer no colo de útero, nos revela um pouco de sua trajetória com a doença e a importância das plantas medicinais e orações para a sua cura.

Eu tive em 2008 um câncer de colo de útero e fiquei muito mal, fiquei internada três meses só na base da amofina, não comia nem bebia, só deitada. Isso foi lá no Sul de Minas, os médicos de lá falava que já tinha feito tudo que podia, e me mandaram pra cá, aí fiquei aqui e continuei o tratamento em Belo Horizonte, e eles falava a mesma coisa, que no meu caso era só Deus mesmo, que o que podia eles já tinha feito, aí vim pra cá e tive muitas recaída, eu ficava internada no postim [Unidade de saúde] aqui e as vezes ia pra Diamantina e voltava, aí eu fiz 5 quimioterapia e 35 rádio. (ENTREVISTADA N° 18).

O tratamento com plantas medicinais e as orações são normalmente oferecidas de forma gratuita, o que é bem característico destes tratadores. E uma das entrevistadas diz “eu comecei a fazer o tratamento com ele, tomei muitas garrafadas dele que era muito bom, ele também fazia muitas orações pra mim, e aí a partir do momento que conheci ele só vim melhorando, melhorando, melhorando, e graças a deus agora eu to ótima” (ENTREVISTA n°18). Guimarães e Avezum 2007 consideram que:

A influência da religiosidade/espiritualidade tem demonstrado potencial impacto sobre a saúde física, definindo-se como possível fator de prevenção ao desenvolvimento de doenças, na população previamente sadia, e eventual redução de óbito ou impacto de diversas doenças. As evidências têm-se direcionado de forma mais robusta e consistente para o cenário de prevenção; estudos independentes, em sua maioria de grande número de voluntários e representativos da população, determinaram que a prática regular de atividades religiosas tem reduzido o risco de óbito em cerca de 30% e, após ajustes para fatores de confusão, em até 25%. (GUIMARAES, e AVEZUM, 2007, p. 93).

No caso deste tratador⁵⁴, a enferma usou uma garrafada preparada por ele, mas foi indicada a fazer uso da folha de graviola e babosa, interrogada sobre a melhora, a resposta foi precisa.

Eu tive muita melhora, principalmente com a graviola, por exemplo, eu não tinha vontade de comer e aí já vi que o apetite aumentou, eu fazia os exames de sangue dava tudo ruim, a partir de quando comecei a tomar a graviola os resultado dos exames de sangue tudo começo a miorar. Eu acho que ajudou muito, é uma dor insuportável, eu continuei tomando a amofina aqui mas, não miorava a dor, aí eu tomava a graviola um dia sim outro não né, eu colocava 6 folhas por 1 litros de água, até que parei com a amofina, chegou um ponto até os médico mesmo me mandar tomar. (ENTREVISTA n°18).

Estudos feitos por Berti e sua equipe em 2007, afirmaram que a planta babosa, citadas anteriormente pela entrevistada n°18, tem princípios ativos contra o câncer. De acordo com os pesquisadores, o estudo foi realizado em camundongos e mostrou o potencial das propriedades da Aloe Vera em tratamento de células melanomas. “A avaliação da ação antitumoral de compostos de Aloe Vera L, em especial da aloína e do extrato do parênquima clorofiliano, indicaram forte ação tóxica para células de melanoma de camundongos” (BERTI *et al* 2007, p. 175). Quanto a graviola, uma publicação de uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos⁵⁵, demonstrou que o extrato da folha de graviola tem efeitos contra as células cancerígenas, principalmente de próstata e pâncreas. Outro estudo divulgado pelo *Journal of Natural Products*, confirma que a folha da graviola apresentou 10 mil vezes mais eficaz que a adriamicina, que é um dos principais medicamentos usado no combate a doença. A planta foi reconhecida também em estudos realizados na Coreia do Sul por não causar nenhum efeito negativo ao paciente, ao contrário dos medicamentos alopáticos. A *Purdue University*, constatou que muitas células cancerosas não morrem com a quimioterapia e que felizmente as propriedades contidas na folha da graviola conseguiu conter tais células.

5.2.1 As plantas e as doenças espirituais

Nas comunidades tradicionais em geral as plantas são ótimas aliadas no combate enfermidades físicas. Mas é importância também para combater e afastar os males espirituais

⁵⁴ Benzedor, curandeiro e raizeiro.

⁵⁵ Noticiada pelo site UOL.

(olho gordo, inveja, quebranto e feitiçarias). As plantas mais utilizadas para este “incômodo”⁵⁶ são guiné, espada de são Jorge, arruda, rosa branca, alecrim e vassorinha doce. As quatro primeira geralmente são preparadas em forma de banhos, já a última é bastante utilizada em benzeções. Os males espirituais não são reconhecidos pela medicina oficial, mas Camargo (2014) menciona que, apesar da ciência oficial se apresentar incapaz de explicar a espiritualidade, por não ser matéria, o pensamento humano “vagueia” no que não existe no concreto, mas acredita que este “espaço” realmente existe.

Para alguns povos tradicionais os males espirituais atingem o nosso corpo físico através de energias. O entrevistado n°2 explica que uma dor de cabeça pode ser um sintoma de que o indivíduo está doente espiritualmente, e a cura é um tratamento espiritual com complementação do tratamento a base de plantas, o que chamamos de banho de descarrego.

Os banhos é mais indicado pra pessoa que tá com mau olhado, com olho ruim
O mau olhado é o feitiço pior que tem, a pessoa olhar pro oce com mau
olhado ou procurar ocê e ocê não serviraíocê fica ruim, oce começa a fica
com dor de cabeça e sonera, só que nem todo mundo tem esse olho ruim né.

Alguns dos entrevistados nos descrevem e nos dá dicas de como preparar um bom banho de descarrego.

eu sei uns banho de arruda, alho roxo, guiné de casa ou do mato mesmo, sal
grosso, só que não pode colocar uma quantidade par, tem que ser sempre
ímpar, a planta ocê coloca três pontinha de cada uma, aí cozinha ele toma o
banho normal e depois vira ele só do pescoço para baixo, e não pode secar
com toalha, só deixa escorrer um pouco e veste a roupa. (ENTREVISTADO
N°10).

Já o entrevistado n°7, além de ensinar o banho, dá informação sobre a coleta destas plantas. Percebe-se que para o banho de descarrego não há influência da força que a lua exerce, mas sim a escolha da data, neste caso um dos principais dias do ano para os religiosos, sendo assim, afirma um dos entrevistados:

Os dias bão de toma banho é quarta e sexta feira, outra coisa, esses remédio ocê pega
na sexta feira da paixão antes do sol nascer, isso serve para qualquer remédio, os que
é pêgo na sexta feira da paixão é melhor ainda e tamém qualquer um bicho mau que
te pegar ocê pode banhar. (ENTREVISTADO N°7).

Assim como cura doenças espirituais, algumas plantas têm também a função de prevenir os males espirituais. As plantas como Guiné, Espada de São Jorge, Arruda e outras,

⁵⁶ Doenças.

podem ser colocadas ao lado esquerdo da porta da entrada principal da moradia, ou podem servir para confeccionar amuletos que geralmente são costurados em um pedaço de tecido e depositado na carteira ou bolsa. O entrevistado n°7 explica como preparar um bom amuleto de plantas, “sempre que ocê for na benzedeira, benzer e tiver uma arruda, ocê colocar uma arruda na carteira no bolso, se ocê souber de muitos lugares que tiver muitos homem de zoi gordo ocê sai com isso evita alguma coisa ruim pegar no ocê né”.

A cura de alguns males físicos também necessita de trabalhos espirituais. É comum em comunidade rural às pessoas e animais sofrerem com sangramento em decorrência de alguns cortes. O estancamento do sangue ocorre da seguinte forma, “pra ocê benzer de sangue, ocê pega três galhos de vassorinha doce, se ocê não tem ela ocê pega qualquer um ramo lá mesmo e benze e torce a vassorinha e joga fora, ninguém pode pôr a mão nela” (ENTREVISTADO N°7). Assim como o sangramento, o cobreiro também é uma doença física provocada por lagartixa, anfíbio, cobras e aranhas. O tratamento para estas enfermidades é realizado com o auxílio de uma planta conhecida como mamona. Esta planta é a mesma que extrai o óleo para fazer o “purgante”, purificador do sangue como mencionado anteriormente.

Durante a entrevista ficou claro que muitos membros da comunidade acreditam firmemente no poder das plantas medicinais. O entrevistado n°4 falou sobre a diferença entre alguns medicamentos provenientes da farmácia com alguns remédios do mato: “o efeito do remédio da roça é mais devagar mais dura mais, o efeito das plantas é melhor que os remédio de médico, só não pode abusar e deixar a doença agravar, mais nós sabe que, nem nós, nem o médico sabe tudo do mundo, nuns ponto eles sabe mais que nós ,noutros não” (ENTREVISTADO N°4).

5.2.2 Tratamentos de animais com plantas medicinais

Algumas plantas medicinais também são aliadas para tratamentos em animais. Há preparados indicados para infestação de carrapatos, bernes, intoxicação alimentar, aborto, cirurgia, reprodução e outros. Alguns moradores de Senador Modestino lançam mão de medicamentos industrializados para usufruírem de descobertas vindas dos povos tradicionais, como exemplo podemos citar a troca dos medicamentos para o controle da pressão arterial e colesterol pelas plantas medicinais presente no cerrado no entorno de SMG. Durante a

entrevista com o informante n° 9, falou sobre suas considerações para com a alimentação e remédios dos animais na atualidade, e a resposta foi bastante precisa.

Ahhh aquilo não faz nada bem não né, ohhh, pra oce ver esses frango de granja mesmo, um pintinho de granja dura menos de dois meses já tã bõ pra comer, já o caipira pra dá pra nós comer é mais ou menos uns seis meses ou mais. Intão o remédio que eles dá pros frango faz mal pra gente pois a gente come ele uai, oce ver que osso é podre e a carne é muito mole, presta atenção pro ocê ver os menino tá crescendo muito digero e naceno[nascendo] barba ainda muliquim⁵⁷. (ENTREVISTADO N°9).

Os tratamentos são os mais diversificados, alguns entrevistados relataram algumas plantas para animais empestiados⁵⁸, com pêlos arrepiados, bernes⁵⁹ e carrapato.

O cedro é pra os animal que tiver com o pêlo feio, berne, carrapato tira tudo, ocê coloca na água e vai dando pra eles ou ocê moi ele e coloca na ração (casca), tem tamém pra colocar no sal, aquela tocha de abelha arapuá, ocê pega queima ela e tira a cinza e põe no sal, não tem remédio melhor que aquele pro ocê dá qualquer animal, eu mesmo num dou injeção pros meus não. (ENTREVISTADO N°7).

Outro remédio indicado para essas complicações (bernes, carrapatos, etc) e dor de barriga em animais, foi uma planta típica do cerrado mineiro, “a unha d’anta⁶⁰ limpa o pêlo do animal, faz caí os carrapato, berne e ele disinvolve a ingorda que fica uma beleza e pra dor de barriga tamém não tem igual” (ENTREVISTADO N°11). Para o desenvolvimento dos equinos, foi relatado também uma técnica conhecida como sangria, que deve ser feito por pessoas experientes, uma vez que é considerada uma técnica perigosa por cortar a veia artéria do animal.

Quando o animal tá empestiado a gente faz a sangria é melhor que dá remédio as vezes, tem um aparelhinho que chama freno, ele parece um canivete, aí ocê amarra o pescoço do animal e bate o freno na veia artéria e tira ali uma quantidade de sangue que ocê ver que não prejudica o animal, aí ocê disarmar a corda, e da um pique na ponta de pãuzinho e abre ele e coloca prendendo o lugar e pode solta pro mato que não sangra não, isso engorda mesmo o animal, Isso daí eu aprendi fazer com meu tio, e tem muita gente na região que faz, e é só fazer que dentro de poucos meses já tá bonito o animal, dependendo do pasto com 30 dia já tá bem liso de gordo.(ENTREVISTADO11).

Apesar dos animais conseguirem naturalmente se reproduzirem, de acordo com as regras da natureza, o entrevistado n°7 explica que existe uma planta para a reprodução dos animais que é “o marinheiro⁶¹, serve é para entrar no cio mais digero [rápido], é só enquanto

⁵⁷ Adolescente.

⁵⁸ Sem desenvolvimento adequado a idade e tamanho.

⁵⁹ Larva que infecta a pele dos animais e humanos.

⁶⁰ Não encontrado na literatura.

⁶¹ Não encontrado na literatura brasileira.

dá pega cria mesmo”. Além do remédio para entrar no cio, foi indicado também por outro entrevistado remédio em caso de sintomas de aborto, “pra num perder a cria tem o “espim de luiz caixeiro⁶²”. Já tive muito caso de vaca que começa amojar [aproximar do parto] antes do tempo pra perder o bezerro aí a gente vai e dá uns três espim torrado, aí impede da vaca perder o bezerro”.(ENTREVISTADO N°11). Este relato do entrevistado mostra o quanto os sertanejos estão atentos a todas as mudanças, sejam nas plantas, nos animais, humanos, clima etc. o que faz gerar tantas descobertas e conhecimentos.

Durante o tempo de soltura na larga⁶³ os animais correm o risco de serem intoxicados com algumas plantas, mas quando ocorrem casos de envenenamento há tratamentos específicos. No entanto, em caso de fêmea deve observar se a mesma está prenha (grávida), pois algumas plantas não podem ser ministradas neste período.

Ohhh tem algumas ervas que eles come que faz mal, e se não cuidar morre mesmo, aí nesse caso tem a erva de rato, puerana e o tento, mas a mais grave é a erva de rato. Pra tratar a erva tem muito remédio do mato, mas o melhor que eu acho é a carqueja, pode dá qualquer animal, só não pode se tiver enxertada, aí até tem outros só que é mais fraco. Eu já tratei de muitas cabeça de gado ervada com carqueja pode da até uns 5 litros de sumo ou ferver a carqueja. (ENTREVISTADO N° 11).

5.3 Tratamento de picada de animais venenosos

Os moradores das comunidades rurais estão mais propícios aos ataques de animais venenosos que os moradores da zona urbana. Este fato ocorre devido ao local de moradia e pelo tipo de atividade exercida pelas pessoas. A pesquisa realizada mostrou que, a maior parte dos entrevistados estavam realizando trabalho no campo no momento do acidente com picada de cobra. As partes do corpo atingidas foram os pés, mãos e pernas. No caso de picada de animais venenosos (cobras, aranha e escorpiões), em Senador Modestino Gonçalves é muito comum os pacientes fazerem o tratamento com os curandeiros locais. O tratamento geralmente não tem nenhum custo e é realizado na casa do paciente em decorrência das complicações da enfermidade. “Eu benzo de mordida de cobra, eu aprendi com meu pai e ele com a mãe dele, meu irmão também benze, eu não tenho profissão com isso só faço pra salvar vida mesmo, meu pai também salvou muitas vidas” (ENTREVISTADO N°3).

⁶² Ouriço Cacheiro.

⁶³ Deixar solto para os animais se alimentarem de pastagem nativa.

Na visão dos curandeiros locais o tratamento para picada de cobra é complexo. Para a eficácia do tratamento é necessário um conjunto de procedimentos técnicos. O entrevistado nº3 diz que “a oração “pára” o veneno e depois toma a conta para cortar o veneno e a dieta completa o ciclo da cura”. O tratamento inclui medicação, dietas, cuidados específicos, invocação espiritual através de orações, e alguns cuidados para o dia a dia por tempo determinado na maioria das vezes quarenta dias. O descumprimento das ordens dadas pelo curandeiro pode gerar vários problemas para o paciente, trazer sequelas, problemas psicológicos e dificuldades para a cura.

No caso da medicação, os remédios citados pelos curandeiros para o tratamento de picada de animais venenosos, são feitos tanto com a ingestão oral do medicamento quando em forma de emplasto no lugar da picada. As plantas canguçu preto⁶⁴, canguçu branco⁶⁵, amburana⁶⁶, assa peixe⁶⁷, jurema⁶⁸, fel da terra⁶⁹, caboclo da bahia⁷⁰, cipó cingurá⁷¹, semente de quiabo, barriguda⁷², guiné⁷³ e jiló verde são preparadas na cachaça para a ingestão oral, enquanto a clara de ovo é batida em neve para ser colocada no lugar atingido pelos dentes da serpente, já a cebola branca, ora-pro-nóbis e mentraste⁷⁴, são macerados para a mesma finalidade anterior assim como o bicarbonato de sódio. Os curandeiros locais alertam que pode colocar no local da picada, mas não pode ser ingerido para não dar efeito contrário ao tratamento.

O Entrevistado nº 10, morador de uma comunidade rural do município Senador Modestino Gonçalves, com seus 67 anos de experiência é conhecido como um bom tratador de picada de cobra. O curandeiro relata que faz procedimentos com oração a fim de expulsar a serpente de terrenos e matar a cobra a distância. No caso do tratamento o entrevistado explica como reage o emplasto no caso de acidentes com animais venenosos.

O mentraste e o bicarbonato aí pra tomar já não pode, por que serve pra puxar o veneno pra fora, não pode ser tomado nos 40 dias ali. O ovo ocê pode bater a clara dele, a cebola branca, o pirnobe [orapronobis], o bicarbonato essas

64 Não encontrado na literatura.

65 Não encontrado na literatura.

66 *Amburana cearensis*.

67 *Vernonia polysphaera*.

68 Não encontrado na literatura.

69 Não encontrado na literatura.

70 Não encontrado na literatura.

71 Não encontrado na literatura.

72 Não encontrada na literatura.

73 *Petiveria alliacea* L.

74 *Ageratum conyzoides* L.

coisas é bão marrar na hora pra puxar o veneno, só que não pode comer, o que serve pra puxar o veneno pra fora se oce comê puxa pra dentro, aí pra sair dos intestino é pior né. (ENTREVISTADO 10).

O modo de preparo do medicamento foi destacado por vários curandeiros, usando sempre a pinga como um dos principais ingredientes. Mas a preparação da medicação é regida por normas, assim como a quantidade de benzedor, ou seja, a quantidade de pessoas que vai realizar o trabalho de benzimento. O entrevistado nº3 diz que a quantidade de remédios colocados na “garrafada” interfere no efeito, mas esta quantidade diz a respeito a quantidade de espécie que está relacionado com a numeração par e ímpar. “Tem segredo sim pra conta de cobra, não pode colocar número de remédio par, tem que ser só ímpar ou 1 ou 3 ou 5 ou 7 ou 9” (ENTREVISTADO N° 3). Já em relação a quantidade de pessoas que podem fazer o trabalho de intervenção com a benzeção também é explicada e exemplificada pelo mesmo entrevistado. “O benzedor é a mesma coisa, tem que benzer só com ímpar” (ENTREVISTADO N° 3).

Este mesmo entrevistado conta que ele e seu irmão faz parte da 3° geração de tratadores de picada de animais venenosos. Mesmo conhecendo os lugares mais propícios aos ataques de cobras, quando era mais jovem foi picado por Jaracuçu⁷⁵ amarelão em um lugar distante de sua casa, e logo após o acidente as toxinas da serpente já causava efeito no seu corpo. Foi aí que ele entrou em ação com todo o seu aprendizado durante anos de preparação com a sua mãe.

Quando me pego era umas 4 hora da tarde, primeira coisa que fiz foi pegar um cipó verde e marrei na perna, cheguei tinha um brejo e lembrei que não podia saltar água, tive que da uma volta longe no lugar, de repente comecei a sentir das vista, era mês de agosto parecia que o cascalho da estrada tava pipocando pra cima assim,o meu corpo minava sangue, olhei pra grotta ela tava amarelando, olhei pro céu, o sol tava igual uma estrela dalva, mais vermelhinha igual um brasa, pra mim eu tava numa vereda, aí minhas vistas acabou, aí eu comecei a me benzer e minha vista foi clareando e eu segui pra casa, aí cheguei num arame passei por cima dele porque não pode passar em baixo, aí eu cheguei em casa tomei a conta e fiquei bem, sem senti nada. Mas minha dona ficou apavorada quando eu contei e pediu compadre [fulano] pra me benzer aí eu passei mau. (ENTREVISTADO N° 3)

É neste momento que o entrevistado dá prova sobre o descumprimento das regras que devem ser seguidas. Para ele a benzeção pelo segundo tratador não foi mal intencionada, mas o prejudicou, a ponto de ter que ser encaminhado para o hospital. Mas relata que o tratamento no hospital não foi suficiente para a cura completa. Ele relatou que ao voltar do hospital ele

⁷⁵ *Bothrops jararacussu*.

ficou com o psicológico afetado e não conseguia esquecer o momento da tragédia, sentindo como se a serpente passasse em seu corpo a todo o momento. Foi aí que houve a necessidade da ação do terceiro benzedor para chegar à numeração ímpar. “eu tive que procurar Sr. Gaspar pra dá a conta de três, aí ele benzeu me deu umas contas e acabou tudo”(ENTREVISTADO N°3)

O preparado para picada de cobra é considerado por alguns tratadores como um veneno que cura outro veneno. O entrevistado n° 4, ressaltou inclusive que, o canguçu preto só é ministrado em caso grave, por ser uma planta que causa efeito sedativo, assim deve ser ministrado com cautela por quem entende do assunto, pois depois de ingerido tem que ser observado à reação do paciente, e no momento certo ser ministrado o canguçu branco para cortar o efeito do canguçu preto. O canguçu preto corta o veneno da cobra e o canguçu branco corta o veneno do canguçu preto, “Pra cobra muito braba ocê dá o canguçu preto, aí quando ocê vê que cortou o veneno da cobra, ocê dá o canguçu branco pra corta o veneno do preto” (ENTREVISTADO N° 4). Nesta linha de aprendizado o entrevistado n°3 aponta o que pode ocorrer se ministrado de forma irregular, “o canguçu preto mata e desmaia a pessoa até três dia e ela costuma não voltar aí tem que dá o canguçu branco, ele é perigoso” .

Quando questionado a dosagem do remédio, ficou claro que depende do estado de cada paciente e da espécie de cobra que causou o acidente. O entrevistado n°4 explica que “a dosage depende da pessoa, as veze é repetida de 24 em 24 horas em quantidade sempre menor, porque quando coloca tudo na pinga fica muito forte. Aí quando já tiver desinchano a ofença [parte do corpo atingido pelos dentes da serpente], já não pode mais, se tomar ao invés de miorar vai e envenenar”. É claro também que, depende de como foi preparado, pois alguns mestres preparam o remédio mais fraco que pode ser ministrado mais vezes durante o tratamento. Em relação a dosagem o entrevistado n° 3 diz que, “a gente dá é colherzinha pode ser uma colher ali de meia em meia hora, de uma em uma hora conforme a pessoa tiver”. Assim fica incontestável as regras do mestre, considerando que somente ele sabe o que compõe a “garrafada” e a quantidade exata para cada paciente.

Durante a entrevista foi perguntado sobre o momento em que deveria fazer a benzeção, ministrar o remédio e fazer os emplastos e o entrevistado disse: “primeiro é feito a benzeção pra parar o veneno e depois dá o remédio, um completa o outro” (ENTREVISTADO N°3). O entrevistado n° 4 propõe que, “na hora que pica ocê, ocê coloca

um cipó ou qualquer uma coisa verde para o veneno no espalhar até ocê tomar algum remédio e benzer”. Já o entrevistado n° 10 menciona que o tratamento pode ser começado a distância,

Primeiramente deve ser feito um banho ou imprasto de mentraste ou então se nao tiver ele e tiver um bicarbonato ali na hora, pode até cuspir na mão e colocar o bicarbonato, aí coloca ali no lugar para puxar o veneno (...) a oração eu faço daqui memo quando o portador já chega com a noticia, aí quando chego lá faço a oração tamém. (ENTREVISTADO N°4).

Sobre o intervalo para o momento de intervenção espiritual, ou seja, para a benzeção, ele explica que varia de paciente para paciente, tudo depende das condições favoráveis ou não da vítima. ”Depende cada caso, eu faço agora aí mais tarde passo a saber como tá o fulano, se a pessoa tiver muito ruim a gente reza daí uma hora e pouco, duas horas a gente reza través, assim vai até será⁷⁶” (ENTREVISTADO N°10).

A maioria das orações de picada de serpente não pode ser divulgada. A explicação vem do entrevistado n°10: “não posso, porque já tem três cópia dela aqui na região e não pode ter mais que três, se tiver, nem uma fica valendo nada ”(ENTREVISTADO N°10). O entrevistado n° 2 também age como o anterior, quando foi perguntado sobre as palavras que compõem a oração, ele respondeu “A oração de picada de bicho mau não pode ser declarada, deve ser uma pessoa muito bem escolhida pra aprender ”(ENTREVISTADO N°2).

Diferentemente dos anteriores o entrevistados n° 3, disse que a oração que completa o tratamento, ou seja, para o momento da oração é feito antes o sinal da cruz (pegando da cabeça, busto e os dois ombros) dizendo: em nome do pai, do filho e do espírito santo amém, e logo após, faça a pergunta a vítima: “o que que te pegô? aí a pessoa responde, bicho mau que pego, aí ocê fala num foi bicho mau, foi o cachorro do padre frei Quelemente, Deus e Maria tira tudo em nome do pai do filho e do espírito santo amém” por três vezes e pronto” (ENTREVISTADOS N° 3). Mas como uma regra ele ainda ressalta, ”tem que ter fé se não tiver não vale e se tiver ocê miora [melhora] num instantim [rápido]” (ENTREVISTADO N° 3) .

Como complementação do tratamento, foi citado por vários deles a importância da alimentação correta por ocasião do tratamento. Assim como a alimentação horas antes do acidente pode dificultar a cura. O desrespeito á ordem (comando) do tratador pode acarretar problemas a saúde do paciente. A dieta dura por no máximo 40 dias, nela está restrito alguns vegetais, algumas carnes e também restrições quanto ao uso de remédio para dor como o

⁷⁶ Curar.

paracetamol e novalgina; “os alimentos proibidos são o quiabo, ora-pro-nóbis, alho, cebola, arroz, ovo, carne de boi, peixe, carne de porco, e tudo que lastra [alastra], igual chuchu, feijão-de-corda, maxixe, nada disso pode” (ENTREVISTADO N°4). O entrevistado n° 10 conta que sua mãe foi picada por uma cobra bem venenosa e ficou muito mal devido à desobediência com a alimentação “mãe comeu uma vez coisa que não podia, ela já tava quase boa, aí pôs sangue pelos cabelos do braço tudo, foi ofendida por jararaca”.

Em vários momentos ao longo da entrevista os entrevistados falavam das “crenças” que deveriam ser seguidas pelos pacientes, dentre elas está não pisar em cabelo. O entrevistado n°10 recomenda que durante a quarentena “a pessoa não deve passar nem debaixo do couro de boi por causa do cabelo”. O entrevistado n°4 alerta sobre o perigo da influência do olhar “ruim” sobre a pessoa ou animal picado por cobra: “uai se a pessoa for de mau olho evitar te ver ou o animal que tiver ofendido”. Já o entrevistado n° 3 fez ressalvas sobre a energia emitida por mulheres grávidas, “o meu pai falava que a mãe dele, minha vó, ensinou que a mulher grávida não pode ver quem foi ofendido, nem gente de boca roxa⁷⁷, e se duas pessoas que tá picada também não pode ver nem saber do outro”. O entrevistado n° 10 falou sobre a água. Segundo ele, para atravessar rios e córregos, é importante posicionar o corpo como manda a crença,

Pra saltar a água não pode ser de frente, tem que ser de costa, agora se quiser saltar de frente, você pega um garranchim [pedaço pequeno de planta] e joga pra cima na água e ocê passa antes dele passar por ocê, ou se não passa de costa memo [mesmo], esse é um segredo que nem eu não sei. (ENTREVISTADO N° 10).

Ao longo dos anos vão surgindo histórias ao redor das práticas curativas, sejam elas quais forem. No caso do tratamento de picada de cobra não foi diferente, tanto para a medicação quanto para a oração. No caso da oração o entrevistado n°10 conta que,

Essa oração é engraçada, tanto que trata [da enfermidade] e tira cobra do terreno, diz que começou com os capeta que começou quereno colocar a cobra pra picar uma pessoa, aí eles pensou assim, nós memo vamos fazer o remédio e vamos tratar com nosso nome, eles era três e pós o nome dele de [nome não pode ser revelado por fazer parte da oração], aí Jesus, Maria e José estava escutano e colocô o nome da santíssima trindade e do Senhor São Bento para curar, aí ficô a oração.(ENTREVISTADA N°10).

Já o entrevistado n°4 nos relata a origem mística que envolve o animal e a medicação para o tratamento de picada de cobra, “tem até a história que contava que cobra pegô o tiú

77

Pessoa que possuem os lábios com tonalidades escuras.

[teíu] e ele foi lá e comeu assa peixe e sarou, aí o povo ficô sabendo que ele era bão, é um grande remédio”.

O tratamento de picada de escorpião foi relatado de uma forma um pouco diferente, mas se assemelha ao tratamento de picada de cobra feito com emplastos. O entrevistado n°4 relata que a medicação é feita com o próprio escorpião e álcool.

Pra escorpião a conta pra ele é ele mermo, é só colocar ele no álcool ou na pinga, mais se não tiver a conta dele pode dá um pedaço de rapadura e colocar alho, ovo, cebola no lugar, tudo que não pode comer pode colocar no lugar, se comer puxa pro coração e se colocar na ferida puxa pra ferida e aí sai do corpo. (ENTREVISTADO N°4).

Observa-se que o entrevistado n° 4 não dispõe de dietas alimentares, mas cita os mesmos alimentos (bicarbonato, ovo e outros) que compõem o emplasto para picada de serpente e que são proibidos para ingestão. Foi citado o tratamento para picada de aranha pela entrevistada n°23, segundo ela a enfermidade pode ser tratada com a realização de uma simpatia. “A aranha foi eu mesmo que tratei com uma simpatia, eu peguei o “tição de fogão” [pedaço de madeira com fogo] e virei o pé dele pra cima e a ponta para baixo e despejei água em cima do pé dele e correu aonde ele tava aceso em cima da picada”.

Além da entrevista com os mestres da medicina popular de Senador Modestino Gonçalves, a pesquisa visou também entrevistar alguns usuários que procuram por esse tipo de tratamento. Dos 25 entrevistados, cinco fizeram tratamentos de picada de cobra com curandeiros locais. Sendo duas mulheres e três homens, e uma das mulheres teve outra enfermidade chamada “espim de bicho mau” e precisou recorrer novamente ao curandeiro. Todos os moradores são de comunidade rural do município e estava no momento do acidente a caminho ou executando trabalho na lavoura. Apesar dos pacientes morarem em regiões diferentes, quatro dos cinco entrevistados procuraram pelo mesmo curandeiro, conhecido como senhor Gaspar, que morava na comunidade rural de SMG, conhecida pelo nome de Barbada. O Sr. Gaspar Sales começou a fazer tratamento com a medicina popular ainda bem jovem, com seus 15 anos. Os tratamentos mais solicitados eram para picada de animais venenosos, lepra, doenças espirituais que acometiam as crianças e adultos, como caxumba, pneumonia, enxaqueca, luxações musculares, estancar sangue, curar bicheira, fogo selvagem. Com os seus 74 anos de experiência e aprendizados com a medicina popular, ele foi responsável pelo tratamento de picada de animais venenosos em 386 pessoas e ninguém nunca morreu do tratamento aplicado pelo curandeiro. Ele foi o 3° benzedor a fazer o

tratamento no entrevistado n°3 quando teve acidente com jaracuçu amarelo, citado anteriormente, por ter precisado da ajuda do 3° mestre para que o tratamento fosse eficaz.

O tratamento de picada de cobra feito por Gaspar, tinha como base a benzeção, os remédios com plantas medicinais, a cachaça, a dieta alimentar e algumas “crenças”, como não pisar em cabelo e não atravessar água, etc. As principais plantas usadas por ele eram a amburana⁷⁸, caboclo⁷⁹, jurema⁸⁰ e canguçu⁸¹, além de usar uma ‘pedra de veado’⁸² para puxar o veneno da cobra e um terço para os momentos de orações. Gaspar Sales faleceu em 2010 com seus 99 anos, levando com ele uma sabedoria de anos de aprendizado, mas deixou para o povo de Senador a receita da “garrafada para picada de bicho mau”⁸³.

Dos cinco pacientes ou usuários dos tratamentos com curandeiros para picada de cobra, dois deles passaram por tratamento no hospital em Diamantina e na capital mineira, mas houve a necessidade de procurar o benzedor para complementar o tratamento. O entrevistado n° 12 é morador da comunidade de Estiva em Senador Modestino Gonçalves, o jovem foi picado por jararaca e realizou o tratamento na Santa Casa de Caridade de Diamantina – MG, mas desde o acidente o jovem sentia dores e inchaço na perna, principalmente quando a lua cheia aparecia. A partir de então, o jovem foi orientado por pessoas da comunidade a tratar com um curandeiro. Ao ser questionado por que ele fez o tratamento com curandeiro, a resposta foi precisa, “porque é melhor né, depois que tratei com ele, ele me benzeu, a perna não inchô mais, não senti dor”. Outro paciente que teve que recorrer ao tratamento com benzedor foi o entrevistado n° 3 que também é tratador de picada de “bicho mau”.

Dentre três entrevistados que foram vítimas de acidente com animais venenosos, dois foram picados por uma serpente conhecida na região como “jaracuçu” e o outro por “jararaca do rabo branco”⁸⁴.

⁷⁸ *Amburana cearensis*

⁷⁹ Não encontrado na literatura.

⁸⁰ Não encontrado na literatura.

⁸¹ Não encontrado na literatura.

⁸² Cálculo retirado da vesícula do animal.

⁸³ Preparado com ervas e cachaça usado no combate picada de animais venenosos, feito com 4 a 5 batatas de canguçu, 1 a 2 pedaços de jurema, 10 a 12 sementes de amburana, 4 a 5 pedaços de caboclo e 1 litro de pinga (SECRETARIA DE CULTURA DE SMG).

⁸⁴ *Bothrops neuwiedi*.

A entrevistada n° 21 é professora de pedagogia e moradora da zona urbana de Senador Modestino Gonçalves, em 1997 foi picada por uma cobra chamada “jaracuçu correia⁸⁵”, o nome é por causa da posição achatada que esta serpente fica quando está em posição de ataque. Segundo ela a cobra estava perseguindo uma presa (pássaro João de barro) quando a atacou. Quem a socorreu foi o Senhor Gaspar e ela relata: “tinha um senhor lá que era muito bom e o tratamento era muito eficaz. Já teve até gente que foi pra médico e depois voltou pra fazer o tratamento com ele, porque num sarou de tudo” (ENTREVISTADA N°21). A educadora revela que o tratamento é de qualidade, mas é cheio de regras, “o tratamento dele é natural, porém tem alguns preceitos que a gente tem que seguir né, por exemplo, não comer nada que dá em rama (feijão de corda, maxixe, batata, abóbora, melancia e outros); arroz, alho, quiabo, leite, ovo, não pode passar na água enquanto tá fazendo tratamento”. Ao ser questionada sobre o que sentia no momento da oração feita pelo benzedor, ela relatou que os momentos místicos eram dolorosos. “Oh no momento era muita dor, mas depois ia passando eu não sei o que acontecia”. A entrevistada disse que faria o tratamento novamente caso precisasse, porém não se submeteria com qualquer mestre que não fosse do seu conhecimento, “fazia, só se for uma pessoa reconhecida, aí sim, se não eu preferia ir para o médico”(ENTREVISTADA N°21).

A entrevista n° 23 também passou por dois tratamentos com Gaspar Sales. Primeiro foi de picada por um jaracuçu e depois ela pegou um “espim de bicho mau” na mão enquanto trabalhava na lavoura de cana. O “espim de bicho mau” são os pequenos ossos de cabras e lagartixa que causam problemas sérios ao serem espetados em qualquer parte do corpo. No caso da picada de serpente ela relata que teve um tratamento como a entrevistada n° 21, com regras alimentares, rezas e remédios. Quanto a capacidade de cura do tratamento, ela afirmou que “o benzedor era bão, ele tratava bem, não precisou de eu ir né médico”. Um pouco diferente do tratamento de picada “ofença⁸⁶” de cobra é o tratamento de espim de bicho mau. A entrevistada nos conta que no caso desta última enfermidade não há necessidade de fazer dieta alimentar, o tratamento é feito com benzeção e conta⁸⁷).

O espim de bicho mau foi senhor Gaspar quem me deu remédio, aconteceu assim, eu tava prantano muda de cana e rapei o dedo mindim assim na terra pegando uma muda, aí deu aquela dorzinha, e o dedo foi inframô muito e não sarava e inchou muito e ficou doendo demais e inchado por muitos dias, aí eu

⁸⁵ *Bothrops jararacussu* Lacerda.

⁸⁶ Acidente com animais venenosos.

⁸⁷ Remédio elaborado a base de plantas medicinais e cachaça, específico para o tratamento de acidente ofídico.

comecei a desconfiar de espim de cobra e fui na casa dele, ele fez a benzeção deu remédio pra mim banhá e tomá ,aí no outro dia já amanheceu melhor e foi até sarar. (ENTREVISTADA N° 23)

Por fim, o entrevistado n° 13 também foi tratado pelo senhor Gaspar de picada de “jararaca do rabo branco”. É visto na fala do entrevistado a confiança depositada no mestre, “a baixo de deus foi ele quem me salvou, se não fosse ele a coisa pra mim não tinha ficado boa não”. Ao perguntar se ele o faria este tratamento com a medicina popular novamente, a resposta foi positiva, e confirmou informações citadas anteriormente,

Faço sim, igual a gente tá vendo os médicos trata muito bem, mas tem pessoa que os médicos trata des e eles volta sentino inchaço no corpo, eles não miora direito, eu fui tratado com ele e não tive nada disso, passa passagem de lua igual o povo fala que eles senti durmença, o corpo torna inchar, eu num sinto nada disso, graças a Deus, então é um tratamento muito sério e muito bem feito. (ENTREVISTADO N° 13).

Outro procedimento que os tratadores destas enfermidades fazem é para evitar os acidentes. Segundo a Secretaria de Cultura da cidade de SMG, Gaspar Sales também era conhecido por afastar e matar serpente de determinados espaços para prevenir os acidentes com animais e mesmo pessoas. Senhor Gaspar era solicitado principalmente quando havia muito ataque de cobras, aranhas e escorpiões. No ritual por ele realizado, o mesmo fazia uso do seguinte procedimento: durante o benzimento, percorre três cantos do terreno, o que torna esses locais fechados. O quarto canto fica aberto para a passagem das cobras. No chão, faz uma cruz com a faca, deixando-a fixada no centro da cruz. Em seguida, vai fazendo as orações específicas usando o rosário, e derramando por cima da faca o remédio para cura dos males, feito com raízes. Quando finalmente, bate uma campainha por três vezes seguidas. Para o mestre a função da faca na hora de benzeção é cortar o pescoço das cobras venenosas simbolicamente, o que faz com elas morram em tempo real. Se não as cortar a cabeça, elas vão em direção aquele canto que tem passagem. Somente as cobras mansas permanecem no terreno para equilibrar a natureza.

O entrevistado n° 10 faz um ritual semelhante ao do mestre Gaspar Sales. Apesar de apresentar algumas diferenças, a finalidade é a mesma, evitar o ataques à animais (bois, cavalos e outros) na maioria das vezes. Com o ritual é possível tirá-las dos terrenos quanto matá-las, no entanto, nem todos os mestres dedicam tempo a tais afazeres, por temerem que coisas ruins aconteçam em suas vidas se cometerem por abuso ou maldade, assim o ritual só é realizado em caso de extrema necessidade.

Eu te garanto que eu tiro, não fica uma cobra no terreno, se ela entrar num lugar e eu quiser matar ela eu mato, ela sai e fica ali onde eu marquei pra ela ficar, só que eu não gosto de ficá fazeno isso, porque não é bom nem pra gente, e ela sai brava demais, e curador nenhum gosta de matar. A gente chama elas é com um pio tipo num curral, e aquela que morde suas criação [boi, cavalo, porco etc.] ela vem de cabeça alta e não vem igual as outras não. (ENTREVISTADO N° 10).

O entrevistado n° 10 acrescenta que logo no início de sua carreira como mestre popular ele cometeu erros e o ritual teve efeito adverso e teve que recorrer ao mestre mais experiente.

Logo quando eu comecei eu fiz a oração errada né, eu tinha aprendido naqueles dias né. eu fiz uma época que começou morder minha criação demais, tinha mordido um burro, depois tinha mordido um boi. Aí eu ranquei o boné e peguei sacudir ele e banar o boné, só que não podia banar o boné, aí indoidou⁸⁸ tudo aqui descendo aqui em volta da casa e minha mãe gritava que tava passando muitas cobras, eu vim correndo e toda ela gritava que as cobra estava passano, aí voltei no homem que me ensinou peguei um burro rapei⁸⁹ e fui na casa dele, aí eu contei o que tava acontecendo de esquisito depois que eu fiz a oração, aí ele me perguntô o jeito que eu rezei aí eu contei ele, ele mandou eu voltar logo e rezar ne três canto do terreno e deixar um aberto para elas sair do pasto, aí eu voltei e rezei e aí tamém acabou nunca mais pegou uma criação aqui não. (ENTREVISTADO N° 10).

5.4 Benzeção e saúde

A busca por cura de alguns males através de atos espirituais (benzeções e rituais) é uma atitude muito recorrente em nossa sociedade, tanto para desfazer os males que a ciência explica quanto para se livrar daqueles que a ciência não consegue decifrar. Em Senador Modestino Gonçalves as práticas de benzimento fazem parte do cotidiano de determinadas pessoas, desde o seu nascimento até a velhice, isto é, em diferentes momentos da vida. De acordo com a cultura popular, a benzeção é o único caminho para determinados males, neste caso refere-se aos males espirituais, que na verdade nada mais são que energias ruins, espíritos malignos que se encostam em humanos. Os entrevistados deixaram claro que as energias ruins podem afetar os animais, seres humanos e plantas. Já os espíritos malignos só acometem os humanos. Considerando que as energias que causam efeito negativo no corpo físico são chamados de inveja, olho gordo e quebranto. No caso do espírito maligno, as pessoas mais vulneráveis são aquelas que estão com o “espírito fraco”, ou seja, as que

⁸⁸ Inquieta.

⁸⁹ Fui.

praticam maldade ou que recebem espíritos ruins de seus antepassados. Se tratando de espírito vindo do antepassado, de acordo com os benzedores, o paciente deve procurar um intermediador para expulsá-lo. Estes espíritos ruins causam mudanças no comportamento humano, como agressividade, mudança de voz e alteração da força física ou espiritual.

A entrevistada n° 19 é enfermeira e trabalha na unidade de saúde da cidade de SMG e nos conta que já se tratou várias vezes com benzedeira “eu já fiz benzeção pra tanta coisa, as vezes a gente tem uma dor de cabeça forte e sabe que se benzer vai melhorar, eu acredito, melhora sim, eu falo isso por experiência própria”. Algumas experiências vividas no posto de trabalho foram relatadas pela entrevistada. O primeiro caso condiz com os males decorrentes de espírito maligno.

Uma mocinha de 16 anos apareceu lá no posto e ela batia muito na mãe dela, sabe, batia muito muito muito, e a mãe dela não fazia nada. Aí ela tomou muito remédio ficou dopada e foi embora, aí um certo dia essa menina voltou muito agressiva e a gente teve que chamar a polícia pra algemar ela na cama, porque ela tava batendo em todo mundo. Ela tava algemada na cama e começou a mudar de voz, uma voz grossa e xingando a mãe dela e falando que não gostava dela, pra que pôs ela no mundo, foi muito horrível. Aí chegou duas pessoas pra benzer, e as dona saí benzeno benzeno, ela ficava falando “eu não vou sair dela” com aquela voz mais horrível, e falava ocê pode rezar mais eu não vou sair dela e ficô o tempo todo gritando, e as donas rezano e jogano água benta, até que ela calinou, sabe, aí todo mundo achano que ela tava doida mandou ela para o Gauba Veloso em BH, ela ficou lá umas três semanas, voltou dopada de remédio que ela não conseguia nem andar direito, nessas três semanas ela deve ter engordado uns 10 kilos, não sei se era inchada ou se tinha engordado mesmo de tanto remédio, aí começou a fazer um tratamento com essas duas donas, e chegou a ir até em Diamantina em um centro espírita umas duas vezes. Agora ela tá excelente quem ver ela na rua não fala que era a menina que tava lá naquele desespero lá no posto. (ENTREVISTADA N°19).

Para a entrevistada n°19 as agressões da paciente contra os profissionais de saúde e membros de sua família, estavam relacionadas com problemas psicológicos, derivados de males espirituais. Algumas investigações científicas associando a espiritualidade e saúde, como a de Carrico *et al*, (2006) e Rippentrop *et al* (2005), admitiram que as práticas religiosas são relevantes para o tratamento de pacientes com problemas mentais, controle da depressão e demais problemas.

O segundo relato da entrevistada n° 19 refere-se ao mal de espinhela caída, que não é configurado como um mal espiritual, mas que se cura com benzeção. Esta moléstia pode ser derivada por carregar peso em excesso. Assim, o paciente sente dores abdominais, náusea e desânimo. Para identificação da doença o benzedor tira medidas dos braços do paciente e se

estiver com a espinhela caída, a diferença das medidas entre os braços podem ser de centímetros. A entrevistada falou sobre a necessidade da benzeção para cura de algumas doenças. Isso, por ser uma profissional de saúde e ter acesso fácil ao tratamento com a medicina oficial, mas ela nos explica por que acredita em tratamentos populares realizados através de benzeções.

Eu acho que, por exemplo, quando ocê tem uma dor de cabeça, ah é olho gordo, mau olhado vai benzer, aí ocê toma um remédio enquanto ocê não benze não resolve entendeu? Eu creio que as vezes não é o remédio que vai te melhorar, entendeu? Eu tenho até um exemplo pra te citar da minha irmã, ela começou sentido uma dor no tórax e não conseguia achar o que era, ela fez Raio-X, tomava remédio, tomava remédio e nada, ficou uns dois dias, aí doutor Miguel falou assim: vai ter que operar pra saber, queria abrir ela, aí ela veio foi na dona benzer e não teve mais nada, então assim é uma coisa que quando a gente acredita dá certo e não dá pra explicar.
(ENTREVISTADA N°19)

5.4.1 Tipos de benzeções

O mundo das benzeções é coberto de segredos desde o aprendizado até a execução das atividades de cura. Durante a pesquisa os entrevistados autorizaram a divulgação de algumas orações usadas no momento da benzeção, mas algumas não foram permitidas, para não comprometer o ciclo de aprendizado do ritual. O entrevistado n° 10 explica que algumas orações não pode ser executada por mais de três pessoas na mesma região, caso seja, ela perde a eficiência da cura.

Como exemplo, um dos entrevistados disse ter uma oração para impedir acidentes com “arma de fogo”, e uma oração específica para tratamento de picada de serpente. A oração que impede o funcionamento de “armas de fogo” não pode ser divulgada, por ser considerada imprópria para o mundo da criminalidade, já a oração para o tratamento de picada de serpente o aprendizado deve ser restrito somente a três membros de cada comunidade. Portanto, serão divulgadas as orações e as técnicas que foram autorizadas pelos entrevistados, inclusive a oração relatada pela entrevistada n° 5, que disse ter aprendido com o Espírito Santo.

Em alguns casos foram encontrados mais de uma técnica para curar males com características idênticas ou semelhantes às anteriormente citadas. Neste caso os tratadores conseguem fazer a identificação das enfermidades mesmo sem exames clínicos. As mais variadas técnicas para tratar a mesma enfermidade faz com que a medicina popular não seja apenas um trabalho estático e/ou padrão, mas depende de variados fatores dentre eles a necessidade de cada paciente e do aprendizado de quem aplica a técnica, seja na contagem de

curandeiros para efetuar os rituais que geralmente são um, três, sete ou nove; dia da semana ou no horário para realização dos trabalhos. Para discutirmos os tratamentos e facilitar o entendimento as orações e técnicas aplicadas foram classificadas por males físicos (cobreiro, carne quebrada, vento virado, espinhela caída, engasgo, estancamento de sangue e erisipela) e em sobrenaturais ou espirituais (quebranto, inveja, olho gordo).

5.4.2 Benzeções e as doenças físicas

A enfermidade conhecida popularmente como espinhela caída é tratada por benzedores, porém apareceram diferentes tratamentos para esse problema. Para o entrevistado nº10 o mal não passa de uma fraqueza física do indivíduo. Geralmente os sintomas da doença aparecem quando o paciente levantou peso em excesso para o seu porte físico. Ressalta ainda que em seu tratamento, o enfermo passa por uma alimentação diferenciada, simpatia e oração (não divulgada). “Para espinhela caída eu trato só com benzação e também tem a simpatia que não pode comer de garfo durante três dias, e não pode deixar de tomar um ovo morno com pouco sal mais chegado no alho” (ENTREVISTADO Nº10).

Para o entrevistado Nº2 a descoberta do diagnóstico começa com a medição do braço do paciente para então ser realizada a oração.

Pra gente descobrir se tá com espinhela caída, é medir o braço do cotovelo até a ponta do dedo maior, se ela tiver caída dá diferença de dois ou três dedos, aí eu vou benzeno e falano seu nome, aí quando pára de benzer a gente mede, aí já não dá mais a diferença. Tem gente que fala até sete vezes [as palavras da benzeção] agora eu falo umas três vezes já tá bão. (ENTREVISTADO Nº2).

Depois de diagnosticado é realizado o tratamento a base de oração. No caso do tratamento feito pelo entrevistado nº2, a cura é alcançada somente através de oração, dispensando outros meios, até mesmo o da dieta e as simpatias citadas pelo entrevistado nº 10. Como várias outras orações, esta também inclui nomes de santos que possui grande representatividade para a religiosidade. “Barquinha barquinha da virgem Maria navegou três vezes no mar arca sua espinhela e chega ela no lugar e repete nove vezes” (ENTREVISTADO Nº 2).

Outro tratamento narrado pela entrevistada nº 1 é sobre o cobreiro e as técnicas usadas no combate do mesmo. Segundo essa mesma entrevistada, muitas vezes é um mal conhecido pelos médicos como micoses e o tratamento com a medicina oficial não é eficiente comparado

com o tratamento feito pela medicina popular. Perguntada sobre os objetos que usa para combater a mazela, foi relatado o uso de produtos naturais e palavras sagradas que configura como oração.

Eu uso produto mesmo da natureza mesmo, eu uso nove canudo de folha de mamonas e pego eles, primeiro a gente coloca o nome de Deus né, aí eu seguro os nove talo e vou falano as palavras e vou passando em cima do cobreiro aonde tá afetado, aí passo fazeno uma cruz ali em cima da lesão, aí faz a cruz com os talinhos e falano as palavras (com deus e o divino espírito santo eu benzo eu corto esse cobreiro), aí a gente pergunta a pessoa afetada o quê que vai cortar? e ele reponde (cobreiro bravo), então a gente faz assim três vezes. (ENTREVISTADA N°1).

A entrevistada n°1 mencionou ainda a importância da invocação do sagrado e da fé para que a cura seja efetuada. “Primeiro a gente põe o nome de Deus, porque nois tá fazendo o trabalho, mais é Deus que tá benzeno, que tá ritirando aquele mal que tá atingino a pessoa, a gente reza no poder de Deus e do Espirito Santo”. Para finalizar o ritual da cura, esta benzedeira usa os talos de mamona picados durante sessão de benzimento para queimá-los no fogo. De acordo com a mesma benzedeira, à medida que os talos vão queimando o cobreiro vai “secando” (curando).

Outra técnica foi relatada pelo entrevistado n° 2 que também usa o fogo e palavra semelhante à entrevistada citada anteriormente. “Pra benzer cobreiro eu benzo com isqueiro, eu vou riscano e rezano e falano o nome da pessoa, as palavra que eu falo é assim: cobreiro bravo corto a cabeça e o rabo por três vezes e basta”.

Outra enfermidade conhecida como mal físico é a erisipela, que é uma ferida que na maioria das vezes acomete as pernas do paciente. A erisipela é também uma doença curada com prática de benzimento. O entrevistado n°10 relata que já curou de erisipela várias pessoas com oração e gestos praticados no momento do ritual.

A pessoa reza em cruz no lugar onde tá sentino, “zipa zipilinha, vai pra zona do mar não canta galo nem galinha, nem ver o filho do homem chorá, nem tem rigidor de dente, deu no tutano, do tutano deu no osso, do osso deu na carne e da carne deu na pele, vai pras ondas do mar” falar por três vezes e banhar com folha de urucum branco, carqueja, enxota pode banhar até sarar, e rapidinho sara né . (ENTREVISTADO N° 10).

O entrevistado n°10 relatou, também, sobre a importância de procurar pelo tratamento no início da doença. Outro fato importante mencionado por ele é uma nova pesquisa que o mesmo está realizando e diz a respeito a complementação do tratamento realizado através de oração para os casos mais grave de erisipela e o uso de medicamentos a base de plantas medicinais. “Eu tô testano uns remédio do mato pra tomar tamém, que é pra jogar o calor fora, só que eu tô descobrino ainda e só posso falar quando já tiver certeza. Mas muitos deles

aí nem toma nada não, a zipela [erisipela] é benzer e sarar principalmente se tiver no início” (ENTREVISTADO N°10).

Uma enfermidade conhecida popularmente como “carne quebrada” (torções) foi relatada por vários benzedores, inclusive é outro tratamento que possui técnicas diferentes. A entrevistada n°1 nos explica como é realizado o tratamento realizado por ela. “A pessoa que benze pergunta: O quê que eu costuro? Aí a pessoa responde: carne quebrada, neivo rindido ou dismintido, e eu falo: assim mesmo que eu costuro a carne quebrada, neivo rindido ou dismintido três vezes” (ENTREVISTADA N°1). Quanto ao material usado no tratamento por esta entrevistada, é um pedaço de pano⁹⁰ novo, uma agulha virgem⁹¹ e uma linha sem nó.

Coloca o pano em cima da carne quebrada [luxação] e vai linhavando⁹² por duas vezes do jeito que a agulha entra e sai sem garrar, na terceira vez a agulha deve ficar linhavada no pano uns três dia, é o tempo do incômodo [doença] sarar. (ENTREVISTADA N°1).

Como foram mencionadas, as técnicas podem ser diferentes, variar de região para região, aprendizado para aprendizado, mas a cura é efetivada. Além da oração e agulha, o entrevistado n°4 usa palhas de milho no lugar do tecido.

Eu utilizo uma agulha com a linha e quatro palhinha de miio [milho] e eu dobro as palhinha do jeito que ela fica amarradinha uma na outra, aí eu coloco a linha na agulha e faço o nome do pai, aí eu pergunto a pessoa: o quê que sente? E ele fala que é carne quebrada, aí eu repito: eu vou coser a carne quebrada, o nervo torto ou dismentido, e nisso eu vou dano os pontinhos na palha de miio [milho] e fazendo a cruz no lugar, fazer isso três vezes. (ENTREVISTADO N°4).

Assim como o cobreiro, erisipela e carne quebrada, alguns sangramentos também são contidos com intervenção espiritual, realizada pelos “médicos populares”. As benzeções para “estancamento de sangue” é usada tanto em humanos quanto em animais. O entrevistado n°11 faz estancamento de sangue com benzeção, e nos conta uma experiência mal sucedida devido ao abuso de um membro da comunidade.

Ohh, a benzeção de sangue abaixo Deus não precisa de ôta [outra] coisa, mais a gente tem que ter muita fé e não abusar das coisas, sabe? Uma vez eu fui chamado pra benzer um cavalo que tinha cortado a boca e o sangue não parava de pingar, só que eu fui num dia, benzi e vim bora, no outro dia o menino falô que num tinha parado de pingar o sangue, e vei [veio] ne mim aquela coisa e eu perguntei pra ele o que tinha acontecido que cortô a boca do

⁹⁰ Tecido.

⁹¹ Que nunca foi usado.

⁹² Costurar manualmente.

cavalo e ele contô a história e eu logo vi que foi um abuso o que ele fez. Esse dia tinha um forró na casa do vizim e ele queria ir, só que campião [procurou] o cavalo e num achô, aí ele foi e falô: esse diabo podia morrer. E num deu ôta, morreu mesmo, num teve jeito. (ENTREVISTADO N° 11).

O posicionamento do ser humano em relação aos abusos por ele cometido também foi mencionado pelo entrevistado n° 10 que relatou a necessidade de uma postura religiosa e social tanto do benzedor quanto de quem procura pela benzeção. Assim a compreensão é que, a atuação do sujeito na sociedade pode interferir na cura através dos benzimentos.

Outro relato sobre o estancamento de sangue foi descrito pela entrevistada n°1 que disse ter realizado tal procedimento por várias vezes em uma senhora que estava sob seus cuidados durante algum tempo. Inclusive foi a própria senhora que necessitava de tal tratamento que a ensinou o procedimento.

Uma velha que olhei durante um tempo tinha uma ferida na perna que sangrava muito, muito, quando eu fazia curativo nela e a veia sedia, furava e como não tinha ninguém pra socorre né, então a gente acudia e tinha muita dificuldade para entancar o sangue, aí ela me ensinou essa oração. E toda vez que eu rezava o sangue entancava na hora. Por causa dessa oração eu já fui chamada lá no posto [unidade de saúde]. [fulano] sofreu um acidente e tava pôno [saindo] muito sangue, aí a enfermera me ligô e eu fui indo depressa e o sangue tava avuano longe, quando eu comecei a rezar a enfermera me falou pode ser alto, que nós ajuda a rezar tamém e quando eu acabei o sangue já tava parano. (ENTREVISTADA N°1).

Para o entrevistado n° 2 o procedimento da cura deve ser seguido de acordo com o aprendido, no caso da oração usada por ele para estancamento de sangue, e recomenda que a sequência das palavras devem ser pronunciadas corretamente.

Família de jacó teve 11 filho de 11 morreu 1 ficou a10, família de jacó teve 10 filhos de 10 morreu 1 fico 9, família de Jacó teve 9 filhos de 9 morreu 1 ficou 8, família de jacó teve 8 filhos de 8 morreu 1 ficou 7, família de jaco teve 7 filhos de 7 morreu 1 fico 6, família de jacó teve 6 filhos de 6 morreu 1 ficou 5, família de jacó teve 5 filhos de 5 morreu 1 ficou 4, familia de jacó teve 4 filhos de 4 morreu 1 ficou 3, família de jacó teve 3 filhos de 3 morreu 1 ficou 2, família de jacó teve 2 filhos, de 2 morreu 1e ficou 1 filho, família de jacó teve 1 filho de 1 morreu 1 e ficou nenhum. (ENTREVISTADO N° 2).

No decorrer da descrição das orações fica perceptível que as orações usadas na benzeção não são longas, o que não dificulta a transmissão oral deste conhecimento. O entrevistado n°3 menciona as poucas palavras que compõem a oração para estancamento de sangue. “É só três palavrinha, é só ocê colocar a mão na cissura e falar: como Jesus Cristo

dormiu sem sede, sangue intanca nessa veia, três vezes, aí oce reza o Creio em Deus Pai e pronto”. Tanto a oração quanto os gestos são formas de emissão de energias para os indivíduos. Em relação aos gestos, como transmissão de energias, alguns estudos já foram realizados por alguns cientistas modernos. Uma pesquisa realizada na USP mostrou que as mãos humana (reiki⁹³) possuem efeitos significativos no tratamento de doenças. Oliveira (2003) em sua pesquisa utilizou 60 camundongos divididos em três grupos de vinte animais cada, sendo um recebendo a impositação de mãos humana, o segundo a impositação de mãos de luvas e o terceiro grupo sem impositação alguma. Os resultados das análises após a impositação das mãos humana apresentaram uma “elevação da citotoxicidade de células não aderentes com atividade NK e LAK”. Oliveira (2003, p.73).

Os males físicos e espirituais possuem características semelhantes como: as dores, os desânimos e outros sintomas, mas o meio pelo qual o indivíduo adquire são diferente. No caso dos males espirituais, os mesmos são causados por emissão de energias, o que os difere dos males físicos. Apesar da diferença entre as duas classes de males citados anteriormente, o tratamento para alguns desses males são realizados de maneira semelhantes através da benzeção.

5.4.3 Benzeções e as doenças espirituais

As enfermidades espirituais citadas pelos entrevistados foram o quebranto, a inveja e o mau olhado. De acordo com os benzedores participantes da pesquisa, tais enfermidades são curadas somente através da benzeção. Caso seja tratada pela medicina oficial, o tratamento serve somente como “empalativo⁹⁴” e a cura se efetiva com a benzeção. Para tal tratamento, além das orações são usados produtos como água, plantas e/ou um terço. As orações são palavras direcionadas para causar efeitos nos pacientes. Byrd (1988) relata que a prece é uma demonstração de fé com práticas constantes na vida dos religiosos, e relacionam-se com o trabalho e frequentemente com a saúde. Este mesmo autor realizou uma pesquisa sobre o poder da oração com 393 pacientes que mostrou resultados positivos em relação à saúde dos mesmos, Bird (idem) dividiu-os em dois grupos, sendo 192 recebendo preces e 201 não recebiam as preces, e foi constatado que o grupo que recebiam as preces não pioraram seus

⁹³ Técnicas desenvolvidas pelos orientais para reposição de energia e harmonização para manter ou recuperar a saúde.

⁹⁴ Refere-se apenas a melhora e não a cura.

quadros clínicos, enquanto os que não recebiam a prece necessitaram de mais medicação como antibióticos e diuréticos, além da necessidade de melhora da ventilação no espaço onde estavam.

Como aliada da oração, a planta mais citada foi a vassorinha doce⁹⁵. O entrevistado nº4 relata que esta planta é tão utilizada para o ritual por ser abençoada.



Vassorinha doce. Foto – Polliane Cruz

É perceptível na fala da entrevistada nº 1 a necessidade da fé, tanto do benzedor quanto de quem é benzido. No caso das crianças o momento espiritual deve ser de responsabilidade da mãe.

Eu benzo com um copo de água e três galho de vassorinha doce, e vou pegando aquele galho e molho na água e vou na mulera [cabeça] da criança e faço uma cruz e vou falano: em nome de Deus eu te benzo de quebrando e mau olhado e vento virado. De uma vez só eu benzo três coisas, a gente vai fazeno o sinal da cruz e falano, até no pé e quando teminar pede a mãe da criança para rezar um pai nosso com Ave Maria e a gente reza tamém e faz o nome do pai e a criança tá curada. (ENTREVISTADA Nº1).

O entrevistado nº 2 usa o terço ou a vassorinha doce para fazer o benzimento. Para ele, esta planta é melhor para a realização de tal procedimento, até mesmo para ver a gravidade da moléstia. Esta planta vai perdendo vida durante a benzeção variando de acordo com o estado de saúde do paciente e tipo da doença.

Aí eu uso ou terço ou um ramim de vassourinha doce , quando tem a vassorinha doce eu pego três ramim dela, inclusive quando cabo [termino] de

95

Scoparia dulcis.

benzer , os ramim já tá tudo mucho, tudo virado pra baixo. A oração é facinha [fácil] é só falar assim: o quê que benzo vento virado e mau olhado em nome de Deus tá curado e repete nove vezes. (ENTREVISTADO N°2).

Outras plantas consideradas apropriadas para fazerem benzimento foram citadas pelo entrevistado n° 4, estas são consideradas por ele como plantas bentas, abençoadas por Deus para efetuar cura em enfermos. A técnica usada por ele é um pouco diferente das dos demais entrevistados, pois após fazer a benzeção a planta é atirada para trás em um lugar que ninguém frequenta, considerando que a mesma não pode ser pisoteada.

Eu uso a pindoba, vassorinha doce, lençol de nossa senhora que são bentas, assa peixe, arruda. A gente benze assim: ocê faz o nome do pai e pede pra pessoa tamém fazer e fala: quem pôs foi um, quem tira foi são três, são três pessoa da Santíssima Trindade, que é o Pai o Filho e o Espírito Santo de Deus amém (três vezes). Cada vez que falar passa o ramim em cruz e sacode ele já fora da pessoa e passa sempre da cabeça pros pés, e depois joga o ramim em um lugar onde não passa ninguém de preferência de costa. (ENTREVISTADO N° 4).

A entrevistada n° 8 realiza o tratamento de mau olhado utilizando água, fogo e as palavras sagradas. “Eu faço com água, brasa de fogo e as palavras, eu coloco a água no copo pego a brasa e jogo na água aí são três brasinha e cada brasinha ocê fala: é um com mau olhado, outro com vento virado e outro com inveja, aí jogo a água com as brasinhas fora”.

A entrevistada n°5 faz benzeção há aproximadamente cinco décadas, o seu aprendizado aconteceu de maneira diferente dos outros entrevistados que geralmente recebeu de herança familiar ou através de amigos. No caso da entrevistada n° 5 ela relata que o conhecimento foi adquirido através de obra do Espírito Santo que vinha através de sonhos. Esta oração é utilizada pela benzedeira para curar os males tanto espirituais quanto os males físicos. Mesmo sendo uma oração específica, esta benzedeira, não vê problemas em divulgá-la.

Com o poder de Deus pai, Deus filho e o Espírito Santo, é com o sofrimento de Nosso Senhor Jesus Cristo que quinta feira santa pilates prendeu Jesus, sexta feira santa cravou meu Senhor na cruz, tremeu a cruz e não tremeu meu Senhor Jesus e assim meu Senhor Jesus faz o corpo de [aí fala o nome da pessoas] não tremer nem de [nome da doença] nem de [doença] nem de [mazela] e nem de mal nenhum, que é com o poder de Deus pai, Deus filho Deus Espírito Santo, unido nesse um só corpo de [fala o nome da pessoa], a ser curada e libertada em nome de Jesus amém. (ENTREVISTADA N°5).

A força emitida através das palavras é lembrada pelo entrevistado n° 2 que ressaltou sobre uma forte oração conhecida como o “Sonho da virgem da Conceição“. Segundo o entrevistado esta oração pode ser recitada com a intenção de ter conhecimento ou receber um

sinal, um aviso sobre o dia da morte de quem a reza.

5.4.4 *Usuários da medicina popular tradicional*

No momento em que entrevistaria uma benzedeira o entrevistado nº14 se ofereceu para dar seu depoimento. Segundo este entrevistado ultimamente sua saúde só está sendo reestabelecida através do tratamento com a medicina popular. Durante a conversa foi perguntado sobre a procura pela benzedeira e não pelo médico que está à disposição da comunidade próximo a sua residência. Ele deu a seguinte resposta: “hoje eu vim pra ela me benzer de carne quebrada e nervo rendido. Eu vim aqui porque eu já fui no médico e não resolveu” (ENTREVISTADO Nº 14).

Em parágrafos anteriores foi relatado de acordo com a explicação dos benzedores, que algumas doenças não são curadas pelos médicos da medicina oficial e sim com a medicina popular. Neste sentido o entrevistado citado anteriormente nos conta sobre sua experiência e a diferença entre um tratamento e outro. ”Já procurei o posto e tomei muita injeção e não resolveu nada, eu não vou mais lá, pra coluna não. Na hora que toma a injeção miora [melhora], mas aí quando volto a trabalhar volta tudo de novo, aí não resolve, e já a benzeção, com fé em Deus resolve muito” (ENTREVISTADO Nº 14). Com o relato deste entrevistado pod-se perceber o que os praticantes desta medicina chamam de “empalativo”, o tratamento que não cura as doenças e só apresenta uma melhora por prazo determinado.

O entrevistado nº 15 também procurou a benzedeira quando teve problema com engasgo. Para ele a benzeção é fundamental na reversão do caso. Este entrevistado já viveu mais de seis décadas e nos diz que nunca procurou o médico oficial, pois ainda não houve necessidade, mas já procurou por benzedeiros e raizeiros várias vezes. Perguntado sobre o desaparecimento desses conhecimentos ele relata muita preocupação em relação à continuidade destes saberes em saúde e na fé.

Eu tenho vontade de aprender, mas o povo novo não né, porque eles não escuta ninguém né, vai chegar um ponto que não vai existir isso mais não. E o povo vai passar muita dificuldade por não ter fé em nada e não saber das coisas. Ocê sabe que até feitiço existe, tem olho ruim, o povo olha uma criação sua e ela não prospera é perigoso até morrer, isso já passou por mim e isso quem dá conta é só o benzedor. (ENTREVISTADO Nº15).

A entrevistada nº 17 menciona durante a entrevista várias passagens em sua vida sobre sua saúde, mas destacou quando foi acometida por feitiçarias e teve que recorrer a curandeiro.

Por ser uma pessoa que gosta muito de cantar, a maldade foi feita para prejudicar sua voz. Segundo ela no momento do ritual para desfazer o mal, o tratador usou um terço que ficou enrolado igual a sua língua quando tentava cantar.

Fui chegado e contano o caso pra ele e ele disse pra mim; vou aliviar oce agora, e foi me benzendo, e trouxe um terço e pois lá, aí o terço virou um caracol né, aí foi rezano e o terço desenrolano e ele falou agora sua voz sai. Aí ele mandou fazer um chá, quando foi no outro dia eu comecei a cantar e minha voz tava solta, eu só agradei a Deus. (ENTREVISTADA N°17).

Outra doença física é muito agressiva, o câncer, foi combatida também com a ajuda de orações. A entrevistada n°18 foi atingida por um câncer de colo de útero e nos conta sobre a importância da oração para sua cura.

Quando eu tava doente o moço que me dava umas garrafada fazia muita orações pra mim, e a partir do momento que eu conheci ele só vim melhorando, melhorando, melhorando, e graças a Deus agora eu tô ótima, os remédio era muito bão, mas a oração dele me alivia demais. (ENTREVISTADA N°18).

Assim como a entrevistada n °18, Koenig *et al*, (1997) mencionou que a prática religiosa reforça o sistema imunológico dos pacientes, no entanto as razões em que isso acontece ainda são desconhecidas. Neste sentido percebe-se a vantagem das práticas espirituais em tratamentos oncológicos.

Após este trabalho ficou visível que na cidade de Senador Modestino Gonçalves a procura por benzimento não se dá por dificuldade de acesso à unidade de saúde. A entrevistada n°22 trabalha na unidade de saúde da cidade e nos conta que já fez várias benzeções, tanto para males físicos quanto para males espirituais.

Eu já fiz muitas vezes de espinhela caída, a benzedeira pegou uma régua e mediu meu braço aí fez uma oração e depois mediu novamente e já estava do mesmo tamanho. O desconforto que eu sentia sumiu, era muita dor no estomago falta de ar vontade de vomitar, tipo aquela fraqueza. (ENTREVISTADO N°22).

Durante a entrevista foi perguntado sobre a eficácia da medicina popular e da medicina oficial em relação aos males considerados não curáveis pelo médico. Neste sentido, a entrevistada n° 22, mesmo sendo uma profissional de saúde deu uma resposta semelhante a visão dos benzedores.

Poderia amenizar o quadro de desconforto que eu estaria tendo, mas já que a espinhela caída não é um tratamento para a medicina, seria um tratamento para benzedeira mesmo, para tá quebrando aquele mal né, aquela coisa ruim. E esse mal a medicina não é eficiente. (ENTREVISTADA N°22).

Outra experiência foi relatada pela entrevistada n°22. Porém no segundo caso o mal não era físico e sim espiritual, que por sua vez causa problemas fisiológicos nos pacientes.

Eu comecei com um desconforto na garganta, eu sentia muito cansada e com falta de ar, tudo que ia fazer me cansava muito e parecia que eu tava engasgada, aí eu procurei um médico em Diamantina fiz uma endoscopia e num deu nada, aí fui em outro médico que suspeitou de tireoide, aí fiz a ultrassom que o médico pediu ele não viu alteração nenhuma. Aí eu resolvi procurar as benzeções e as benzedoiras viram “coisa feita” [feitiçaria] comigo, aí sempre que eu sinto esses desconforto de novo eu procuro as pessoas certa para me tratar, é um tratamento muito bom. (ENTREVISTADA N°22).

Durante a conversa é possível perceber a necessidade da repetição de alguns rituais para a cura de algumas doenças, principalmente as advindas dos males sobrenaturais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada trouxe à tona a importância do conhecimento das culturas tradicionais de um povo que preza pelos hábitos culturais tradicionais ligados a saúde. A pesquisa mostrou que os povos tradicionais, de um modo geral, são merecedores de respeito e reconhecimento por ter formas diversificadas e, ao mesmo tempo, específicas de produzir conhecimento sobre a cura. Além de dar continuidade aos saberes, compartilhando-os com outros membros da comunidade de maneira gratuita respeitando as características do aprendiz como, por exemplo, a idade, o comportamento diante da sociedade e outros.

No que tange ao compartilhamento destes conhecimentos, foram apresentados por quase todos os entrevistados uma preocupação com a continuidade desses saberes. Segundo os entrevistados, há uma falta de interesse dos jovens da comunidade modestinense em querer aprender os saberes tradicionais em saúde.

Possivelmente esta falta de interesse dos jovens, pelos conhecimentos dos povos tradicionais nos dias atuais, pode estar relacionado com o avanço tecnológico e o meio pela qual as investigações são feitas e como as mesmas são transmitidas. Em relação ao avanço tecnológico, os jovens modestinenses estão cada vez mais influenciados e dependentes da tecnologia, o que dificulta o entrosamento, o aprendizado e o compartilhamento das informações adquiridas ao longo dos anos pelos raizeiros, pelos observadores da natureza e pelos benzedores. Este tipo de aprendizagem exige acompanhamento da prática cotidiana dos benzedores, raizeiros, curandeiros, pois é transmitido oralmente e através da observação. O entrosamento dos jovens aprendiz relaciona-se também com as técnicas usadas pelos povos tradicionais, neste caso exemplifica-se com a “observação da natureza”, percebe-se que os jovens apresentam um pouco impaciente com a “demora” da emissão de informações vinda da “natureza”, ou seja, estão impacientes com o curso natural de manifestação da natureza e até mesmo vão perdendo o apreço pelas devidas observações. É a partir das observações sobre os ciclos naturais que os povos tradicionais constroem seus saberes e tiram suas conclusões. Assim é possível concluir que são vários os fatores que estão em torno dessa transmissão de conhecimento, ou seja, do compartilhamento e aprendizado dos saberes tradicionais. Razões como estas vão “definindo” cada vez mais o modo de produzir conhecimento tradicional dos modestinenses, o que valoriza cada vez mais a forma oficial de produzir conhecimento, ou seja, de fazer ciência.

Mesmo sendo um modo de produzir conhecimento desvalorizado pelo sistema dominante científico, os saberes tradicionais perpetuam até os dias atuais mesmo com a

ciência oficial tentando sufocá-lo. No caso dos saberes tradicionais em saúde, a pesquisa em Senador Modestino Gonçalves, mostrou que a procura pela medicina popular local vai além do poder sócio econômico dos moradores da cidade e região. A necessidade da consulta com tais mestres da medicina popular se dá por questões culturais e/ou por eficiência da medicina popular local, e mesmo pela ineficiência da cura de alguns casos através da medicina hegemônica ou ainda devida alguns problemas de saúde só serem curados com procedimentos dos benzedores.

É importante ressaltar que a pesquisa mostrou que a população Modestinese consegue perceber os benefícios oferecidos pelas duas medicinas, tanto a tradicional quando a científica. Assim como percebe também os impactos positivos e negativos causados por ambas, podendo assim distinguir qual é a opção de tratamento mais adequado para cada enfermidade. Os pontos negativos da medicina alopática mais citados pela comunidade foram os efeitos colaterais dos medicamentos e a ineficiência da medicina para os tratamentos dos males espirituais, considerando o último o maior indicativo para a procura dos tratamentos com a medicina tradicional local. Já como ponto negativo da medicina tradicional local (plantas medicinais, benzeções, regras alimentares e outras) alguns entrevistados citaram que o tratamento é lento para algumas doenças, mas em compensação o efeito de cura é mais duradouro.

No decorrer das entrevistas os entrevistados defenderam a união de ambas as medicinas para a geração de um bem comum: a saúde da população. Mas deixou claro também, que há diferença na capacidade das duas medicinas (alopática e tradicional) em realizar os tratamentos de saúde. E é através desta diferença que a comunidade modestinense reconhece o valor das duas categorias de medicina. Neste contexto podemos citar os males que a comunidade reconhece que são específicos para os tratamentos com a medicina tradicional, assim como os males que são específicos para serem tratados através de condutas médicas alopáticas. Nesta perspectiva de reconhecimento, a medicina científica posiciona ao contrário da tradicional, pois a mesma não considera o conhecimento tradicional como válido, apenas aprimora, inova e os publica como conhecimento do cientista que comprovou a pesquisa através de técnicas modernas.

Em âmbito mundial a busca da sociedade pela medicina tradicional, como uma maneira de cuidar mais de modo integral, faz com que a ciência, de maneira incipiente ainda, realiza pesquisa no campo espiritual. Este campo sempre foi descartado por não ser explicado com as técnicas laboratoriais.

Boaventura de Souza Santos discute este assunto, na perspectiva de um rompimento de paradigma, sendo a transferência do pensamento abissal para o pós abissal. “O pensamento pós-abissal é um pensamento não derivativo, pois envolve uma ruptura radical com as formas de pensamento e ação da modernidade ocidental”, (SANTOS, 2007, p.15). Contextualizando com a discursão do autor citado, atualmente alguns centros de tratamento da medicina oficial já começam a pesquisar sobre o poder da fé através das orações, sobre a cura em pacientes com doenças graves. Assim como os centros farmacológicos e de cosméticos realizam pesquisas nas comunidades tradicionais e indígenas para fins comerciais. Muitas vezes usam estes saberes de maneira criminosa patenteando-os, ou seja, tirando-os de seus pesquisadores originais.

Little (2010) apontou três vertentes para as quais o conhecimento tradicional ganhou uma maior visibilidade nas últimas duas décadas. Para o autor tal mudança pode está relacionada com o fator histórico, ideológico e econômico. No que tange o fator histórico, Little cita que a UNESCO descreveu que os conhecimentos tradicionais são considerados como um banco de saberes milenares únicos e que necessitam de ser preservados. Já no contexto ideológico o mesmo, cita Redford, (1990) com a ideia de que há uma nova força para o descobrimento do conhecimento tradicional, principalmente que estão relacionados com o conhecimento indígena. Por último Little menciona Reid *et al* (1993) na perspectiva econômico, para ele há um interesse muito grande por parte das indústrias, pois o conhecimento tradicional funciona como um atalho para os pesquisadores, que por sua vez economiza milhões através dos saberes tradicionais.

Durante o desenvolvimento da presente pesquisa, ficou claro os efeitos positivos dos tratamentos dito espirituais em tratamentos de saúde realizados no centro de saúde de Senador Modestino Gonçalves. As orações são realizadas tanto para as doenças físicas quanto para as espirituais. Alguns dos entrevistados defenderam que a união da medicina popular e a medicina científica só trarão benefícios à população. O que seria por Santos (2010) um aproveitamento de uma vasta experiência da ciência do “outro lado da linha” (epistemologias do sul) que por sua vez é desperdiçada, tornadas invisíveis.

Assim podemos perceber o vasto campo a ainda pode ser estudado e considerado em relação à saúde, os saberes e os povos tradicionais. Considerando que os povos tradicionais possuem uma lógica e técnicas para adquirir seus conhecimentos e explica-los em suas práticas de cura. Técnicas estas que foram construídas e transmitidas durante anos e que hoje vem mostrando a sua eficiência na cura de doenças que a ciência convencional não conseguiu

compreender e ainda rotula a mesma como supersticiosa.

Enfim a presente pesquisa mostrou que o conhecimento popular sobre saúde, produção, reprodução e os ciclos da natureza são de extrema relevância para os habitantes de Senador Modestino Gonçalves. No que tange a saúde a busca pelos tratamentos alternativo popular local vai além da falta de acesso à medicina moderna, e sim, por questões culturais e a eficiência de tal medicina.

7. REFERENCIAS

ALMEIDA, A. M. ; STROPPA, A. **Espiritualidade e saúde mental: o que as evidências mostram?** Revista debates em psiquiatria - Nov/Dez 2012.

ALMEIDA, E. O esgotamento da teoria do germe e a crise cultural da medicina oficial. **In:** NASCIMENTO, M. C do; NOGUEIRA, M. I. **Intercambio solidário de saberes em saúde: racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares.** São Paulo, 2013, editora Hucitec. Cap.5, p. 106-120.

ALVES, E. M.; E NEPOMUCENO, J.C. **Avaliação do efeito anticarcinogênico do látex do avelós (Euphorbia tirucalli), por meio do teste para detecção de clones de tumor (warts) em Drosophila melanogaster.** Revista, Perquirere, 9(2):125-140, dez. 2012.

ALVES,R. **Filosofia da ciência.** Introdução ao jogo da regra. Editora Brasiliense. 1981.

ALVES, Z. M. M. B; SILVA, M. H. G. F. D. da. **Análise qualitativa de dados de entrevista:** uma proposta. Paidéia, FFCLRP – USP, Ribeirão Preto, 2, Fev/Jul, 1992.

ATLAS CULTURAL, DIDÁTICO E PEDAGÓGICO. Senador Modestino Gonçalves – MG. 2º ed. 2010.

BARBOSA, M. A; SIQUEIRA, K. M, BRASIL, V. V. **Crenças populares e recursos alternativos como práticas de saúde.** Rev. enferm. UERJ, jan./abril 2004, vol.12, no.1, p.38-43. ISSN 0104-3552

BERTI, F. V; PÉRTILE, R. A. N; SIQUEIRA JUNIOR, J. M; VALLE, R. M. R. do; DIAS, P. F; PORTO, L. M. **Estudo in vitro do efeito antitumoral da aloína em cultura de células de melanoma.** Exacta, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 169-176, jan./jun. 2007.

BORGES, M. da S.; SHIMIZU, H. E.; PINHO, D. L. M. **Representações sociais de parteiras e benzedoras sobre o cuidado.** Cienc Cuid Saude 2009 Abr/Jun; 8(2):257-263.

BRANQUINHO, F. **O poder das ervas na sabedoria popular e no saber científico.** Rio de Janeiro. Editora MauadX. 2007.

Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira / Agência Nacional de Vigilância Sanitária.** Brasília: Anvisa, 2011.

BYRD, R.C. - **Positive therapeutic effects of intercessory prayer in a coronary care unit population.** South Med J Jul V.7, p. 826-829,1988.

CAJOCHEN,C.; EKICI,A.; MUNCH,M.; FREY,S.; KNOBLAUCH,V. JUSTICE, A. W. **Evidence that the Lunar Cycle Influences Human Sleep.** Current Biology Vol 23 No 15, 2013.

CAMARGO, M.T.L.de A; **As plantas medicinais e o sagrado:** A etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil.1^oed.; São Paulo, editora Icone, 2014.

CANGUILHEM, G. **Escritos sobre a medicina.** Tradução Vera Avellar Ribeiro – Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2005.

CAPRA, F. **O tao da física:** uma exploração dos paralelos entre a física e o misticismo oriental. 1^o ed. Editorial Presença, Lisboa 1989.

Carrico AW, Ironson G, Antoni MH, Lechner SC, Durán RE, Kumar M, Schneiderman N. **A path model of the effects of spirituality on depressive symptoms and 24-h urinary-free cortisol in HIV-positive persons.** J Psychosom Res. 2006 Jul;61(1):51-8.

CARVALHO, A. C. D. de. **Curandeirismo e Medicina:** práticas populares e políticas estatais de saúde em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. Londrina: ed. UEL, 1999.

CARVALHO, L. M. de; COSTA, J. A. M da; CARNELOSSI, M. A. **Qualidade em plantas medicinais.** Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2010.

CARVALHO, M. A. de; **Introdução à práxis humana:** “gente humana ou gente natureza”. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

COLANTONIO, A.; KASI, S.V.; OSTFELD, A.M. - **Depressive symptoms and other psychosocial factors as predictors of stroke in the elderly.** Am J Epidemiol V. 7, p. 884-894, 1992.

DANTAS, V. dos S. DANTAS, I. C.; CHAVES, T. P.; FELISMINO Humberto Silva, **Análise das garrafadas Indicadas pelos Raizeiros na Cidade de Campina Grande-PB.** - Volume 03 – Numero 01 – 2008.

DARROZ, L.M.; ROSA, C.T, W. a; VIZZOTTO, P. A; ROSA, A. B. da. **As fases da lua e os acontecimentos terrestres:** a crença de diferentes níveis de instrução. Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia - RELEA, n.16, p.73-85, 2013.

FAZENDA, I (org.). **O Que é interdisciplinaridade?** — São Paulo: Cortez, 2008.

FENNER, R.; BETTI, A. H.; MENTZ, L. A.; RATES, S. M.K. **Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica.** Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas.vol. 42, n. 3, jul./set., 2006.

FERREIRA, E. C.; SILVA, J. L. L.da; SOUZA, R. F.; **As propriedades medicinais e Bioquímicas da planta *stryphnodendron adstringens* “barbatimão”** Perspectivas online: biol. E saúde dos Goytacazes, 11 (3), 14-32,2013.

FIGUEIREDO, B.G. **A arte de curar: Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: A introdução à filosofias e a éticas das ciências.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995.

FRANÇA, I. S. X. de; SOUZA, J. A. de; BAPTISTA, R. S; BRITTO, V; R; de; S. **Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais.** Rev Bras Enferm, Brasília mar-abr; v. 61, N° 2, 2008.

GODEFROID, R S.; SPACH, H. L.; SCHWARZ Jr; QUEIROZ, G. M. L.N.; OLIVEIRA NETO, J. F. de. **Efeito da lua e da maré na captura de peixes em uma planície de maré da Baía de Paranaguá, Parana, Brasil.** B. Inst. Pesca, São Paulo 29 (1):47-55, 2003.

GUIMARAES, H.P.; AVEZUM, A. **O impacto da espiritualidade na saúde física Impact of spirituality on physical health.** Rev. Psiq. Clín. 34, supl 1; 88-94.

ILLICH, I. **A expropriação da Saúde: Nêmesis da medicina.** 3ª Edição. Editora Nova Fronteira 1975.

JOVCHELEVICH, P. **Rendimento, qualidade e conservação pós-colheita de Cenoura (*Daucus carota L.*), sob cultivo Biodinâmico, em função dos ritmos lunares.** 2007, Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

JOVCHELEVICH, P. **Revisão de literatura sobre a influência dos ritmos astronômicos na agricultura.** Revista núcleo de pesquisa interdisciplinar, São Manuel, 2006.

KOENIG H.G.; COHEN H.J.; GEORGE L.K.; HAYS J.C.; LARSON D.B.; BLAZER D.G. - **Attendance at religious services, interleukin-6, and other biological indicators of immune function in older adults.** Int J Psychiatry Med n°27, p.233-250, 1997.

KOENIG, H.G. - **Religion, spirituality, and medicine: research findings and implications for clinical practice.** Rev. South Med J, 2004.

KOSEKI, P. M.; VILLAVICENCIO, A. L. C. H.; BRITO, M. S.; NAHME, L. C.; SEBASTIÃO, K. I.; RELA, P. R.; ALMEIDA-MURADIAN, L. B.; MANCINIFILHO, J.; FREITAS, P. C. D. Effects of irradiation in medicinal and eatable herbs. Radiation Physical Chemistry, v. 63, p. 681-684, 2002.

LEITE, I. A.; MARINHO, M. DAS G. V. **levantamento etnobotânico de plantas Medicinais em comunidade indígena no município de Baía da Traição-PB.** Biodiversidade - V.13, N1, 2014 - p. 82.

LEITE, S. N.; VASCONCELLOS, M. da P. C. **Negociando fronteiras entre culturas, doenças e tratamentos no cotidiano familiar.** v. 13, n. 1, p. 113-28, jan/Mar. 2006.

LITTLE, P. E. **Conhecimentos tradicionais para o século XXI:** Etnografias da interculturalidade. São Paulo: Annablume, 2010.

LIVRO DE TOMBO N°12. Casa paroquial de Senador Modestino Gonçalves.

LUZ, M. T.; **Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas:** Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 145- 176, 2005.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**, 6,ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARINHO, E. N; FRANÇA, F.C; SANTOS, G.S; BARBOSA, D.H.F; SILVA FILHO, J.M.; PALHARES, M.S.; LOPES,E.P; VIAN, W. S; ESQUARCIO, L. M. G; VALLE, G. R. **O ciclo lunar influencia diferentemente o momento do parto de égua de acordo com o sexo do potro.** Ver. Bras. Reprod. Animal, Belo Horizonte, v.39, n.2, p. 296-300, abr/jan. 2015.

MENDONÇA CP, ANJOS LA. **Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/ obesidade no Brasil.** *Cad Saude Publica* 2004; 20(3).

MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**, *Revista Crítica de Ciências Sociais* Revista Crítica de Ciências Sociais, N°80, p. 5-10, 2008:.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento Complexo.** 3° edição. Editora Sulina Porto Alegre, 2007.

NASCIMENTO, M. C. do. A pesquisa em medicina chinesa: análise crítica e propostas alternativas. In: NASCIMENTO, M. C do; NOGUEIRA, M. I. **Intercambio solidário de saberes em saúde: racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares.** São Paulo, 2013, editora Hucitec. Cap.1, p. 21-39.

NOGUEIRA, M. I. A formação médica sob a ótica do paradigma vitalista: via de entrada em um mundo novo. In: NASCIMENTO, M. C do; NOGUEIRA, M. I. **Intercambio solidário de saberes em saúde: racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares.** São Paulo, 2013, editora Hucitec. Cap.6, p. 123-138.

OLIVEIRA, R. M. J. de; **Avaliação de efeitos da prática de imposição de mãos sobre os**

sistemas hematológico e imunológico de camundongos machos. Dissertação - Faculdade de Medicina da Universidade de São, São Paulo, 2003.

PAUNGER, J.; POPPE, T. **O momento certo: O uso do calendário lunar na vida diária.** Editora Madras LTDA, 2003.

PERES M. F. P. , ARANTES, A. C. DE L. Q.; LESSA P. S.; CAOUS, C. A. **A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos** . Rev. Psiq. Clín. 34, supl 1; 82-87, 2007.

QUEIROZ, M. Isaura P. de. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"**. In: SIMSON Olga (org.). Experimentos com histórias de vida. São Paulo: Vértice, 1988.

RIPPENTROP, E.A.; ALTMAIER, E.M.; CHEN, J.J.; FOUND, E.M.; KEFFALA, V.J. – **The relationship between religion/spirituality and physical health, mental health, and pain in a chronic pain population.** Rev. Pain. p. 311-321, 2005.

RIVERA, J. R. **La luna** “ El sol nocturno em los trópicos y su influencia em la aricultura”. Bogotá, Feriva 2005.

SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes.** In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, B. S. **Para além do pensamento Abissal: duas linhas globais a uma ecologia de saberes.** Rev. Novos Estudos, 2007.

SANTOS, O. dos. LOPES, S.G. FEERREIRA, M. VALE, G. **tecnologia do saber: a complexidade do conhecimento lunar no viver rural.** IV encontro em educação agrícola. UTFPR, 2012.

SANTOS, S. M. dos, ARAÚJO, O. R. de. **História oral: Vozes, narrativas e textos.** Cadernos de História da Educação – n. 6 – jan./dez. 2007.

SAVIOLI, R. M. **Milagres que a medicina não contou.** 22 ed. São Paulo: Gaia, 2014.

SIQUEIRA, K. M., Barbosa M.A., Brasil VV, Oliveira LMC, Andraus LMS, **Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais,** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006; 15(1): 68-73.

SILVEIRA, L. da; **Mares, fases principais e bebês.** Caderno brasileiro de ensino de física, Florianópolis, V.20, N.1, 2013.

SIMAO, S. **Influencia lunar sobre plantas hortícolas.** Anais da escola superior de agricultura USP. Piracicaba, 1958. Acessado em <http://www.scielo.br/pdf/aesalq/v14->

[15/08.pdf](#) as 20:31 horas do dia 02/06/2016.

SOUZA, E.F. A. A. de. A pesquisa em medicina chinesa: análise crítica e propostas alternativas. In: NASCIMENTO, M. C do; NOGUEIRA, M. I. **Intercambio solidário de saberes em saúde: racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares**. São Paulo, 2013, editora Hucitec. Cap.3, p. 55-79.

SOUZA, I. C. de. “**De médico e de louco...** concepções e práticas sociais de saúde. Tese de doutorado – Faculdade de medicina de Ribeirão Preto – USP, 1988.

THOMPSON, P.; **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira-Rio de Janeiro ed. Paz e Terra, 1992.

RATES, S.M.K; **Plants as source of drugs** .Toxicon, 2001, V°39, 603–613.

VALE, N. B. de. **A Farmacobotânica, Ainda tem Lugar na Moderna Anestesiologia?**Rev Bras Anesthesiol 2002; V. 52: N°3: 368 - 380.

VIEGAS Jr. C; BOLZANI; V. da S.; BARREIRO, E. J. **Os produtos naturais e a química medicinal moderna**. *Quim. Nova*, Vol. 29, No. 2, 326-337, 2006.

WHO - Traditional Medicine strategy 2002-2005. World health Organization Geneva, 2002.

<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91614/codigo-penal-decreto-lei-2848-40#art-284>

<http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,segmento-de-analgescicos-movimentar-2-6-bi-por-ano,174111e> acessado em 23/10/2016 as 16:07

8. GLOSSÁRIO

Abaixo de Deus: termo usado pelos religiosos para dizer que Deus é superior a todos.

Amuleto: Objetos confeccionados através de plantas, imagens sagradas e outras.

Arma de fogo: revólver, espingarda e etc.

Avoriçado: agitado, ou seja, em constante movimento.

Banhos de descarrego: são banhos preparados com plantas indicadas para afastar energias ruins.

Bicheiras: larvas geradas a partir de ovos de moscas em feridas.

Bicho mal: cobras, aranhas, escorpiões. Este nome é citado em caso de acidente por não poder mencionar o nome do “bicho mal”, devido à emissão de energia através das palavras.

Briquitei: várias tentativas de realizar algo.

Conta de cobra: um preparado a base de plantas específicas e cachaça.

Da noite pro dia: termo usado para referir-se a execução de algo.

Empaliativo: remédio para breve melhora e não para a cura.

Espim de bicho mau: pedaços de ossos de cobras e lagartixas.

Quitandas: biscoitos, bolos e pães produzidos manualmente.

Incômodo: modo popular de referir-se a doença.

Lombrigueiro: um preparado para combater vermes.

Mazela: termo usado em comunidades tradicionais para indicar doença, principalmente os males que atacam às crianças.

Pedra de veado: cálculo retirado próximo à bile do veado.

Raizada: mistura de várias plantas medicinais com cachaça ou vinho.

Sangue sujo: sangue impuro, devido a dietas gordurosas e alimentos produzidos com agrotóxicos.

Sol e sereno na cabeça: mazelas adquiridas por excesso de exposição ao sol e sereno, o sintoma principal é dor de cabeça forte.

Tiço de fogo: pedaço de madeira com fogo.

13 APÊNDICE

A INDUSTRIALIZAÇÃO DOS ALIMENTOS E DA SAÚDE: um breve ensaio sobre os limites e as possibilidades dos saberes populares e tradicionais.

Polliane Rocha da Cruz Moraes

Alan Faber do Nascimento

Lembro-me de meus afazeres domésticos, de quando morávamos na comunidade de Barbada, zona rural de Senador Modestino Gonçalves. Os aprendizados foram muitos, e as lembranças estão bem afloradas em minha mente. É bom recordar de quando minha mãe ensinava minhas irmãs e eu a preparar alimentos produzidos por nós mesmos, de como descascar o arroz e o café sem quebrá-los, o ponto certo da “torra” da farinha de mandioca e do café para uma bebida saborosa e agradável. Mas quero destacar aqui o preparo de temperos e corantes para cardápios variados. De início, minha mãe discutia com a gente os pratos mais consumidos naquela época, pois dependia de cada safra e se o prato era doce ou salgado, para então colhermos as plantas para fabricação dos temperos. Para os pratos salgados, tínhamos como base o sal e o alho, e esse tempero era complementado com pimentas, alfavaca, cebolinha, salsa, alecrim, louro, hortelã, manjeriço e outros. Como corantes, tínhamos o urucum e o açafrão. Cada especiaria era usada em alimentos diferentes, o alecrim e quitoque, por exemplo, dava bom resultado em massas, a alfavaca, em carnes, principalmente de animais silvestres como veado, paca, cutia, porco do mato, tatu, peixe e aves como jacú, aracuan e frango caipira. Para os alimentos doces, colhíamos canela, cravo, casca de limão, casca de laranja e funcho, que “cai” bem nos produtos doces, como os bolos, doces, pães, biscoitos, etc.

Todos os temperos para pratos salgados citados acima são benéficos a nossa saúde, a salsa, por exemplo, é usada por mulheres no tratamento de algumas infecções genitais, o que dispensa o uso de antibióticos e antifúngicos. A canela tem funções terapêuticas para tosses, e o corante açafrão tem propriedades curativas para a anemia. Daí por que a alimentação dos membros das chamadas

comunidades tradicionais, na maioria das vezes, é baseada em alimentos produzidos na própria comunidade, o que os torna independente do mundo industrial.

Os alimentos mais consumidos geralmente são os cultivados pelos próprios moradores, mas a população costuma coletar folhas e frutos silvestres, inclusive algumas com indicativos medicinais. Como exemplo de folhas, podemos citar o picão e serralha, ambos não cultiváveis, nascidos por livre e espontânea vontade em terra fresca e “fértil”, listados pelos povos tradicionais como bom alimento para os rins, sangue e infecção de urina. Já como exemplo de frutos, vale a pena citar a mangaba, fruta típica do cerrado brasileiro que é usada para controlar a pressão arterial, a diabetes, além de ser depurativo do sangue, o que hoje chamamos de alimentos detox, assim como o suco de limão, couve, abacaxi e inhame.

No entanto, mesmo com tantos valores presentes nas comunidades, seus membros têm se rendido à indústria alimentícia capitalista, que apresenta seus sabores e cores, em ato de sedução, através dos meios de comunicação, principalmente a televisão. Vale sublinhar que, em razão dos processos de urbanização e globalização, muitos povos tradicionais trocaram seus alimentos naturais pelos artificiais. Lembro-me muito bem de quando morávamos na roça e tínhamos no quintal de casa, vários pés de laranjeiras plantados. Era possível colher frutos do mês de março até meados de novembro, mês em que começava a safra de outras frutas como a manga. Mas, mesmo com toda a fartura, aos poucos, fomos sendo influenciados pela indústria alimentícia e acabamos trocando o suco natural saudável por sucos artificiais em pó, assim como os nossos temperos naturais terapêuticos por “sazons” e “caldos de Knorr”. No caso, a troca dos alimentos orgânicos pelos artificiais era devido à facilidade no preparo e o baixo custo dos produtos industrializados, mas infelizmente, o que não sabíamos é que a maioria dos alimentos industrializados são compostos por aditivos alimentares prejudiciais à saúde.

Atualmente, existem mais de seis mil tipos de aditivos alimentares no mercado, sendo a maior parte aromatizantes (FOOD INGREDIENTS BRASIL, 2009). Os aditivos foram conceituados pela portaria nº 540 - SVS/MS de 27 de outubro de 1997 publicada pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) como:

“Qualquer ingrediente adicionado intencionalmente aos alimentos, sem propósito de nutrir, com o

objetivo de modificar as características físicas, químicas, biológicas ou sensoriais, durante a fabricação, processamento, preparo, tratamento, embalagem, acondicionamento, armazenagem, transporte ou manipulação de um alimento”. (ANVISA, 1997).

Os aditivos alimentares estão presentes em embutidos, enlatados, guloseimas (doces infantis), refrigerantes e demais produtos que necessitam de sabor e cor para atrair os consumidores. Além disso, alguns dos aditivos são de fundamental importância para a durabilidade dos alimentos, o que gera um menor custo ao fabricante. A mortadela, por exemplo, possui substâncias como nitrato e nitrito, ambos usados para aumentar a durabilidade dos alimentos. Em longo prazo, o consumo exagerado dessas substâncias pode levar ao desenvolvimento de células cancerígenas.

No entanto, os vilões a nossa saúde não são somente os aditivos, isso porque alguns alimentos em contato com diferentes temperaturas podem formar substâncias perigosas, como é o caso da acrilamina. A pesquisadora Valéria Neri afirma em sua dissertação de mestrado que a acrilamina é formada quando alguns alimentos ricos em carboidratos entram em contato com altas temperaturas, a exemplo da batata frita. A autora ressalta ainda, que a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC), deixou claro que a acrilamina foi classificada como um provável carcinógeno humano e que além disso, a substância possui relação com problemas neurotóxicos.

Os pesquisadores Maria Polônio e Frederico Perez relatam que a mudança de hábitos alimentares da população tem chamado à atenção dos órgãos reguladores, haja vista que as trocas de alimentos *in natura* por alimentos processados industrialmente contribuem para o aparecimento de doenças do aparelho circulatório, diabetes e doenças crônicas. Os autores observam que, além dos alimentos processados serem prejudiciais à dieta humana, a indústria ainda abre espaço para questionamento sobre a adulteração da dosagem destes aditivos com a finalidade de aumentar a vida útil dos alimentos, que conseqüentemente tem um menor custo nas prateleiras.

Um grupo de pesquisadores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em pesquisa conjunta com a nutricionista Thatyan Honorato nos disse que os

aditivos são classificados em corantes, aromatizantes, conservantes, antioxidante, edulcorante, acidulante, espessante, estabilizante e umectantes. Os corantes são usados para dar cor aos alimentos, e assim, chamar a atenção; os aromatizantes são usados para nos oferecer aroma, sabor; os conservantes conferem durabilidade aos alimentos; os edulcorantes servem para dar sabor adocicado aos produtos; os antioxidantes têm a função de retardar a oxidação dos alimentos para que assim possam permanecer por mais tempo nas prateleiras; os acidulantes são usados nos alimentos para intensificar o gosto azedo; os espessantes servem para melhorar a textura e aparência dos alimentos; os estabilizantes asseguram as características físicas, levando homogeneidade aos alimentos; e os umectantes evitam que os alimentos percam a umidade.

O médico especialista em alergias e imunologia Marcelo Aun salienta que os aditivos podem causar angioedema, dermatite, eczema, prurido, urticária, dor abdominal, diarreia, náusea, edema de língua ou laringe, vômito, exacerbação da asma, tosse, rinite, mialgia, fadiga, artralgia, desordem de comportamento, cefaleia, neuropatia, parestesia, arritmia, taquicardia, palpitações, anafilaxia, lacrimejamento e tremores – a Rede Record de Televisão apresentou no dia 08 de fevereiro de 2016 alguns alimentos que causam alteração no humor e problemas cardiovasculares, entre os alimentos citados na reportagem estão os sorvetes e os *fast foods*, devido à quantidade de gorduras saturadas contidas nesses alimentos, o que supera dois gramas diários.

O Instituto Nacional do Câncer (INCA) esclarece que vários hábitos têm sido associados ao processo de desenvolvimento do câncer, principalmente o câncer de mama, cólon (intestino grosso) reto, próstata, esôfago e estômago. O INCA faz um alerta sobre o consumo de alguns alimentos ricos em gorduras, tais como carnes vermelhas, frituras, molhos com maionese, leite integral e derivado, bacon, presuntos, salsichas, linguiças, mortadelas e outros. Tais alimentos, caso consumidos com frequência, em longo prazo podem fornecer o tipo de ambiente que uma célula cancerosa precisa para se desenvolver, multiplicar e disseminar – ainda nessa publicação são citados os aditivos alimentares nitritos e nitratos como causadores de doenças malignas, sendo que como prevenção, o INCA orienta ingerir bastante frutas, verduras, legumes e cereais integrais. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS), em publicação de 26 de outubro de 2015 soltou um aviso

sobre os riscos de uma alimentação industrializada. Entre os alimentos perigosos listados como causadores de câncer, figuram os embutidos como salsicha, salame e bacon (alimentos com influência no desenvolvimento do câncer de colo retal), além da carne vermelha.

E mais: um estudo realizado com ratos no Japão pelo cientista Yu Sasaki demonstrou que 39 produtos químicos usados como aditivos alimentares são genotóxicos, como corantes, fixadores de cor, conservantes, antioxidantes, fungicidas e adoçantes. De todos os aditivos alimentares testados, os corantes foram os que mais apresentaram potencial genotóxico nos órgãos gastrointestinais – é possível identificar toxicidade com apenas uma dose de 10mg/kg, uma quantidade bem próxima do que é liberado pela ANVISA.

Dentre os aditivos alimentares será discutido rapidamente sobre alguns dos mais consumidos pela população, o ciclamato de sódio (edulcorante), nitrito e nitrato (conservante), tartrazina (corante).

Ciclamato de sódio

O ciclamato de sódio surgiu em 1937 quando o estudante Michael Sveda da Universidade Norte Americana de Illinois preparava alguns compostos do grupo sulfamatos, na esperança que eles tivessem propriedades farmacológicas. No entanto, ao colocar seu cigarro na boca, o jovem pesquisador descobriu um sabor adocicado, fato que levou a presumir, na investigação, que o sabor doce era devido à presença da substância cicloexilsulfamato.

O ciclamato é um adoçante artificial derivado do petróleo e seu consumo deve ser moderado, sendo permitido apenas 11mg por kg. O seu uso iniciou em 1959, quando da autorização pela Food And Drugs Administration (FDA). O ciclamato foi incluído no grupo de substâncias confiáveis que poderiam ser usadas por quem tem restrição ao açúcar.

O pesquisador Mateus Petrarca esclarece que o ciclamato de sódio é uma substância que confere sabor adocicado e baixa caloria a bebidas e alimentos. É um componente que faz parte do grupo de edulcorantes artificiais, tal como sucralose e aspartame. A substância em contato com as bactérias intestinais se transforma em ciclohexalamina e passa a habitar o cólon e cécun por meio de micro-organismos presentes no corpo humano: “37% do ciclamato ingerido são absorvidos, e os 63%

restantes estão disponíveis para a conversão à ciclohexilamina, cuja taxa média de conversão em seres humanos é de 30%”(PRETARCA, 2011, p.2). Pior ainda: estudos apontam a adulteração da quantidade de ciclamato nos alimentos. Em um teste de laboratório, foram analisadas 18 amostras de refrigerantes, e apenas 4 continham a quantidade de edulcorante dentro do limite estabelecido pela legislação brasileira. O restante das amostras informava uma quantidade superior da substância, se comparado ao que era informado nas rotulagens das bebidas.

Em contexto internacional, é importante frisar que desde 1969 o ciclamato de sódio está banido nos Estados Unidos, depois que estudos associaram a combinação de ciclamato e sacarina sódica com o aumento tumores em ratos. Além disso, o componente é associado com doenças como nefrocalcinose, nefrite e nefrose, diarreia, calcificação no miocárdio e esclerose de valvas, anemia e plaquetopenia, tireóide, aumento do peso, aumento da quantidade de células alfa-pancreáticas, prejuízos ao sistema reprodutor em animais. Já no Japão, em pesquisa realizada com roedores, observou-se que o ciclamato de sódio induziu a um aumento bastante significativo de danos no DNA do estômago, cólon, rim e bexiga, além de problemas em órgãos gastrointestinais, configurando, portanto, como um importante carcinógeno.

Nitritos e nitratos

Atualmente, o câncer representa um grave problema de saúde pública. Vários estudos têm relacionado à manifestação do câncer a hábitos e estilos de vida não saudáveis, seja pelo consumo de álcool, cigarro, gorduras trans e saturadas, por aditivos alimentares, ou pela baixa ingestão de fibras. Algumas pesquisas têm percebido a relação entre a exposição de substâncias como os conservantes nitritos e nitratos e outros aditivos alimentares da dieta humana com o desenvolvimento de câncer no estômago, esôfago, cólon, reto, mama e ovário.

A relação entre o câncer de estômago e os nitratos e nitritos foi apontada por Sônia Câmara em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em 2006. No estudo, a autora relata que os nitritos e nitratos são aditivos usados em produtos cárneos curados, com a finalidade de inibir o crescimento de micro-organismos como o *clostridium botulinum* que causa o

botulismo. No entanto, uma alimentação rica em nitritos e nitratos se torna preocupante, devido à combinação com os compostos orgânicos derivados da amônia (aminas), formando nitrosaminas, considerada um importante carcinógeno.

Camila Dutra relata que para os humanos, a nitrosamina é um composto altamente mutagênico, teratogênico e carcinogênico. Sua formação advém da reação de nitrosação de aminas presentes nos alimentos. A nitrosamina também pode ser ingerida por meio dos hábitos de fumar e mascar tabaco, além da água, artigos de borracha, cosméticos e agrotóxicos. Contudo, a principal causa de intoxicação vem mesmo dos alimentos, notadamente nos alimentos curados como linguiças e salsichas, pois trata-se de alimentos de baixo custo e consumidos por grande parte da população.

Em pesquisa realizada na Universidade Federal da Bahia em 2008, os professores Ivaldo Trigueiro e Lilian Andrade avaliaram a quantidade de nitrito em alguns alimentos. Das 27 amostras de salsichas, a pesquisa concluiu que nada menos que 44,44% das amostras continham o conservante nitrito acima do permitido pela legislação brasileira. Fato que gera preocupação e deveria levar o poder público a realizar campanhas destinadas à redução do consumo de produtos defumados e embutidos.

Tartrazina

A alimentação além de atender as necessidades vitais, é considerada como algo prazeroso à vida do ser humano. Para atender tais prazeres, a indústria alimentícia tem criado maneiras de chamar a atenção do consumidor. Uma forma encontrada pelas corporações é a de manipular a coloração dos alimentos, seja por meio de corantes naturais ou artificiais. É a partir da coloração, consistência e outras características que se dá a aceitação do produto. Desse modo, ainda que os corantes artificiais não possuam valor nutritivo, eles são introduzidos nos alimentos para conferir cor e sabor.

Os aditivos que conferem cor podem ser naturais, como o urucum e o açafrão, ou artificial, como o amarelo tartrazina ou o amarelo crepúsculo. A tartrazina é originada da tinta do alcatrão de carvão. Seu uso serve para realçar cor em

produtos lácteos, licores, fermentados, produtos de cereais, frutas, iogurtes e outros.

Entre os danos à saúde humana, a tartrazina pode causar insônia em crianças e afecção da flora gastrointestinal. Ademais, a tartrazina tem despertado atenção entre toxicologistas e alergistas, pois é apontada em pesquisas como causadora de urticárias e asma. Além disso, estima-se que entre 8 a 20% da população alérgica à aspirina possui reação adversa ao corante. E mais: a tartrazina tem sido apontada como um dos corantes mais genotóxicos, figurando como importante causadora de danos na estrutura do DNA.

As professoras Eliane Vidotti e Maria Rollemberg, do departamento de química da Universidade Estadual de Maringá, fazem uma alerta acerca da importância de investir em pesquisas que relacionam os aditivos alimentares com os prejuízos à saúde da população:

“Os corantes amarelo crepúsculo e amarelo tartrazina são corantes sintéticos que apresentam estruturas distintas das substâncias corantes encontradas na natureza. Estes corantes são comumente adicionados aos alimentos, proporcionando coloração intensa e estável ao produto industrializado. Assim como para muitos outros aditivos alimentares, o controle analítico dos corantes sintéticos é de grande importância na indústria alimentícia, devido ao potencial tóxico e carcinogênico que apresentam”. (VIDOTTI; ROLLEMBERG, 2006, p. 01).

Importante frisar que os organismos internacionais de saúde determinam uma ingestão diária aceitável (IDA) de tartrazina de até 7,5 mg/kg por peso corpóreo. No entanto, as quantidades permitidas nos alimentos variam para os diferentes produtos. Para bebidas não alcoólicas, por exemplo, a quantidade máxima de tartrazina deve ser de 0,01g/100mL. O mesmo valor é o permitido para alimentos em pó, usados no preparo de bebidas não alcoólicas gaseificadas e não gaseificadas. Já o pó para o preparo de sobremesa de gelatina, a quantidade máxima é de 0,015g/100ml. Em pesquisa realizada em 2014 pela nutricionista Aline Piasini, observou-se, contudo, que o corante tartrazina em sucos e gelatinas aparecem em quantidades superiores ao que é permitido pela ANVISA. No caso, a agravante reside no fato de que boa parte desses alimentos são consumidos por crianças, em média, antes mesmo de completarem dois anos de idade.

Da medicina ocidental industrial à medicina tradicional

O Filósofo e médico francês George Canguilhem considera que foi durante o século XIX que a medicina moderna ocidental identificou os agentes de algumas de nossas principais doenças, como, por exemplo, o vírus, os micróbios, os bacilos, bem como seus agentes vetores: ratos, pulgas, mosquitos e outros.

Em "A expropriação da saúde: nêmesis da medicina" o pensador austríaco Ivan Illich nos relata que todos estes desvendamentos trouxeram possibilidades de inovações que alimentam descobertas até os dias de hoje, caso das técnicas sanitárias e do descobrimento das vacinas.

No entanto, a mesma medicina, baseada na biologia, que aumentou a expectativa de vida nos últimos anos e continua alcançando uma inegável eficácia em muitas frentes, e é a mesma apontada por vários autores como uma medicina perigosa e com falhas, que estimula o paciente a fazer tratamentos agressivos, sem a devida necessidade, por interesses econômicos tanto da parte médica quanto da indústria farmacêutica, além de induzir a população a não prevenção das doenças que poderiam ser evitadas com alimentação.

Os meios de comunicação de massa (principalmente a televisão) favorecem a situação, pois oferecem a todo tempo aparelhos clínicos caros, convencendo-nos de que o mais caro é sempre melhor e essencial para a longevidade da vida humana. Forma-se então, um "sistema maligno" em que os principais componentes são a medicina, a farmacologia, a mídia, a política e a economia, cuja atuação é determinada pelas forças do capital. Note-se que, para uma propaganda de medicamento ser apresentada em horário nobre em uma rede de televisão, o anúncio chega a custar até R\$686.970,00 reais por 30 segundos de apresentação. Portanto, não se pode acreditar que o anunciante está pagando tal preço para propagar seu produto simplesmente para nos oferecer conforto e cura, mas sim por causa da eficácia da propaganda industrial capitalista: "Na área da saúde, esta visão é problemática, uma vez que os interesses empresariais se movem pela lógica econômica do lucro e não para o atendimento das necessidades da saúde." (GADELHA, 2006, p. 01).

Podemos perceber em alguns medicamentos os efeitos adversos causados

pelo seu uso contínuo. Na maioria das vezes, os efeitos negativos não são esclarecidos à população pelos médicos, a fim de que cada pessoa tome consciência de seus atos preventivos, tampouco durante as consultas é sugerido algo para reverter o quadro de saúde sem o uso da medicação, o que muitas vezes é possível.

Quando compramos um medicamento, recebemos também um folheto explicativo, a chamada bula, na qual consta uma série de informações, inclusive sobre os efeitos colaterais do remédio. No entanto, o que não se diz é que os efeitos negativos possíveis ante aos efeitos benéficos podem ultrapassar em dez vezes mais a função da medicação. Como se não bastassem os efeitos colaterais, alguns medicamentos ainda possuem ação viciante.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), os medicamentos sintéticos ajudam no tratamento de doenças, mas também causam prejuízos à saúde humana. Um exemplo são as publicações da OMS sobre o perigo oferecido pelos antibióticos. Tais medicamentos são usados em tratamentos ou prevenção de infecções bacterianas. No dia 16 de novembro de 2015, a diretora da OMS Margaret Chan alertou que os antibióticos podem representar um problema global e que todas as pessoas estão sujeitas um dia a serem afetadas por uma infecção resistente a esses medicamentos, haja vista que as bactérias evoluem e se tornam resistentes aos medicamentos usados no combate das infecções – a resistência adquirida esta ligada ao mau uso e/ou ao consumo excessivo do remédio.

Na verdade, ouvimos o tempo todo dos meios de comunicação que devemos usar medicação sintética para evitar doenças. Porém, essas mazelas nada mais são que uma comunicação dos órgãos avisando que algo de errado está acontecendo no organismo humano. A desorganização na maioria das vezes pode ser corrigida ou evitada sem intervenção de uma medicação farmacológica. Pode-se reorganizar o organismo por meio de atividades físicas, alimentação saudável, tranquilidade psicológica e bons hábitos, além da medicina alternativa com plantas e alimentos medicinais que pouco é divulgada pela mídia.

Todavia, a alienação bloqueia a capacidade reflexiva da população. E ficamos iludidos com o discurso dos grandes fabricantes e corporações de que seus medicamentos prolongam a vida humana. É o que demonstram os exemplos a seguir.

Conforme bula do alendronato de sódio 70mg, fabricado pela empresa SEM SIGMA PHARMA LTDA, este medicamento é usado no tratamento de osteoporose. A bula informa que o uso desta droga sintética pode trazer várias complicações como: náusea, vômito, fezes sanguinolentas, irritação do esôfago, úlcera, dor torácica, refluxo gastroesofágico, dificuldade de engolir, dor ao deglutir, dor óssea, dor muscular, dor nas articulações, inchaço nas juntas mãos e pernas, coceira e dor ocular, erupções cutâneas, perda de cabelo, urticária, inchaço da face, inchaço da língua, lábios e garganta, úlcera gástrica e úlcera pépticas, problemas maxilares. No caso desse medicamento, a bula ainda esclarece que nem todas as reações adversas estão contidas no folheto e informa a seguinte mensagem: “seu médico possui uma lista mais completa dos efeitos adversos” (BULA OSTEOPOROSE).

Outro medicamento é o Carvedilol, droga sintética usada no tratamento de problemas cardiovasculares como angina no peito, fraqueza no coração e hipertensão arterial. Os efeitos colaterais segundo a bula do remédio emitida pela empresa Biosintética do grupo Aché são os mais diversos. Os pacientes medicados podem apresentar: tontura, alterações visuais, bradicardia, cefaleia, fadiga, humor deprimido, distúrbios do sono, parestesia, hipotensão postural, síncope, distúrbio da circulação periférica, bloqueio AV, edema periférico, angina do peito e sintomas de insuficiência cardíaca, asma, dispneia, obstrução nasal, desconforto gastrointestinal, dor abdominal, diarreia, vômito, obstipação intestinal, reações cutâneas, urticária, prurido, lesões psoriásicas, trombocitopenia, leucopenia, hiperglicemia, hipoglicemia, deterioração do controle da glicose, hipercolesterolemia, obesidade, irritação ocular, distúrbios visuais, redução do lacrimejamento, secura na boca, distúrbio na micção, insuficiência renal, alteração da função renal e comprometimento da função renal (BULA CARVEDILOL).

O que esses dois exemplos expressam é que a medicina moderna ocidental, apesar de pretender curar uma determinada enfermidade, acaba gerando e colocando a sociedade exposta a outras fontes de problemas de saúde causadas pelo efeito biomédico. Razão pela qual o cientista austríaco Ivan Illich cunhou o conceito de “Iatrogênese”. A Iatrogênese seria “enfermidade, impotência, angústia e doenças provocadas pelo um conjunto de cuidados profissionais constituem uma epidemia mais importante do que qualquer outra e não obstante a menos reconhecida” (ILLICH, 1975 p. 8). Vale frisar que os efeitos iatrogênicos podem

surgir tanto em nível biológico quanto social oferecendo riscos à saúde da humanidade (Marilene Nascimento e Maria Nogueira).

Um exemplo paradigmático de iatrogênese, surgido em meados do século XIX, é a própria vacinação.

Muito longe de ser excluído está o fato de que a prática generalizada de vacinação tem como consequência o aparecimento de variedades de micróbios mais resistentes às vacinas. Esse é apenas um dos aspectos de uma intervenção de fim determinado, que faz da multiplicação e da eficácia crescente dos atos médicos e cirúrgicos, nas sociedades industriais de alta tecnologia de proteção sanitária, um risco de multiplicação das fraquezas do sistema biológico interno de resistência às doenças”. (CANGUILHEM, 2005, p. 27).

A professora Madel Luz nos explica que a “crise da saúde” que caracteriza o final do milênio está relacionada a fatores éticos, político, pedagógico e social que, conseqüentemente, fazem ligação com questões econômicas e culturais. Ressalta, ainda que, a “crise da saúde” pode ser vista como resultado do desenvolvimento das desigualdades sociais no mundo capitalista. A autora acredita que muitos dos problemas relacionados à industrialização da medicina poderiam se resolver, caso os governantes estivessem empenhados e comprometidos com a saúde da sociedade, e não simplesmente com a questão política e econômica – apesar de causadores de doenças crônicas e cardiovasculares, os meios de comunicação de massa e o Estado não fazem campanhas contra os possíveis problemas de saúde que os alimentos industrializados e maus hábitos causam à população, em alguns casos chegando inclusive a omiti-los.

Nesse sentido, podemos considerar que se faz necessário instruir a população sobre os benefícios de uma alimentação saudável. Notadamente, se pensarmos no caso das comunidades tradicionais, a desinformação e o incentivo a uma alimentação baseada em alimentos industrializados causam prejuízos tanto à saúde quanto a cultura dessas populações.

Por outro lado, porém, apesar da pressão pela uniformização dos hábitos e do consumo, tais populações carregam o germe da contratendência. Basta lembrar que as comunidades tradicionais aproveitam os alimentos oferecidos pela natureza de uma forma muito mais eficiente. A mesa dos moradores dessas comunidades é composta por alimentos produzidos por eles mesmos, como o arroz e o feijão, ou oferecidos por livre espontânea vontade da própria natureza, como os “frutos do

mato” (pequi, mangaba, panam, cagaita, grão de galo, guabiroba, jabuticaba do campo, castanhas, jatobá, araticum, araçá, jambo, marmelada da mata, semente de pau d’óleo).

Além dos frutos, são aproveitadas também nas refeições do dia a dia as folhas como picão, serraia, gondó, samambaia, taioba, berdoega, cansanção, quitoque e a alfavaca, assim como o palmito de coqueiro, macaúba e outros. O equilíbrio da subsistência familiar é completado com a inclusão na alimentação de peixes e animais silvestres, como o veado, capivara, cutia, mocó, paca, tatu, porco do mato, gambá, onças, tamanduá, e repteis como jacaré e jiboia.

A variação no cardápio tem um propósito muito útil nas comunidades tradicionais, qual seja: a sustentabilidade. É por meio de modos sustentáveis que as comunidades conseguem figurar como importantes atores na produção da biodiversidade. Em relação à caça de animais silvestres e coletas de "frutos do mato", as comunidades tradicionais respeitam o período de maturação do fruto e o período de reprodução dos animais - caso da piracema (desova dos peixes), protegida pela lei 7.653/1988. Na coleta de folhas é respeitada a quantidade de pés dentro de um determinado espaço, além do período de sementiação da planta. Já na colheita dos frutos, é levado em conta a fase de maturação dos frutos, considerando a importância da fase ideal da semente para disseminação da espécie. Importante sublinhar que tais alimentos acima são puros, sem adição de agrotóxicos e sem estimulantes de crescimento e produção, ou como diz o modo popular: "tudo tem seu tempo respeitado".

Em relação à associação desses alimentos com o benefício à saúde, cumpre mencionar a sua função medicinal. A função medicinal pode ser curativa ou preventiva, derivada tanto do consumo de carne, ossos, gorduras de animais, quanto das folhas e frutos silvestres e cultiváveis. Além do mais, são pouquíssimas as produções que geram resíduos nas comunidades tradicionais. Própria da lógica camponesa e contrária à obsolescência programada da dinâmica industrial, a maioria dos resíduos ganha outras utilidades, caso do uso como fertilizante (esterco) de plantações, seja em hortas ou roças (cultivo de milho, feijão, arroz e outros), ou na alimentação de animais como cães, gatos, porcos etc.

Para exemplificar o que acabamos de relatar, falemos um pouco sobre o consumo de alguns animais como onça, tatu, capivara, peixe e jiboia. No caso da

onça, quando o animal é capturado, além do consumo da carne e do uso do couro para fabricação de alforjes (conjunto de sacolas), é costume estocar ou "repartir" com os membros da comunidade, seus ossos e gordura, por serem eficazes no tratamento de moléstias como asma, gripe, pneumonia e reumatismo, além de oferecer aos vizinhos e amigos um guisado (pedaço da carne) como iguaria. Essa estocagem ou divisão de óleo e ossos com os membros da comunidade ocorre porque a onça é um animal que "pare" poucos filhotes e os moradores se preocupam com a manutenção da espécie, uma vez que eles dependem dos animais para tratamento de suas moléstias e para complementação do cardápio, além dos animais fazerem parte da cadeia alimentar e equilíbrio da disseminação das espécies – é importante lembrar que as onças consomem animais como capivaras e porco do mato (cateto). As capivaras e catetos em grandes quantidades não são interessantes para os produtores de roças (milho, batatas, mandiocas, canas, inhames, carás, feijão e outros), e tanto o cateto quanto a capivara dão à luz vários filhotes de uma só vez.

Do tatu e do peixe são consumidos a carne, e com fins medicinais são utilizados o óleo para tratamentos de queimaduras. A "banha" de ambos serve tanto para aliviar a dor quanto para cicatrizar as feridas geradas pela queimadura. A esse propósito, lembro-me de quando eu e minha família morávamos na comunidade de Barbada, zona rural de Senador Modestino Gonçalves, no vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, e de como éramos tratados de queimaduras com óleos. O fato é que, em caso de queimaduras, até hoje repito o mesmo tratamento que fazia quando morava em minha comunidade. Apesar de ser um remédio natural, ainda sim, temos que seguir algumas recomendações: caso as feridas estejam abertas, é necessário levar o óleo ao fogo minutos antes de começar o tratamento, isso para evitar contaminações.

A capivara, por sua vez, é um animal que leva muita fartura à mesa e esperança para quem sofre de asma, bronquite e chiado. De novo, lembro-me de que minha irmã sofria de chiado e foi lhe indicado dois remédios: o primeiro era gordura de capivara ministrada em chás de hortelã, capim cidreira, poejo ou folha de laranja, e o outro tratamento seria cozinhar os testículos de um leitão preto, contanto que não tivesse nenhuma pinta branca em qualquer parte do corpo – trata-se de um tratamento sigiloso onde o paciente nunca pode saber. Com tantos detalhes para

seguir, minha mãe escolheu a primeira opção, e minha irmã se curou de chiado e nunca mais teve a doença. O meu primo irmão obteve também cura de chiado com esse mesmo tratamento. No caso dele, o remédio foi ministrado por 11 dias consecutivos, contando 11 gotas no primeiro dia e, gradativamente, diminuindo a dose até chegar a uma gota.

Por último, temos a jiboia, o preparo da carne desse réptil é diferenciado: depois de tirar a pele é medido um palmo da cabeça e um palmo da calda e o que sobra entre a medida da cabeça e da calda é o que podemos consumir. Os restos não devem ser aproveitados para nenhum fim, inclusive os espinhos (ossos) de todo o corpo. É aconselhado enterrar a sobra para evitar acidente com “espinho de bicho mau”, como é conhecido no modo popular. As funções terapêuticas vindas da jiboia são tanto da pele quanto do óleo. A pele é usada para fazer cinto para quem tem problemas na coluna. Já o óleo é eficaz no tratamento tanto para animal quanto em humanos. Em minha comunidade quando um animal ou humano machuca o nervo, levando-o a “definhá”, nós chamamos esse incidente de “espaduar”, e o tratamento para tal “incômodo” é feito com gordura de jiboia. Falando disso, me vem à memória o dia em que uma vaca se machucou no sítio do meu pai e seu quarto (pata traseira) definhou, secou e perdeu os movimentos, a recuperação total foi graças ao tratamento com banha de jiboia.

Por fim, cumpre comentar sobre o alerta da Organização Mundial da Saúde, em relação ao consumo desenfreado e muitas vezes sem necessidade de antibióticos. A OMS declarou que daqui a aproximadamente 10 anos os antibióticos existentes não serão capazes de controlar as superbactérias desenvolvidas por eles mesmos. Adverte, ainda que, em muitos casos, o paciente não precisa de antibióticos e, mesmo assim, são prescritos, até mesmo para uma simples gripe. Vale lembrar que a medicina popular oferece tratamentos muito eficientes contra a gripe, inclusive a pneumonia: é muito usado tanto no tratamento de gripe forte quanto para pneumonia uma planta conhecida como papaconha. O chá desta erva do cerrado é considerado quente e forte, isso quer dizer que, quando ingerido deve o paciente se resguardar de friagens; se não cumprir o resguardo por no mínimo dois dias o paciente pode ter problemas como inchaço e constipação. Já em relação à característica “forte”, é porque se trata de uma planta que deve ser colhida em fase de lua minguante, de preferência fora do dia em que a lua faz “passagem”.

A OMS relatou também, sobre o uso de antibióticos e outros remédios em animais. Entre os vários tratamentos existentes na medicina tradicional, citamos dois, ambos referentes à reprodução de animais. A primeira técnica é muito usada em cadelas para que elas não entrem em fase de reprodução: é necessário torrar três sementes de laranjas e ministrar junto com a alimentação do animal. A outra técnica é utilizada bastante em porcas e vacas para os casos de sintomas de aborto: quando os animais estão com problemas na gestação, logo após apresentar os sintomas, são torrados espinhos de “porco espinho” ou “luiz caxeiro” e colocados na alimentação do animal para impedir que ocorra o aborto. Além desses, existem vários outros tratamentos naturais para animais, eficientes para vários tipos de pestes e intoxicação por alimento.

Concluimos então, que o avanço tecnológico industrial possui seus valores, mas no entanto, traz junto com seus benefícios, impactos negativos importantes num processo ambivalente que mina inclusive a reprodução das formas tradicionais de medicina praticadas pelas diferentes comunidades. O que compromete a longevidade de vida dessas populações, suas relações sociais, seus fatores culturais, saúde, comportamento e a degradação do meio ambiente em que vivem. Daí a importância de valorizar e estimular o desenvolvimento das práticas tradicionais de cura. Trata-se de um patrimônio cuja preservação aponta sobretudo para a manutenção da vida das gerações presentes e futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L. L; TRIGUEIRO, I.N.S. Nitrito residual em salsichas de ave comercializadas em Salvador-BA. Rev. Higiene alimentar. V.22, 2008.

AUN, M. V; MAFRA, C; PHILIPPI, C. J; AGONDI, J; K. R. C; MOTTA; A. A. **Aditivos em alimentos**. Rev. bras. alerg. imunopatol – Vol. 34. Nº 5, 2011.

CAMARA, S. A.V. **Fatores de risco para câncer de estômago**: avaliação dos teores de nitratos e nitritos em linguiças. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. MS, 2006.

CANGUILHEM, G. **Escritos sobre a medicina**. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2005.

DUTRA, C. B.; RATH, S.; REYES, F.G. **Nitrosaminas voláteis em alimentos**. Alim. Nutr., Araraquara v.18, n.1, p.111-120, jan./mar. 2007.

Food ingredients Brasil N° 9, 2009. www.revista-fi.com.

GADELHA, C. A. G. **Desenvolvimento, complexo industrial da saúde e política industrial**. Rev Saúde Pública 2006;40(N Esp):11-23.

HONORATO, T.C.; BATISTA, E.; NASCIMENTO, K. de O. de.; PIRES, T. **Aditivos alimentares: aplicações e toxicologia**. Rev. Verde. Mossoró-RN V.8, n°5, p. 01-11-2013.

ILLICH, I. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. Rio de Janeiro. Ed. Nova fronteira, 1975. 3° edição.

http://www.iarc.fr/en/media-centre/pr/2015/pdfs/pr240_E.pdf (acessado dia 24/11/2015 as 16:01 horas).

<http://www.inmetro.gov.br/consumidor/produtos/adocantes.pdf> (acessado dia 27/10/2015 as 13:54).

<http://www.who.int/mediacentre/news/statements/2015/processed-meat-cancer/es/> (acessado dia 23/11/2015 as 12:38 horas).

LUZ M. T. **Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX1**, PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, p.

145- 176, 2005.

NASCIMENTO, T.S.; PEREIRA, R. O. L; MELLO, H. L. D; COSTA, J.**Metemoglobinemia**: do diagnóstico ao tratamento. Rev Bras Anesthesiol. v.58, nº6, 2008.

NASCIMENTO, M. C. do. ; NOGUEIRA, M. I. **Intercâmbio solidário de saberes em saúde**: racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares. São Paulo.Ed.Hucitec. 2013.

NERI, V. C. de C.; **Acrilamida em Alimentos**: Formação Endógena e Riscos à Saúde. / Valéria Cristina de Carvalho Neri. Rio de Janeiro: INCQS/FIOCRUZ, 2004.

Food ingredients Brasil. Dossiê corantes. , n. 9, 2009.

PETRARCA M.H, BONIFÁCIO M. T. E. S, MONTEIRO M. **Ciclamato de sódio em refrigerantes de baixa caloria**. Rev Inst Adolfo Lutz. São Paulo, 2011.

PIASINI, A., STULP, S.; DAL BOSCO, S. M.; ADAMI, F.S. **Análise da concentração de tartrazina em alimentos consumidos por crianças e adolescentes**.Vol.19,n.1,p.14- 18, 2014.

POLÔNIO, M.L.T, PERES F. **Consumo de aditivos alimentares e efeitos à saúde**: desafio os para a saúde pública brasileira Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 25 nº8, p. 1653-1666, ago, 2009.

SASAKIA, Y. F.; KAWAGUCHIA, S.; KAMAYAA, A.; OHSHITAA, M.; KABASAWAA, K; IWAMAA, K.; TANIGUCHIB, K.; TSUDAC, S. **The comet assay with 8 mouse organs**: results with 39 currently used food additives. Mutation esearch. V. 519, p.103–119, 2002.

Vidotti, E. C.; Rollemberg, M. do C. **Espectrofotometria derivativa**: uma estratégia simples para a determinação simultânea de corantes em alimentos. Quim. Nova, Vol.

29, No. 2, p. 230-233, 2006.

http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=18. (acessado dia 12/11/2015 as 14:24).

<https://portaldatvbrasileira.wordpress.com/2012/01/27/tabela-de-precos-comerciais-asemissoras-2012/> (acessado dia 27/10/2015 as 14:23).

<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2014/amr-report/es/> (acessado em 01/12/2015 as 10:36).

<http://www.who.int/features/2015/antibiotics-solomon-islands/es/> (acessado dia 01/12/2015 as 15:54).